



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS  
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM  
ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

**Dionathan Soares Fragoso**

**Estradas e Histórias: o Ensino de História e a Rodovia Belém-  
Brasília nas memórias dos moradores de Guaraí - TO (1958-1970)**

Araguaína/TO  
2024

Dionathan Soares Fragoso

**Estradas e Histórias: o Ensino de História e a Rodovia Belém-  
Brasília nas memórias dos moradores de Guaraí - TO (1958-1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PPGEHIS) - Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA). Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em 27 do mês de fevereiro de 2024 e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. Marcos Edilson de Araújo Clemente

Araguaína/TO  
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- S676e Soares Fragoso, Dionathan.  
Estradas e Histórias: o Ensino de História e a Rodovia Belém-Brasília nas memórias dos moradores de Guaraí - TO (1958-1970). / Dionathan Soares Fragoso. – Araguaína, TO, 2024.  
156 f.
- Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Ensino de História, 2024.  
Orientador: Marcos Edilson de Araújo Clemente
1. Ensino de História. 2. Belém-Brasília. 3. Guaraí. 4. História Oral.  
I. Título

CDD 980

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dionathan Soares Fragoso

**Estradas e Histórias: o Ensino De História e a Rodovia Belém-  
Brasília nas memórias dos moradores de Guaraí - TO (1958-1970)**

Dissertação apresentada a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (Unidade Cimba), curso de Programa de Pós-Graduação em Ensino De História (PPGEHIS) - Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA). Foi avaliada para a obtenção do título de mestre em 27 do mês de fevereiro de 2024, e aprovada em sua forma final pelo(a) orientador(a) e pela banca examinadora.

Data de aprovação: 27/02/2024

Banca examinadora:



---

Prof. Dr. Marcos Edilson de Araújo Clemente (UFNT)



---

Prof. Dr. Erinaldo Cavalcanti (UFPA)



---

Prof. Dr. Moisés Pereira da Silva (UFNT)

*Dedico este trabalho aos meus avós, Ladislau e Edinalva, e à minha madrinha Valdirene, a quem eu amo muito.*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas e instituições que contribuíram para a realização desta dissertação de mestrado. Este trabalho não teria sido possível sem o apoio inestimável e o estímulo de muitas pessoas excepcionais.

Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu orientador Marcos Edilson de Araújo Clemente cuja orientação sábia, conhecimento profundo e incentivo constante foram fundamentais para o sucesso deste projeto. Sua dedicação à excelência acadêmica e compromisso com meu desenvolvimento acadêmico foram verdadeiramente inspiradores.

Além disso, expresso minha profunda gratidão aos membros da banca examinadora, prof. Dr. Erinaldo Cavalcanti e o prof. Dr. Moisés Pereira Silva, por dedicarem seu tempo e expertise na avaliação crítica deste trabalho.

Não posso deixar de agradecer aos meus colegas e professores(as) Bruno Mendes, Daniel Leda, Fransuely, Tainah Oliveira, Thamires, Núbia, Vera L. Caixeta, cujas valiosas contribuições e apoio foram fundamentais em várias fases desta pesquisa, sem contar com o fortalecimento de amizade e as muitas risadas que compartilhamos juntos.

Agradeço também à instituição de ensino Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres, cujo suporte foi essencial para tornar possível a realização desta pesquisa. Aos colaboradores Priscila Lomazzi, Luiz Antônio de Souza, Geisa Marcela Bertanha e Jadson Rocha, os principais apoiadores desta pesquisa, que juntos forneceram condições para a realização deste estudo, principalmente a professora Geisa que me ajudou com a flexibilidade das aulas.

Aos estudantes que decidiram participar, expresso meus sinceros agradecimentos. Sua colaboração foi fundamental para o sucesso deste projeto, e valorizo profundamente o comprometimento e contribuição de cada um deles.

Do mesmo modo, agradeço aos moradores Constância Noronha Aguiar, Onildo Pereira de Souza, Izabel Dias Silva e Juceleide Barbosa da Silva, que transformaram a minha experiência com a História Oral. Eles foram receptivos comigo, e juntos compartilhamos memórias, risos e emoções. E o mais importante é que isso se transformou em uma amizade e um espaço de aprendizagem mútua.

Por último, mas não menos importante, expresso minha profunda gratidão à minha família Edinalva, Ladislau e Valdirene, que foram fontes constantes de apoio emocional e encorajamento ao longo desta jornada acadêmica. E, aos meus amigos Edson, Hiago e Lucas, que foram parceiros prestativos, sendo pacientes ao me ouvir sempre falar do mestrado.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho, meu muito obrigado!

*Meu caminho é novo, mas meu povo não. O Norte é a minha seta, o meu eixo, a minha raiz.*

*(Ana Caetano e Vitória Falcão)*



## RESUMO

A dissertação de mestrado explora o ensino de História, com foco na construção da Belém-Brasília (1958-1960) e seus impactos no povoado Guará, entre 1958-1970. Inicialmente, ressalta-se o desafio enfrentado pelos estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) em relação à História Local, o que evidenciou a necessidade de uma abordagem mais aprofundada. A pesquisa adotou como metodologia a prática da História Oral, revelando desafios e aprendizados. Nas entrevistas com moradores e acompanhadas pelos estudantes, foi destacada a importância do estabelecimento de relações sociais e de confiança. Os educandos, ao participarem ativamente, desenvolveram habilidades históricas, contribuindo para a construção de sua identidade. Enquanto, as narrativas dos moradores de Guará ampliaram a compreensão sobre o contexto da região antes da Belém-Brasília, evidenciando a presença de fazendas e a migração de famílias nordestinas. Testemunhas oculares, como os moradores de Guará, Constância Noronha Aguiar, Onildo Pereira de Souza e Izabel Dias Silva, compartilharam experiências durante a construção da rodovia, ressaltando os impactos na comunidade. A pesquisa contribui para a comunidade e enriquece o Ensino de História em Guará. A experiência com a História Oral destaca a importância da escuta e do estabelecimento de vínculos sociais. Desse modo, o resultado é a proposta de um paradidático de ensino para estudantes do Ensino Médio com o objetivo de transformar a pesquisa em um recurso educacional recorrente nas salas de aula, promovendo uma abordagem investigativa e valorizando as histórias locais.

**Palavras-chaves:** Ensino de História; Belém-Brasília; Guará; História Oral.

## **ABSTRACT**

*The master's thesis explores the teaching of History, focusing on the construction of Belém-Brasília (1958-1960) and its impacts on the village of Guaraí, between 1958-1970. Initially, it highlights the challenge faced by students from the Oquerlina Torres High School (CEMOT) regarding Local History, which evidenced the need for a more in-depth approach. The research adopted Oral History practice as its methodology, revealing challenges and learnings. In interviews with residents, accompanied by students, the importance of establishing social and trust relationships was emphasized. The students, by actively participating, developed historical skills, contributing to the construction of their identity. Meanwhile, the narratives of Guaraí residents broadened the understanding of the region's context before Belém-Brasília, highlighting the presence of farms and the migration of northeastern families. Eyewitnesses, like the Guaraí residents Constância Noronha Aguiar, Onildo Pereira de Souza, and Izabel Dias Silva, shared experiences during the highway construction, emphasizing the impacts on the community. The research contributes to the community and enriches History Education in Guaraí. The experience with Oral History underscores the importance of listening and establishing social bonds. Thus, the result is the proposal of a teaching supplementary material for high school students aiming to transform research into a recurring educational resource in classrooms, promoting an investigative approach and valuing local histories.*

**Keywords:** *History Teaching; Belém-Brasília; Guaraí; Oral History.*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa da rodovia Belém-Brasília .....	29
Figura 2: Mapa de Guaraí e região .....	36
Figura 3: Estabelecimento Bar e Itamarati Hotel, Guaraí, 1972 .....	41
Figura 4: Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres, 2023 .....	44
Figura 5: Escola Reunida Mauro Borges, Guaraí, 1962.....	45
Figura 6: Ementa da Eletiva do prof. Dionathan S. Fragoso .....	58
Figura 7: Aula no Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres, Guaraí - TO.....	61
Figura 8: Exposição (visual e oral) dos estudantes no CEMOT .....	63
Figura 9: Entrevista com Onildo Pereira de Sousa e os estudantes do CEMOT .....	69
Figura 10: Entrevista com Juceleide Barbosa da Silva e as estudantes do CEMOT .....	70
Figura 11: Entrevista com Izabel Dias Silva e as alunas do CEMOT .....	71
Figura 12: Culminância do projeto de Ensino/pesquisa .....	74
Figura 13: Onildo Pereira de Sousa e colegas na construção de bueiros, 1970.....	89
Figura 14: Estabelecimento comercial em Guaraí “Casa Silva de Albino Silva”.....	92

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1 A HISTÓRIA LOCAL/REGIONAL E O ENSINO DE HISTÓRIA: BELÉM-BRASÍLIA E A FORMAÇÃO DA CIDADE DE GUARAÍ E DO CENTRO DE ENSINO MÉDIO OQUERLINA TORRES</b> .....	<b>22</b>
<b>1.1 A História Local e Regional: uma discussão conceitual</b> .....	<b>22</b>
1.1.1 O ensino de História e a História Local/Regional .....	25
<b>1.2 A Construção da Belém-Brasília (1958-1960) e os Seus impactos no âmbito nacional e regional</b> .....	<b>28</b>
<b>1.3 A Belém-Brasília e o local: o povoado Guará</b> .....	<b>34</b>
1.3.1 Um espaço de lutas e de interesses: a emancipação política do povoado .....	41
<b>1.4 O Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) e a percepção dos estudantes em relação à História Local</b> .....	<b>43</b>
1.4.1 Os estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres .....	47
<b>2. CONECTANDO HISTÓRIAS LOCAIS ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL: UMA EXPERIÊNCIA COM OS ESTUDANTES DO CENTRO DE ENSINO MÉDIO OQUERLINA TORRES (CEMOT)</b> .....	<b>53</b>
<b>2.1 História Oral e o Ensino de História</b> .....	<b>53</b>
<b>2.2 Da teoria à prática: conexões entre Histórias Locais em sala de aula</b> .....	<b>57</b>
2.2.1. Análise do percurso metodológico das primeiras aulas da eletiva .....	60
2.2.2 “Memória”, “Narrativas locais” e a oficina de História Oral .....	64
2.2.3. A condução das entrevistas com os estudantes e moradores da cidade .....	68
<b>2.3 Socialização dos resultados: uma reflexão dos desafios e dificuldades</b> ....	<b>73</b>
<b>3. VIVÊNCIAS À BEIRA DA BELÉM-BRASÍLIA: REFLEXÕES DAS MEMÓRIAS DOS MORADORES DE GUARAÍ</b> .....	<b>77</b>
<b>3.1 Quem são os moradores de Guará</b> .....	<b>77</b>
<b>3.2 Criação das fontes orais: metodologia e processo de interpretação</b> .....	<b>79</b>
<b>3.3 Narrativas ao longo da Belém-Brasília: reflexões e destaques</b> .....	<b>82</b>
3.3.1. Dona Constância Noronha Aguiar .....	83
3.3.2. Senhor Onildo Pereira de Sousa.....	86
3.3.3. Dona Izabel Dias Silva .....	90
3.3.4. Dona Juceleide Barbosa da Silva.....	94
<b>3.4 Da história local à sala de aula: paradidático para os estudantes</b> .....	<b>96</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO A –PARADIDÁTICO: ESTRADAS E HISTÓRIAS: A RODOVIA BELÉM- BRASÍLIA E AS MEMÓRIAS DOS MORADORES DE GUARÁI (TO).....</b>	<b>105</b>

## INTRODUÇÃO

Início esta introdução com uma citação da música "Calendário", interpretada pelas cantoras Ana Caetano e Vitória Falcão, na qual se diz: "Não se arrisque em tentar / Me escrever nas suas melhores linhas / Eu não preciso de altar / Só vem, repousa a tua paz na minha". É certo que a canção se refere a um relacionamento, mas tenho a ousadia de ressignificar, quando me arrisco em tentar escrever em minhas melhores linhas, esta dissertação. Desse modo, com intuito de situar o leitor no contexto em que foi desenvolvida a pesquisa, assim como mostrar o meu local de fala, farei uma breve apresentação da minha trajetória de vida.

Nascido na cidade de Guaraí, interior do Tocantins, fui criado pelos meus avós maternos: Edinalva e Ladislau. Desde criança, fui estimulado aos estudos e leitura, como condições para mudança de vida. Sendo assim, em 2009 fiz o Ensino Médio no Instituto Adventista Brasil Central (IABC) na região de Abadiânia – GO, com 16 anos de idade.

Após concluir o Ensino Médio no IABC, minha primeira decisão profissional foi ser pastor da rede Adventista. Nesse contexto, ganhei outra bolsa de estudos integral para cursar bacharelado em Teologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC) entre os anos de 2011 e 2014. Diante disso, foi em São Paulo que comecei a me interessar mais por assuntos relacionados à História, quando fazia aquelas disciplinas em que estudávamos a história da igreja Cristã no Ocidente, a história do Egito, Grécia e Roma, devido os livros bíblicos.

Com a conclusão do curso em 2014, aceitei a oferta de ser professor e pastor na Escola Adventista de Araguaína, no Tocantins. Nesse período, enquanto lecionava para o Ensino Fundamental Anos Finais e para o Ensino Médio, fui me descobrindo como educador e decidi deixar de lado o desejo de ser pastor para me dedicar integralmente à carreira de professor.

Por conseguinte, voltei a morar em minha cidade natal em 2018 com o desejo de ficar perto da minha família. Nesse mesmo ano, comecei a lecionar no Colégio Comercial Impacto (Guaraí) e iniciei o curso de licenciatura em História na modalidade Ensino à distância, pela Estácio (polo Palmas – TO). Apesar de algumas limitações dessa modalidade de curso, dediquei-me durante três anos assistindo às vídeo-aulas, lendo os textos e respondendo suas atividades. E para concluir o curso,

aventurei-me em minhas primeiras entrevistas com o intuito de escrever a monografia sobre a minha cidade de Guaraí.

Entretanto, o "grande divisor de águas" em minha trajetória acadêmica foi a entrada no programa de pós-graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, no campus de Araguaína, no Tocantins, em 2022. Encontrei colegas que também são professores de História, com os quais pude compartilhar experiências. Além disso, tive diversos professores competentes e comprometidos com o programa. O ProfHistória tem sido importante para mim, pois me faz desenvolver a habilidade de ser um professor-pesquisador.

Quando entrei no programa, estava decidido desenvolver o tema de História Local. Nesse sentido, carregava comigo alguns pré-conceitos equivocados sobre o tema e que precisavam ser “lapidados” durante o curso. Pré-conceitos tais como, ver a cidade como um lugar pronto, a “evolução” linear da trajetória da cidade, a idealização do local e a narrativa do fundador da cidade. Além do mais, no começo, a minha motivação era fraca, quando eu dizia “não tem nada escrito da minha cidade, preciso ser o primeiro”, sendo essa uma clara prepotência e imaturidade como pesquisador.

Após muitas leituras, discussões e a paciência do meu orientador Marcos Edilson de Araújo Clemente em me apontar os caminhos, compreendemos, a partir de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2008), Marcos Lobato Martins (2013) e Erinaldo Cavalcanti (2018), que a discussão sobre o sentido da História Local e Regional abarca a ideia de que o "espaço" incorpora os seguintes elementos: a relação com a experiência dos sujeitos; a dimensão do conflito; a necessidade de construção social de identidade; e a ação do pesquisador/historiador/professor ao instituir um recorte, problematizando-o a partir das necessidades do presente.

Além disso, ao questionar se era necessário, de fato, distinguir "uma História Local e uma história regional", José D'Assunção Barros (2022) afirma que em um país de dimensões continentais, como o Brasil, implica que, esses usos passam por decisões dos próprios historiadores envolvidos nesses estudos. Em outras palavras, cabe ao pesquisador explicitar os critérios utilizados para o seu recorte espacial.

No que se refere às informações da minha cidade, Guaraí é um município do estado do Tocantins, no Brasil, e está situado na mesorregião Ocidental do Tocantins. Sua população estava estimada em 23.200 habitantes em 2010, de acordo com o IBGE. Seu histórico de origem e formação remonta ao período em que

a região fazia parte da porção norte de Goiás, conhecida como Norte Goiano. Conforme informações apresentadas pela prefeitura municipal, a cidade de Guaraí teve sua origem em um povoado chamado "Guará", diretamente influenciado pela construção da Belém-Brasília (1958-1960), considerada um "verdadeiro polo de atração da população do município e de diversas regiões do estado, dando origem a cidades ao longo de seu trajeto, fortalecendo as já existentes, ao mesmo tempo em que marcava o início da decadência daquelas situadas mais distantes de seu percurso."

Naquela época, o povoado Guará, estabelecido em 1959, fazia parte do município chamado Tupirama, situado próximo ao Rio Tocantins e vizinho da cidade de Pedro Afonso. Devido à atração exercida pela Belém-Brasília, essa influência tornou-se tão intensa que, em pouco tempo, Guará superou Tupirama em importância, levando à decisão de transferir a sede do município. Portanto, a cidade de Guaraí foi oficialmente criada pela Lei nº 7.177, sancionada em 05 de novembro de 1968, assinada pelo governador da época, Otávio Lage de Siqueira. Sua emancipação política efetiva ocorreu com a transferência da sede administrativa de Tupirama para Guaraí, em 11 de abril de 1970.

Diante disso, foi no meio das aulas de História que o problema desta pesquisa começou a se formar. Após questionar os estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) sobre sua percepção acerca da História Local, uma das respostas mais recorrentes foi: "Como surgiu a cidade de Guaraí". Outras respostas abordaram temas como "quem foi o fundador da cidade" e "qual a origem do nome da cidade". Isso demonstrou que o contato de alguns educandos com a História Local estava relacionado a uma noção de história fundamentada em marcos e fatos da política local, seguindo uma sequência cronológica casual.

Posteriormente, apresentei aos estudantes um texto reproduzido pela prefeitura municipal que abordava o histórico da cidade de Guaraí. A partir desse texto, iniciamos uma discussão na qual os alunos destacaram a predominância da narrativa de um personagem, considerado pela prefeitura municipal como o fundador da cidade. Nesse ponto, questionamos a possibilidade da existência de outras famílias e fazendas naquela época, além de indagar sobre os motivos para focar a história apenas de uma família.

Em seguida, os estudantes também destacaram a construção da Belém-Brasília entre 1958 e 1960 como um dos principais fatores para a formação do



povoado Guará. No entanto, eles não conseguiram explicar o processo da construção, o contexto social e político envolvido, bem como a transformação social que levou à emancipação política da cidade em 1970. Sendo assim, nossa problematização tornou-se: como a interconexão entre a História Local/Regional e o ensino de História, focado na relação da Belém-Brasília e na memória dos moradores de Guará – TO, pode contribuir para uma compreensão mais abrangente e crítica dos estudantes sobre a formação da cidade?

No tocante ao que já foi pesquisado sobre esse assunto, Valverde e Dias (1967) escreveram sobre a construção da Belém-Brasília (1958-1960), assim como Rômulo de Paula de Andrade (2018), que abordou o contexto político da época da construção. Já os autores Napoleão Araújo de Aquino (2004), Sônia Maria de Souza (2004), Tadeu Alencar Arraias, Denis Castilho e Onofre Pereira Aurélio Neto (2016) escreveram sobre a relação da construção da Rodovia Belém-Brasília no processo de migração e urbanização na região tocantinense.

Nesse ponto, destacamos que a "Belém-Brasília", antiga BR-14, construída entre 1958 e 1960 nos territórios goiano, maranhense e paraense, teve como propósito conectar a capital federal a Belém do Pará. Sua construção visava atender à demanda de integração do mercado nacional, sob a égide ideológica do nacionalismo e do desenvolvimento de Juscelino Kubitschek. Os resultados dessa empreitada trouxeram impactos sociais, econômicos, políticos e ambientais tanto em âmbito regional quanto nacional, abordados ao longo desta pesquisa. Importante ressaltar que, na época de sua construção, a estrada de chão batida era denominada "rodovia", e somente em 1974 foi asfaltada, por isso, optamos por manter a nomenclatura "rodovia" quando nos referimos a estrada Belém-Brasília.

De acordo com Aletícia R. Silva (2023), na época da construção da rodovia Belém-Brasília, um evento significativo para a história das migrações e construções de cidades no Tocantins, a região era conhecida como Goiás. Portanto, ao abordar a História Local e Regional de qualquer cidade surgida após a construção da rodovia no Tocantins, é fundamental evitar anacronismos, já que nenhum habitante dessa área se identificaria como tocantinense naquela época, dado que o estado do Tocantins ainda não existia.

Ademais, Sônia Maria de Souza (1997) escreveu a dissertação "O Desenvolvimento vem da Estrada: a Belém-Brasília e a Fundação de Guará (1958 – 1975)" e apresentou à Universidade Federal de Pernambuco em 1997, na qual ela

apresenta a formação histórica do município de Guaraí, situado na rota da rodovia Belém-Brasília (BR-153), e sua relação com o conceito de desenvolvimento. A autora explora os precedentes históricos, desde a existência de uma fazenda chamada Guará, que passou por diversos donos até chegar a Pacífico Silva, bem como o início do povoado Guará e a transferência da sede do município de Tupirama para Guaraí em 1970.

Entretanto, pesquisamos os termos "Belém-Brasília" e "ensino de História" no site da Scielo, no repositório de dissertações da Capes, no portal do ProfHistória e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) com o objetivo de encontrar alguma pesquisa que trate dessa relação, e não foi encontrado nenhum resultado. Dessa maneira, essa pesquisa se torna necessária e relevante pois aborda a relação da Belém Brasília com as memórias dos moradores de Guaraí – TO, no âmbito do ensino de História.

Nesse sentido, nosso principal objetivo é contribuir com o ensino de História Local ao estabelecer essa relação entre a Belém-Brasília e as memórias dos moradores de Guaraí, no Tocantins. Dessa forma, espera-se que outros professores nas cidades da região do Tocantins percebam a oportunidade de promover uma compreensão mais abrangente e crítica por parte dos estudantes sobre a formação de suas cidades.

Para alcançar esse objetivo, optamos por utilizar como metodologia principal de pesquisa a História Oral. No ensino de História, empregamos a possibilidade de colaborar com os estudantes na abordagem da História Local, por meio da metodologia da História Oral, apresentada como um projeto de ensino/pesquisa.

No que diz respeito à História Oral, conforme Suzana Lopes Salgado Ribeiro (2013), ela pode ser conceituada como um método de pesquisa que destaca o diálogo e a colaboração entre os sujeitos, levando em consideração suas experiências, memórias, identidades e subjetividades, visando à construção do conhecimento histórico. Nesse contexto, para a realização de um trabalho de História Oral, é necessário compreender um conjunto de procedimentos metodológicos, indo além da mera condução de entrevistas.

Somado a isso, Selva Guimarães Fonseca (2009) destaca a importância do conhecimento histórico para compreender identidade, existência e sociedade. Contudo, ela critica a abordagem superficial na educação básica, defendendo projetos de pesquisa como possibilidade de organização do ensino de História. Ela

ênfatiza que alunos e professores têm oportunidades constantes para investigar e produzir conhecimento. Diante disso, ao optar por trabalhar com os estudantes a História Local, usando a metodologia da História Oral como projeto de ensino/pesquisa, objetivamos desenvolver habilidades críticas, promovendo uma postura reflexiva e questionadora, superando a repetição de conteúdos e adotando uma abordagem investigativa em sala de aula (Fonseca, 2009).

Para a elaboração do projeto de ensino/pesquisa com os estudantes, consideramos as três fases: elaboração, desenvolvimento e apresentação dos resultados (culminância). Conforme apontado por Fonseca (2009, p. 122), "todo projeto de pesquisa requer claramente as seguintes definições: o tema, objetivos, justificativas, metodologia, cronograma, recursos, avaliação e fontes. Nesse sentido, descrevemos e analisamos com foi essa experiência realizada com os estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT), bem como, relatamos qual foi sua percepção diante das entrevistas realizadas durante o processo.

Em uma aula sobre "Memórias e Narrativas Locais", foi enfatizada a importância da História Oral na preservação da memória. Nesse contexto, Siumara Vicelli Hoffmann (2008) destaca a necessidade de preparação teórica para orientar as discussões ao longo do processo de pesquisa histórica. Posteriormente, em uma oficina de História Oral, os alunos foram capacitados para conduzir entrevistas com moradores da cidade sobre o tema "Belém-Brasília e o povoado Guará". Naquele momento, optamos por depoimentos orais, pois são adequados para a obtenção de dados informativos e factuais, bem como testemunhos de entrevistas sobre determinadas situações vivenciadas pelos narradores (Schmidt; Cainelli, 2004).

Por conseguinte, os objetivos do projeto de ensino/pesquisa, estabelecidos em conjunto com os estudantes, incluíram conhecer a vida dos moradores antes da construção da rodovia, compreender o impacto da Belém-Brasília na comunidade local e investigar o contexto social, político e educacional da época. A seleção dos participantes foi baseada em critérios de moradores mais antigos que vivenciaram o período antes, durante e após a construção da rodovia (1958-1960), sendo eles, Constância Noronha Aguiar, Onildo Pereira de Souza, Izabel Dias Silva e Juceleide Barbosa da Silva.

Com relação à identificação de nossos interlocutores, optamos por não utilizar o termo "fundadores", pois como justificativa, Fonseca (2006) argumenta que o bairro, o município, o estado ou a região são frequentemente apresentados nos

currículos municipais como um destino linear e evolutivo, guiado pela lógica de personalidades proeminentes, heróis e figuras políticas pertencentes às elites locais ou regionais, que foram responsáveis pelo "progresso" da região. Dessa forma, esses elementos tornam-se referências imaginárias que constroem os discursos fundadores.

Somado a isso, também recusamos usar o termo “pioneiros” com relação aos moradores mais antigos de Guaraí, em respeito aos povos originais que já viveram um dia e que sofrem com algum tipo de violência de grupos não-originários. Por isso, consideramos mais adequado o uso do termo de “moradores” como referência aos interlocutores que moravam na região na época da construção da Belém-Brasília (1958-1960) e vivenciaram as transformações sociais do povoado Guará.

O resultado da prática da História Oral foram as narrativas apresentadas que trouxeram consigo as memórias dos moradores de Guaraí: dona Constância, senhor Onildo, dona Izabel e dona Juceleide, com o enfoque de uma História Local com o objetivo de estabelecer conexões com a memória familiar, do trabalho, da migração e do cotidiano, relacionados com a época da construção da Belém-Brasília (1958-1960) e a formação do povoado Guará em seu eixo.

Dessa maneira, o presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo relaciona a História Local/Regional e o ensino de História, tendo como foco a relação da Belém-Brasília com a formação da cidade de Guaraí (TO) e do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT). Dividimos esse capítulo em quatro partes, onde inicialmente exploramos os sentidos e definições de História Local e Regional, e analisamos sua trajetória de estudos no Brasil, assim como sua relação com o Ensino de História e seus desafios. Em seguida, investigamos a construção da Belém-Brasília e seus impactos na transformação do povoado Guará. A última parte concentrou-se na formação do CEMOT desde sua origem no povoado Guará até os dias atuais. Também incluímos as análises do perfil socioeconômico dos estudantes e suas percepções sobre a História local.

O segundo capítulo relata minha experiência com os estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT), tendo como objetivo a conexão das histórias locais por meio da prática da História Oral no Ensino de História. O capítulo está dividido em três seções: a primeira, aborda a relação entre os estudos da metodologia da História Oral e o Ensino de História; na segunda, apresentamos as práticas em sala de aula, integrando teoria e prática com a aplicação do projeto de

ensino/pesquisa na instituição. Na última, analisamos a postura dos estudantes na identificação de fontes históricas e seleção de informações, além de examinarmos o processo de socialização dos resultados em um evento de culminância. Discutimos, ao final, os principais desafios e dificuldades enfrentados durante o percurso metodológico do projeto, contemplando aspectos de ensino e aprendizagem.

E por fim, no terceiro capítulo objetivou-se refletir sobre a prática da História Oral, explorando as vivências dos moradores de Guaraí em relação ao período anterior à construção da Belém-Brasília (1958-1960) e os impactos sociais durante a construção da estrada no povoado Guará. Dividido em quatro partes, a primeira aborda a identificação dos moradores, a segunda trata da metodologia de coleta de depoimentos, incluindo a produção das fontes orais e o retorno aos entrevistados. A terceira parte apresenta narrativas construídas a partir dos depoimentos de moradores específicos. Finalmente, descrevemos o produto de ensino: um paradidático, destacando seus objetivos educacionais e o processo de produção.

Como produto dessa dissertação, desenvolvemos um paradidático para estudantes do Ensino Médio (Anexo A), produzido com a finalidade de ampliar o entendimento sobre o contexto histórico da construção da Belém-Brasília e seus impactos, principalmente na região de Tupirama e Guaraí. Ele também foi concebido com o objetivo de apresentar os depoimentos dos moradores de Guaraí, que viveram no período antes, durante da Belém-Brasília, e que ainda vivem em nossa cidade, sendo eles: Constância, Onildo, Izabel e Juceleide. Desse modo, queremos compartilhar o registro da pluralidade de memórias sociais, culturais e populares da nossa região.

O paradidático visa desenvolver atitudes relacionadas com a identificação de fontes históricas e com a seleção de informações como parte do processo da construção do conhecimento histórico. Por isso, tem atividades relacionadas com fotografias, jornais e depoimentos orais, para que o/a estudante possa analisar, questionar e pesquisar. Assim, diante das leituras dos textos e das fontes, o/a estudante sente que pode contribuir com a comunidade através de suas pesquisas históricas.

## **1 A HISTÓRIA LOCAL/REGIONAL E O ENSINO DE HISTÓRIA: BELÉM-BRASÍLIA E A FORMAÇÃO DA CIDADE DE GUARAÍ E DO CENTRO DE ENSINO MÉDIO OQUERLINA TORRES**

O capítulo tem como principal objetivo compreender a interconexão entre a História Local/Regional e o Ensino de História, com foco na relação da Belém-Brasília e a formação da cidade de Guaraí (TO) e do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT). Para alcançar esse objetivo, o capítulo foi dividido em quatro partes: primeiro, examinamos os sentidos e definições de História Local e Regional, bem como sua trajetória de estudos no Brasil, relacionando-os com o ensino de História, sua trajetória e seus desafios.

Em seguida, buscamos compreender, na segunda e terceira partes, a construção da Belém-Brasília e seus impactos, assim como a transformação do povoado Guará nos âmbitos de História Local e Regional. Por fim, procuramos entender a formação do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) desde sua origem no povoado Guará até os dias atuais. Analisamos também o perfil socioeconômico dos estudantes, bem como sua percepção acerca da História local. Assim, notamos a necessidade de propor o ensino de História Local a partir da relação da Belém-Brasília e as memórias dos moradores de Guaraí – TO.

Conforme a letra da canção “Amarelo, azul e branco”, composta e interpretada pelas cantoras tocantinenses Ana Caetano e Vitória Falcão, “O meu caminho é novo, mas meu povo não/ O Norte é aminha seta, o meu eixo, a minha raiz”. Nesse sentido, compreendemos que apesar da criação do estado do Tocantins ser algo relativamente recente, criado em 05 de outubro de 1988, por meio da divisão do estado de Goiás na porção norte, conforme o artigo 13º do Ato das disposições Constitucionais Transitórias da Constituição do Brasil, a história do seu povo e do seu território é antiga, e remonta desde os tempos coloniais e pré-coloniais. Sendo assim, escolhemos analisar apenas o período específico da construção da Belém-Brasília (1958-1960) e do seu contexto, no antigo norte goiano.

### **1.1 A História Local e Regional: uma discussão conceitual**

No início do mestrado em 2022, durante as aulas de teoria da História, o professor da disciplina propôs uma pergunta aos estudantes/professores, solicitando

que cada um falasse sobre seu projeto de pesquisa. Entusiasmado, mencionei que minha pesquisa aborda a História Local. Para minha surpresa, o professor respondeu que, de certa maneira, "toda História é local", deixando-me intrigado. Isso levanta a questão: o que se considera como "História Local"?

Para entender o que é História Local, deparei-me com artigo do historiador Erinaldo Cavalcanti (2018). Ele trabalha em seu texto alguns questionamentos relacionados "em que dimensões seria uma História Local?". Sua discussão começa com "alguns sentidos atribuídos à palavra local". O autor aponta que a ideia de "local" está associada com "espaço", em um sentido geográfico de lugar. Em seguida, o "local" é apresentado como "um lugar de sociabilidades" em uma relação entre espaço e ação. Ao problematizar esses sentidos, Cavalcanti argumenta que "local" seria um recorte eleito, em especial pelo historiador, "por aquele que desejasse refletir sobre as experiências dos sujeitos em espaços sociais delimitados".

Por conseguinte, ao tratar sobre a História local, Cavalcanti (2018) não se preocupa em estabelecer uma definição rígida. Pelo contrário, ele afirma que:

Diante dos desafios, ao invés de tentarmos definir a configuração de uma história local e assim estabelecer seus limites e demarcações, talvez pudéssemos pensar em compreender a "dimensão local da História" com que trabalhamos; dos acontecimentos que pesquisamos; das histórias que ensinamos. Ou seja, estaríamos trabalhando, pesquisando ou ensinando História, porém, preocupados em compreender sua configuração local (Cavalcanti, 2018, p.286).

O autor acredita que problematizar as "dimensões locais da História" pode contribuir para evitarmos certos reducionismos. De acordo com Cavalcanti (2018), isso permite ao(a) professor(a) explorar, estudar ou pesquisar a história do bairro ou da cidade sem precisar restringi-la a delimitações geográficas ou considerá-la como mero reflexo de uma "história maior". Além disso, ressalta-se que é possível ampliar a compreensão do contexto local, demonstrando que "homens e mulheres que vivem nos lugares onde as histórias se desenrolam são agentes ativos que influenciam a construção e os desdobramentos das experiências" (Cavalcanti, 2018, p. 288).

Com relação à caracterização do que é História Regional, o historiador Marcos Lobato Martins (2013, p. 143 e 144) afirmou que "a história regional é aquela que enxerga o lugar, a região e o território como a natureza da sociedade e da

história, e não apenas como o palco imóvel onde a vida acontece”. Em sua perspectiva, os profissionais de História devem pensar, regionalizar e historicizar como o espaço é construído pela sociedade ao longo do tempo e ao mesmo tempo, sem se apegar aos “recortes oficiais, baseados numa territorialidade meramente política.”

Ademais, sobre a trajetória dos estudos históricos regionais no Brasil, Marcos Lobato Martins (2013) dividiu-a em três etapas de maneira didática. Primeiro, durante o século XIX e boa parte do século XX, predominou a influência do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) nos estudos de História Regional, com o auge da produção de corografias municipais e regionais. Segundo, nas décadas de 1960 e 1970, no contexto da produção historiográfica no âmbito da universidade, a Universidade de São Paulo (USP) lançou pesquisas abordando principalmente aspectos da história paulista, o que provocou um “embaralhamento do nacional e do regional”. De acordo com o autor, essa identificação com a história do Brasil ainda persiste nos livros didáticos de história.

Em seguida, a partir da década de 1980, cursos de pós-graduação fora de São Paulo ampliaram o trabalho com temas e acervos documentais regionais. Conforme Martins (2013, p. 142), isso “permitiu corrigir as distorções resultantes da generalização, para todo o Brasil, da trajetória paulista e alimentou uma nova onda de estudos regionais”. Nesse sentido, as generalizações teriam sido corrigidas e livros didáticos seguiram estas correções e/ou estas novas perspectivas.

Apesar de muitos programas de Pós-Graduação em História terem como linha de pesquisa ou como preocupação os estudos regionais, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2008, p. 55), afirma que “quanto à produção historiográfica do país, costuma proliferar as atividades acadêmicas, culturais e políticas que reivindicam para si a identidade de regionais, ao mesmo tempo em que o próprio conceito de região é pouco discutido, pouco problematizado”. Para o autor, somos formados numa tradição historiográfica em que o espaço é pensado como “lugar de imobilidade” e que geralmente, nos preocupamos com a história ocorrida “NA” região e não com “história da região” ou “da constituição destes limites”. Em decorrência disso, Albuquerque Júnior (2008, p. 57) caracteriza a região como “espaço de luta”, onde há interesses de dominação. Nesse sentido, o historiador deve estar atento para as lutas de poder que fizeram e/ou fazem parte no estabelecimento de fronteiras e limites.



Por sua vez, o pesquisador/historiador/professor José D'Assunção Barros (2022) se propõe a discutir as modalidades historiográficas da História Regional e da História Local. De acordo com ele, a partir de 1960, as discussões modernas de geografia sobre o conceito de "lugar" ultrapassaram a "mera ideia de 'localidade'". Nesse sentido, foi atribuído ao conceito de 'local', os sentidos de 'identidade' e 'estabilidade', nos quais se observa "um sentimento de pertença" e de "permanência objetiva do lugar no espaço e através do tempo" o que envolve as relações de intersubjetividades com o local (Barros, 2022, p. 25).

Além disso, ao questionar se era necessário, de fato, distinguir "uma História Local e uma história regional", Barros (2022) afirma que em um país de dimensões continentais, como o Brasil, implica que esses usos passam por decisões dos próprios historiadores envolvidos nesses estudos. Em outras palavras, cabe ao pesquisador explicitar os critérios utilizados para o seu recorte espacial.

Portanto, podemos perceber que estão interligados na discussão sobre o sentido da História Local e Regional a ideia de que o "espaço" contém os seguintes elementos: 1) a relação com a experiência dos sujeitos; 2) a dimensão do conflito; 3) a necessidade de construção social de identidade; e 4) a ação do pesquisador/historiador/professor em instituir um recorte, problematizando-o a partir das necessidades do presente.

### 1.1.1 O ensino de História e a História Local/Regional

Ao trazer a História Local e Regional para a sala de aula, devemos considerar todos esses elementos apontados anteriormente para uma melhor compreensão do entorno do estudante. De acordo com Aletícia Rocha da Silva (2023, p. 247), a abordagem do local nas aulas de História é vantajosa pela aproximação dos conteúdos com o público estudantil e que o afastamento dos temas locais causa o estranhamento dos estudantes em relação às aulas.

Todavia, apesar do reconhecimento vantajoso do ensino de História local, André da Silva Brasil (2021, p.16) ao analisar a história do Ensino de História no Brasil, encontra o desafio na contemporaneidade de desenvolver "metodologias didáticas de aulas que possibilitem aos discentes perceberem-se como sujeitos históricos, e que a História passe a ter significado em seu dia a dia". Para o autor, um dos caminhos possíveis de superação é a implementação de procedimentos da

pesquisa histórica com metodologia de Ensino de História voltada para o cotidiano e para o local.

De acordo com Bittencourt (2008), desde o início da organização escolar, a proposta de ensino de História era direcionada para uma formação moral e cívica, condição que se intensificou ao longo dos séculos XIX e XX. A moral cívica estava associada a uma moral religiosa, com ênfase nas biografias daqueles considerados "santos" e "heróis". Enquanto isso, os estudos de História da pátria eram opcionais, mas com orientações para valorizar os "grandes personagens da vida pública".

No Brasil, o ensino de História esteve presente na antiga escola primária desde a segunda metade do século XIX. Dependendo do contexto sociopolítico, seu grau de importância variou. No entanto, a formação da "identidade nacional" permaneceu como principal objetivo do ensino de História, utilizando métodos e conteúdos para atingir essa finalidade (Bittencourt, 2008).

Adicionalmente, Elza Nadai ao escrever acerca do "ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva" (1993), mostra que a "ideia de nação", construída entre os séculos XIX e XX, seria resultado da contribuição dos europeus, africanos e nativos sob a ótica europeia de dominação destes e sujeição daqueles. Essa abordagem tem mascarado as desigualdades sociais, a dominação oligárquica e a ausência da democracia social.

No que diz respeito aos métodos de ensino, no final do século XIX e início do século XX, a ênfase estava na memorização como ponto central do processo de aprendizagem, sendo a capacidade de memorizar a principal habilidade exigida dos alunos para alcançar o sucesso escolar. Esses métodos refletiam a concepção de que "saber história" consistia em dominar um volume maior de informações, implicando, na prática, o conhecimento detalhado de muitos eventos da história nacional (Bittencourt, 2008).

No tocante ao ensino secundário da disciplina de História, incluída no Colégio Dom Pedro II, desde 1838, passou por diversas transformações em conteúdos e métodos. A ênfase histórica buscava "domesticar", civilizar e homogeneizar, mantendo-se como uma ferramenta de formação da "identidade nacional". Entre o final do século XIX e o início do XX, o ensino secundário abrangia setores público, privado e confessionais, sendo marcado pelo currículo humanístico clássico, privilegiando o Latim e a História Geral. (Macedo; Souto, 2022).

As críticas cresceram no final do século XIX, especialmente com a ascensão da industrialização, resultando na fusão entre humanidades e disciplinas científicas. Após mudanças em 1971, a História foi incorporada aos Estudos Sociais no ensino primário, enquanto no secundário, a carga horária e a abordagem mantiveram-se voltadas às elites. A década de 1950 viu contestações ao ensino conteudista, e na década de 1960, as mudanças foram limitadas pelas sanções governamentais. Somente nas décadas de 1970 e 1980, após o período ditatorial, emergiu um ensino de História mais inclusivo, refletindo discussões sobre reformulação curricular e temas significativos para os alunos. (Macedo; Souto, 2022).

Segundo Macedo e Souto (2022, p. 216), na década de 1980, o ensino de História adotou propostas inovadoras, destacando-se a história temática, que rompia com linearidades e determinismos históricos. Essa abordagem incorporou temas e sujeitos negligenciados, promovendo uma metodologia transformadora que possibilita não só “aos alunos como também aos professores sentirem-se sujeitos que lutam e resistem nos diversos espaços de vivência, e que, por meio de suas ações, produzem história e conhecimento”.

Nesse contexto, o estudo da localidade ou da História Regional contribui para uma compreensão mais abrangente da História, explorando outras perspectivas de análise, especialmente as "micro-histórias" e suas particularidades. A valorização dessa abordagem pelos historiadores reflete-se nas propostas curriculares nacionais, como evidenciado nos *Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental (1997-1998)* e *para o ensino médio (1999)*, nos quais se destacam "as atividades relacionadas ao estudo do meio e da localidade" (Schmidt; Cainelli, 2004, p.112).

No entanto, a aprovação da *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* por meio da Lei 13.415/2017 trouxe consigo novos desafios para os professores da Educação Básica e, por conseguinte, para os que lecionam o componente curricular da História. Nesse sentido, por ter caráter nacional, a BNCC prescreve "objetos de conhecimento" ligados à História Geral e do Brasil, cabendo aos estados e municípios complementá-la com a parte diversificada e suas especificidades regionais e locais (Macedo; Souto, 2022).

Conforme abordado por Schmidt e Cainelli (2004, p.112), ao propor o uso da História Local no Ensino da História, como uma abordagem curricular para o ensino, devemos considerar alguns desafios significativos em termos de aprendizado e

concepções. Esses desafios incluem potenciais problemas como anacronismo, desenvolvimento de perspectivas etnocêntricas, abordagens reducionistas e localistas. Além disso, há o risco da identificação excessiva do local com o imediatamente próximo e familiar, o que pode resultar na criação de uma relação mecânica entre o familiar e o já conhecido (Schmidt; Cainelli, 2004, p.112).

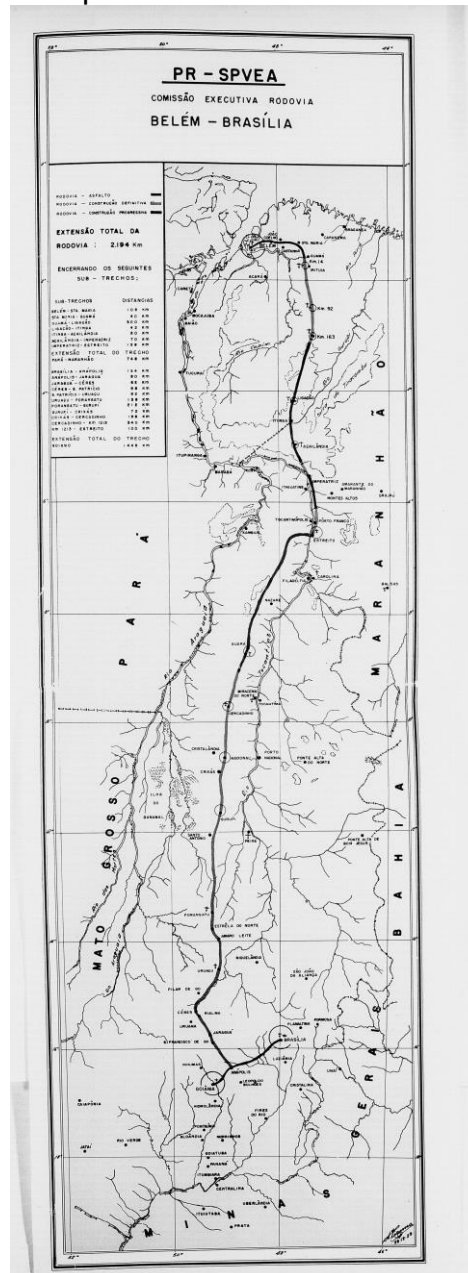
Portanto, apesar do reconhecimento da importância dos estudos locais e regionais na historiografia e no Ensino de História na atualidade, ainda há muitos desafios a serem superados, especialmente na área da educação. Segundo Circe Bittencourt (2008), é importante adotar uma abordagem que permita identificar o enfoque de uma história local que estabeleça conexões com a memória familiar, do trabalho, da migração e das festas, entre outras fontes. Essa abordagem pode evitar os riscos de reproduzir uma história limitada a nomes de políticos do passado e, assim, criar vínculos com identidade, memória e História Local a partir da diversidade de fontes disponíveis.

## **1.2 A Construção da Belém-Brasília (1958-1960) e os Seus impactos no âmbito nacional e regional**

A história da "Belém-Brasília", a antiga BR-14, construída entre 1958 e 1960 no território goiano, tocantinense, maranhense e paraense, teve como objetivo, no discurso oficial, conectar a capital federal a Belém do Pará. Sua construção buscou atender à demanda de integração do mercado nacional, sob a égide ideológica do nacionalismo e do desenvolvimento de Juscelino Kubitschek e da ditadura militar. E o seu resultado teve impactos sociais, econômicos, políticos e ambientais no âmbito regional e nacional que serão tratadas no decorrer deste texto.

O mapa da "Belém-Brasília", representada na Figura 1, foi elaborado pela Comissão Executiva da Rodovia Belém-Brasília, Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) e apresentado pelo jornal "O Observador Econômico e Financeiro (RJ)" em 1960. A representação mostra o trajeto da rodovia e sua extensão total em 2.194 km, sendo que o trecho goiano tem cerca de 1.446 km. Vale ressaltar que, na época de sua construção, a estrada de chão batida era tratada como "rodovia" e somente em 1974, em plena ditadura militar, ela foi asfaltada.

Figura 1: Mapa da rodovia Belém-Brasília



Fonte: O Observador Econômico e financeiro (RJ). Ano 1960/Edição 00287. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/123021/38556> Acesso em: 10/07/2022

Conforme a imagem acima, em Goiás, a estrada tem início em Anápolis, percorrendo as cidades e povoados de Ceres, Uruaçu, Porangatu, Gurupi, Cristalândia, Cercadinho, Guará, e alcançando a divisa com o Maranhão, na cidade de Estreito. Sua construção (1958-1960) até o seu asfaltamento (1974), propiciaram ao norte goiano, hoje o atual estado do Tocantins, o surgimento de diversas cidades e povoados e o escoamento da produção agrícola. Mas, para compreender essas

transformações e os seus impactos, primeiro é necessário realizar uma análise do processo histórico de concepção e construção da Belém-Brasília (1958 - 1960).

No tocante ao histórico de sua concepção, a historiadora Sônia Maria de Souza (2004) afirma que o desejo dessa construção já esteve na intenção das pessoas que buscavam conquistar a Amazônia, mas foi adiado devido às dificuldades políticas, financeiras, técnicas e ao medo da selva. Grande parte dessa estrada, por sua vez, seria construída em plena selva amazônica. Contudo, apesar da Belém-Brasília ter sido uma obra da gestão de Juscelino Kubitschek, houve outras iniciativas anteriores e posteriores ao seu Governo.

Diante disso, a construção da estrada teve início com a política "Marcha para o Oeste" durante o governo de Getúlio Vargas (1937-1945). Essa política de colonização, fomentada pelo Estado, objetivava a interiorização da população e o aumento da produção agrícola, resultando na instalação das colônias agrícolas nacionais (1942). No estado de Goiás, surgiu a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (Cang) e a figura do engenheiro Bernardo Sayão de Carvalho Araújo, indicado por Getúlio para implantar e dirigir a Cang. Nesse contexto, os primeiros trechos da rodovia foram abertos e tornaram-se possibilidades concretas para a realização do ambicioso plano de conectar a região norte de Goiás ao porto de Belém, no Pará (Aquino, 2004, p.316, 317, 319).

Com a criação da Cang em Goiás, conforme Valverde e Dias (1967, p.325), "foi construído o primeiro trecho da rodovia Belém-Brasília, ligando Anápolis a Ceres, de 1941 a 1944", pelo diretor da colônia, Bernardo Sayão. Esse trecho foi aberto para dar acesso à colônia agrícola, devido à sua estrutura fundiária e à qualidade de suas terras, que exigiam um sistema eficiente de transporte para escoar sua produção. Em seguida, Bernardo Sayão, deu continuidade, estendendo a estrada até a cidade recém-fundada Uruaçu.

Nessa época, foi elaborado o *Primeiro Plano Rodoviário Nacional* em 1942, com o objetivo de integrar social e economicamente ao ligar os centros produtores do Norte com o Sudeste e Sul, mas o país ainda não tinha condições de implantá-lo. Em 1947, o deputado Jales Machado apresentava ao Congresso Nacional o Projeto de Lei 1.211, que previa a organização de um sistema de ligação rodo-fluvial de Anápolis a Belém, onde as estradas iriam até o ponto em que os rios fossem navegáveis, e, a partir desse ponto, a viagem se faria por água. O projeto teve pareceres favoráveis do Congresso, apesar das críticas feitas pelo Departamento

Nacional de Estradas de Rodagem (DNER). Houve a possibilidade de sua efetivação, mas esta não se concretizou. Nesse contexto, de acordo com Valverde e Dias (1997), a lei nº 2.975, de 27 de novembro de 1956, determinou a modificação do traçado da BR-14:

Por disposição da lei nº 2.975, de 27 de novembro de 1956, o traçado da BR-14 foi modificado, abandonando o vale médio do Tocantins e seguindo, tanto quanto possível, o divisor de águas Tocantins-Araguaia, até cruzar aquele curso d'água na fronteira Goiás-Maranhão. Pela primeira vez, resolvia-se oficialmente pôr de lado a ligação rodo-fluvial, confiando-se totalmente à rodovia a vinculação interior de Belém com o resto do Brasil. (Valverde; Dias; 1997, p. 328).

Desse modo, foi durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) que a Belém-Brasília se concretizou. Essa iniciativa, assim como a construção de outras obras, "Brasília-Fortaleza" e "Brasília-Acre", integravam-se ao âmbito do "Plano de Metas", delineado pelo presidente, conforme descrito por Aquino (2004, p. 320), caracterizado como uma "estratégia programática" para gerir um governo desenvolvimentista.

A partir do Decreto nº 43.710, de 15 de maio de 1958, registrado quando a construção de Brasília já estava em pleno andamento, foi estabelecida a *Comissão Executiva da Rodovia Belém-Brasília* (RODOBRÁS) - autarquia subordinada à Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), dotada de considerável autonomia administrativa e financeira, com o propósito de desincumbir-se rapidamente de sua missão precípua. (Valverde; Dias; 1997).

Assim, o presidente JK ao reconhecer o grande desafio que a construção da Belém-Brasília representava, determinou a criação de duas frentes de serviços. Uma delas partiu do estado de Goiás em direção a Belém do Pará, liderada pelo engenheiro Bernardo Sayão, enquanto a outra frente partiu de Belém do Pará em direção a Goiás sob o comando do médico-sanitarista Valdir Bouhid. (Aquino, 2004, p.321).

Após a criação da Rodobrás, em 15 de maio de 1958, Bernardo Sayão foi convidado pelo presidente Juscelino Kubitschek para fazer parte da Comissão como supervisor da construção. E várias firmas empreitaram trechos da rodovia, dentre as diversas construtoras, no território goiano-tocantinense temos: Empresa Nacional de Construções Gerais (trecho Crixás-cercadinho); George-Yunes Engenharia e

Construções (Cercadinho - Araguaína); Viatécnica S/A (Araguaína - Estreito) e Dr. Gilberto Rocha Salgueiro (Ponde sobre o rio Tocantins). (Sayão, 1976, p.150).

Com relação ao início das obras que ligariam Brasília a Belém do Pará, o presidente Juscelino Kubitschek mobilizou representantes de nações estrangeiras para que elas testemunhassem a presença do seu governo na Amazônia. Junto com Bernardo Sayão e o engenheiro George Yunes, conhecido como “Gaúcho”, organizaram uma festa no local chamado “Cercadinho”, atual cidade de Barrolândia, Tocantins. Segundo Aquino:

Resolveu então Yunes, acompanhado pelo vice-governador Sayão, ir ao Presidente JK (Brasília). Lá chegando, foram muito bem recebidos por Juscelino que, aproximando-se do mapa do Brasil, pediu que o Gaúcho lhe mostrasse o local denominado Cercadinho. Após a localização no mapa, pergunta ao Gaúcho se aquilo ali não seria a Amazônia. Confirmado que sim, Juscelino promete comparecer à festa. Recomendou então ao Gaúcho que montasse toda infraestrutura: construindo pista de pouso e ornamentando o local com elementos que caracterizassem claramente tratar-se de região amazônica. (Aquino, 2004, p. 324).

O que parece ser apenas uma festividade revela o interesse do governo em disponibilizar a Amazônia para o capital internacional, em busca de parcerias que viabilizem seu projeto de grandes obras. A estrada foi alvo de várias críticas por parte de parlamentares e da imprensa de oposição, como a “Tribuna da Imprensa”, dirigida pelo udenista (partido de oposição) Carlos Lacerda. As objeções envolviam o elevado custo da obra, pois o custo da construção da estrada era uma preocupação para muitos críticos. Diante desse cenário, os meios de comunicação alinhados ao governo Kubitschek foram mobilizados para a produção de matérias favoráveis ao empreendimento. (Andrade, 2018).

De acordo com Rômulo de Paula de Andrade (2018), em meio à política desenvolvimentista de Juscelino, os meios de comunicação apoiadores do governo, destacando-se os jornais e as rádios pertencentes a Assis Chateaubriand, o grupo Globo de Roberto Marinho e a revista Manchete, do grupo Bloch, ajudaram a propagar a ideia de que “a natureza e a floresta amazônica seriam impedimentos a esse processo”; sendo representadas como “autênticas vilãs que deveriam ser superadas para dar lugar ao progresso e à modernidade”. Diante da dificuldade de construir uma estrada em meio à floresta, foram dados contornos épicos à empreitada.



No decorrer da obra, acampado próximo a cidade do Estreito - MA, Bernardo Sayão encontrou-se com seus colegas Dr. Gilberto Salgueiro e o topógrafo Jorge Dias em uma barraca para discutir sobre verbas para os trabalhadores. Um imenso galho de árvore caiu em direção à barraca, onde eles estavam. Então, em 15 de janeiro de 1959, ocorreu um evento trágico: a morte do engenheiro Bernardo Sayão, enquanto os seus colegas ficaram apenas feridos. "Sua morte representou a criação do mito em torno do engenheiro, considerado um bandeirante moderno pela propaganda presidencial" (Andrade, 2018, p. 8).

Léa Sayão, filha do engenheiro, rememora que seu pai sofreu bastante com o acidente, e devido à ausência de médico no acampamento tiveram que esperar por assistência. Horas mais tarde, conseguiram transferir Bernardo para a cidade mais próxima, Açailândia - MA, com o auxílio de um helicóptero. Contudo, no dia seguinte, receberam pelo rádio a confirmação de seu falecimento. A notícia de sua morte gerou comoção em todo o país. Como uma homenagem, o presidente JK assinou o Decreto nº 47.763 em 2 de fevereiro de 1960, oficializando que a rodovia Belém-Brasília passaria a ser denominada "Bernardo Sayão".

Ao término da construção da Belém-Brasília na região norte do Goiás, o presidente Juscelino Kubitschek organizou uma caravana. A Caravana da Integração Nacional foi dividida em quatro colunas, cada uma partindo de um ponto cardeal do país, em uma espécie de carreata em 1960. O presidente JK determinou que apenas veículos brasileiros compusessem a caravana, com o objetivo de destacar o cumprimento de uma das metas estabelecidas, incentivo da produção de veículos no país. Desse modo, dois meses antes da inauguração de Brasília (21 de abril de 1960), a caravana partindo dos quatro cantos do país rumo a capital foi idealizada para fazer a ligação Transbrasiliana por meio de um cruzeiro de estradas e para que se encontrassem em uma celebração na nova capital do país (Souza, 2004, p. 364 e 365).

No que se refere às dificuldades e desafios, a obra teve como principal impacto negativo a exploração do meio ambiente e a impossibilidade da população pobre de conservar suas terras (posses). Naquela época, ocorria o desmatamento sem que se discutissem medidas para amenizar os impactos ambientais. Ao mesmo tempo, a internacionalização da Amazônia contribuía para a exploração da madeira e de minerais encontrados durante a abertura da floresta. (Aquino, 2004, p.330).

Outro impacto da rodovia foi o aspecto da especulação das terras, devido a perspectiva de sua valorização. Nesse contexto, se tornaram frequentes as grilagens de terras em diversas localidades, nas áreas de influência da estrada, o que provocou conflitos violentos entre grileiros e posseiros. A grilagem de terras refere-se a práticas ilegais relacionadas à apropriação de terras, geralmente envolvendo documentos falsificados. Devido a esse problema agravar-se na região, conforme Aquino (2004), houve uma tentativa de elaborar um "Plano de Colonização da Estrada Belém-Brasília", fomentado pelo Estado. Nesse contexto, Aquino (2004) afirma a seguir, que esse plano não obteve sucesso.

Também George Yunes, o Gaúcho (dono da empreiteira responsável pela construção do trecho goiano-tocantinense da rodovia), afirma em seu depoimento que ao longo da estrada eram reservados seis quilômetros de cada lado, para serem distribuídos entre colonos. Mas, segundo ele, essa tentativa andou longe de dar certo, porque imediatamente chegavam os latifundiários, que ofereciam algum dinheiro, compravam aquelas terras dos colonos e, assim, a margem da rodovia foi-se transformando em latifúndio. (AQUINO, 2004, p. 328).

Outro problema que foi apontado, segundo Aquino (2004), seria a dificuldade de as pessoas permanecerem em seus lotes devido aos perigos a que estavam expostas por viverem à beira da estrada. Além disso, também houve pessoas que venderam suas pequenas propriedades porque desenvolveram o gosto de morar na cidade e se mudaram para lá. Tudo isso são fatores que contribuíram para que o "Plano de Colonização da Estrada Belém-Brasília" não ocorresse conforme o planejado.

Sendo assim, como foi demonstrado, a construção da Belém-Brasília teve impactos sociais, econômicos, políticos e ambientais nos âmbitos regional e nacional. Por isso, é considerado um acontecimento de grande importância histórica. Seus impactos devem ser considerados no Ensino de História para que os estudantes possam compreender os desdobramentos da obra e fazer uma conexão entre o local/regional com o nacional e o global.

### **1.3A Belém-Brasília e o local: o povoado Guará**

A construção da Belém-Brasília não apenas conectou diferentes regiões do país, mas também estimulou a migração e o desenvolvimento de novos núcleos

urbanos ao longo de seu percurso no território tocantinense. Desde a sua inauguração (1960) e pavimentação asfáltica (1974), houve um crescimento populacional no território do Tocantins, antigo norte goiano, conforme apontado por Aquino (2004). O autor utiliza dados do Censo do IBGE de 1950 e de 1980, que mostram que a população na região passou de 204.041 para 738.688 habitantes. Nesse contexto, surgiram os centros urbanos de Araguaína, Colinas de Goiás, Guará, Miranorte, Paraíso do Norte, Gurupi, Alvorada, entre outros.

De acordo com Aletícia R. Silva (2023), na época da criação da rodovia Belém-Brasília, considerada um fato importante para a história das migrações e construções de cidades no Tocantins, esta região era parte norte do estado de Goiás. Portanto, ao escrever uma História Local e Regional de qualquer cidade nascida após a criação da rodovia no Tocantins, devemos evitar correr o risco de anacronismo. Desse modo, Aletícia (2023) afirma a seguir que já havia a luta e/ou clamor pela criação do estado do Tocantins, e que a identidade foi parte da criação e da invenção do Tocantins.

Nenhum morador desta terra se declararia tocantinense. Afinal, [não] existia o próprio estado do Tocantins. No entanto, alguns textos escritos logo após a criação do estado do Tocantins, elogiam o clamor popular pela emancipação, pela afirmação de uma identidade puramente tocantinense. Assim, chamamos atenção para que a História Local e Regional venha ser feita deixando bem claro que região é um termo referente ao território, visto como um espaço de luta e disputas políticas. (Silva, 2023, p. 251).

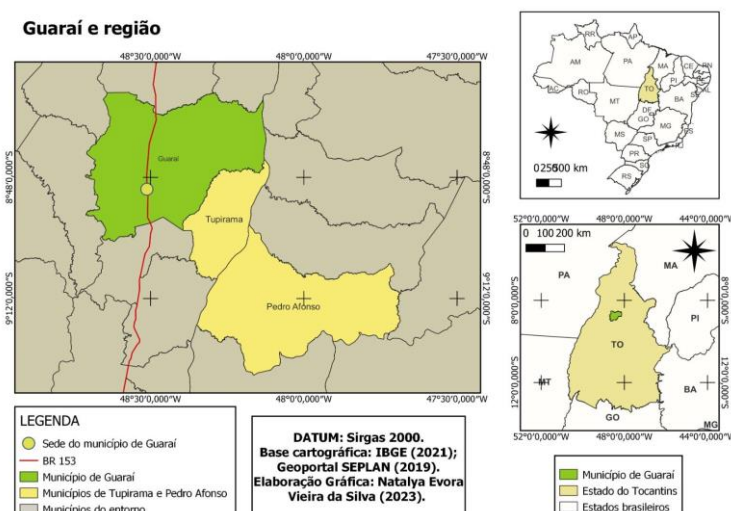
Dessa forma, compreendemos que a “identidade”, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 96), é uma construção sociocultural, ou seja, é construída socialmente, e esses processos influenciam as relações de poder em determinado espaço. Por sua vez, Silva (2023) afirma que muitas pessoas que migraram para as cidades do antigo norte goiano, como Colinas, Araguaína e Guaraí, há mais de 30 anos, ainda se identificam como maranhenses, piauienses e goianos. De modo semelhante, Aquino (2004, p. 340) alega que 'a identidade do Tocantins é algo ainda em construção'.

Seguramente, a identidade do Tocantins é algo ainda em construção. E, como se sabe, normalmente a maturidade de um processo de cunho cultural é “inaugurada” com algum estudo-síntese a respeito. Além disso, é preciso atentar para o fato de que outras regiões que foram ocupadas em épocas bem anteriores à do Tocantins ainda buscam afirmar sua verdadeira identidade, o que contribui para reforçar mais esta ideia de que o antigo

norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins, ainda se encontra em pleno processo de construção de sua identidade cultural (Aquino, 2004, p. 340).

Após essas considerações, concentramo-nos na relação da Belém-Brasília com a formação da cidade de Guaraí. Sobre essa relação, a presença da estrada, que em 1960 impulsionou o crescimento populacional no povoado chamado Guará, no território de Tupirama (antigo Goiás), levou à criação da cidade de Guaraí em 1968 e, posteriormente, à sua emancipação política em relação a Tupirama em 1970. Na Figura 2, vemos a representação da configuração atual das cidades de Guaraí, Tupirama e Pedro Afonso, sendo que a primeira se localiza no eixo rodoviário da BR-153 (antiga Belém-Brasília/BR-14), e as outras duas se encontram ao longo do rio Tocantins, sendo que, Pedro Afonso está situada à direita do rio, enquanto Tupirama está do lado esquerdo.

Figura 2: Mapa de Guaraí e região



Fonte: DATUM: Sirgas 2000. Base cartográfica: IBGE (2021), Geoportál SEPLAN (2019). Elaboração Gráfica: Natalya Evora Viera da Silva (2023).

Sobre o vínculo entre o povoado Guará e Tupirama, é necessário historicizar a cidade para compreender melhor as transformações do povoado. As informações sobre o histórico de Tupirama, reproduzidas pelos órgãos municipais, foram produzidas em 1958 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que editou a coleção Enciclopédia dos Municípios Brasileiro, por Jurandyr Pires Ferreira (1958). A coleção teve como objetivo sistematizar informações estatísticas e geocientíficas do território nacional, com foco nos municípios, onde abrangeu os aspectos físicos, como relevo, clima, vegetação e hidrografia, além de apresentar

informações sobre características demográficas, socioeconômicas e históricas. Em relação ao histórico de Tupirama, a enciclopédia consta o seguinte trecho:

HISTÓRICO – em 1937, Leôncio de Souza Miranda, residente em Pedro Afonso, resolvera, dado o grande número de competidores no setor comercial, transferir-se para a margem esquerda do rio Tocantins em frente à cidade de Pedro Afonso, construiu três casas residenciais para si e seu pessoal, donde adveio o nome de Trindade, primeiro nome do povoado. Por influência do fundador, o lugarejo desenvolveu-se rapidamente e, com o sensível aumento da população a que vieram juntar-se diversas famílias do interior do Município, tornou-se capaz de erigir-se em vila. Assim é que, em 1938, Trindade era elevada à categoria de vila, por Gentil Veras, então prefeito municipal de Araguacema. Na organização do quadro Territorial do Estado fora substituído o nome de Trindade pelo de Tocantinópolis, denominação que também não demorou a ser substituída pelo nome de Tupirama, que continua até nossos dias. Tupirama teve sua fase de progresso arrefecida, mas, não obstante, graças aos esforços de seus principais chefes, em 1953 foi elevado à categoria de cidade, tendo-se verificado sua instalação no dia 1º de janeiro de 1954. (FERREIRA, 1958, Vol. 36, p. 429 – destaque do original).

A partir desse histórico, inicialmente, destacamos que no início do século XIX, após o período de atividades auríferas no território do Tocantins, antigo norte goiano, diversas comunidades ribeirinhas surgiram e se estabeleceram ao longo dos séculos XIX e XX. Porto Nacional e Pedro Afonso, conforme destacado por Maria de Fátima Oliveira (2010, p. 14), desempenharam papéis de relevância como "importantes centros dinamizadores na região por longa data". Por sua vez, Souza (2004) relata que no início do século XIX, Pedro Afonso era um centro importante de negócios no médio Araguaia e Tocantins, que tinha ligações comerciais com Belém (PA) e São Luís (MA), e mais tarde Bahia.

Em relação aos movimentos de migrações, conforme observado por Souza (2004), a região norte de Goiás, com destaque para localidades como Porto Nacional, Tocantinópolis e Pedro Afonso, juntamente com toda a margem esquerda do rio Tocantins, experimentou a chegada de imigrantes provenientes da Bahia, do Piauí, do Maranhão e do Pará durante o século XIX. Nesse período, também surgiram núcleos urbanos a partir de atividades auríferas e agropastoris, sob diversos aspectos tais como fazendas, colonização, bens materiais e paroquiais, loteamento rurais etc.

Por outro lado, no início do século XX, ocorreram os fluxos migratórios espontâneos, nos quais a iniciativa de migrar partiu dos próprios interessados, motivados por diversos fatores e sem a interferência do Estado. Também houve um fluxo dirigido pelo Governo a partir da criação de Colônias Agrícolas e da campanha

política "Marcha para o Oeste" na década de 1940. Contudo, em virtude das dificuldades de comunicação entre as regiões norte e sul do Estado de Goiás e da limitada geração de riqueza resultante do comércio estabelecido entre as áreas rurais e os poucos núcleos urbanos, não se propiciava a formação de centros urbanos de significativa expressão (Souza, 2004).

Após compreender a importância de Pedro Afonso como centro comercial, os movimentos migratórios, a formação de núcleos urbanos, a constituição de fazendas e suas atividades agropastoris, vamos ampliar a análise sobre como foi o processo de formação e de transformação do povoado Guará, vinculado a Tupirama no final das décadas de 1950 até sua emancipação política no início da década de 1970.

As antigas fazendas pertencentes a Pacífico Silva, localizadas na parte norte e Antônio Mendes Ribeiro, na parte sul do atual município, desenvolveram-se a partir da construção da Belém-Brasília em 1959. Com o intuito de entender melhor sobre a origem dessas fazendas e sobre o começo do povoado, visitamos o morador de Guará, Lourenço Ferreira Lima, 85 anos de idade, em sua residência no dia 06 de agosto de 2022. Lourenço é de origem de Pedreiras – Maranhão e exerceu o cargo de secretário da Câmara Municipal da cidade de Tupirama, através da portaria nº 01/55, de 02 de fevereiro de 1955. A entrevista ocorreu no seu escritório, onde ele demonstrou bastante interesse em compartilhar suas memórias. Sobre as raízes da fazenda Guará, Lourenço descreve como foi o processo de ocupação e compra da fazenda:

Serafim Pereira, no ano de 1920, deixou sua terra no lugar denominado Estreito no estado do Maranhão e aqui chegando, apossou-se das terras que mais tarde denominaram-se de Fazenda Guará, em virtude haver na localidade muitos Lobos-guará. Aqui residiu até o ano de 1939, quando vendeu a fazenda para o Sr. José Alves de Sousa, este vindo da cidade de Loreto, estado do Maranhão. De fazenda, somente o gado foi vendido e as terras lhe foram doadas pelo Sr. Serafim Pereira, cuja posse se efetivou somente em 1940 ou 1941. Com a morte do Sr. José Alves de Sousa, Félix Pestana, recebeu a Fazenda Guará por herança de seu pai. Félix Pestana, mais tarde, vendeu a referida fazenda para o Sr. Joaquim Ferro e esse vendeu-a para o Sr. Antônio Mendes Ribeiro por 1.000\$000,00 (um conto de réis). Em data de 10 do mês de fevereiro de 1954, O Sr. Antônio Mendes Ribeiro, vendeu para o Sr. Pacífico Silva, a parte norte da fazenda epigrafada, pelo valor de CR\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros), cujo pagamento se efetivou em data de 01 de novembro do ano de 1954. (entrevista com Lourenço Ferreira Lima, em 06/08/2022).

Como se observa, a específica fazenda teve diferentes proprietários e moradores entre os anos de 1920 e 1954. A chegada de imigrantes, sobretudo do

Maranhão, pode ser entendida a partir do contexto dos fluxos migratórios espontâneos, no início do século XX, atraídos por melhores condições de vida. Sobre as principais atividades econômicas desenvolvidas naquela época na região de Pedro Afonso e Tupirama, Souza (1997) menciona a agricultura, a pecuária e o extrativismo vegetal (babaçu). De acordo com Souza (1997), apesar da lavoura ser pouco desenvolvida, as produções de arroz e milho eram destinadas aos estados de Maranhão e Piauí, enquanto a pecuária era destinada à cidade de Pedro Afonso, onde se abatia o gado e preparava-se a carne para ser levada de avião para a cidade de Belém do Pará.

Devido à falta de uma rodovia para conectar os principais centros urbanos, naquela época, a medida adotada foi a abertura de pista de pouso em muitos lugares, onde fosse possível realizar as trocas comerciais a partir de voos. Assim, para que a política econômica adotada pelo governo de JK, visando à integração nacional e o desenvolvimento do país, fosse efetivada, deu-se início à construção do eixo rodoviário Belém-Brasília. Dessa maneira, a abertura da rodovia se transformou no polo de atração da população de Tupirama e diversas regiões (Souza, 1997).

De acordo com os dados censitários do IBGE, coletados no seu próprio site, a população de Tupirama era de 5.211 pessoas no censo de 1950, tendo havido um aumento significativo para 8.350 pessoas no censo de 1960. Nesse contexto, após comprar a parte norte da fazenda Guará, o fazendeiro Pacífico Silva empenhou esforços para trazer seus familiares do Piauí para morar na região. Mas, de acordo com Souza (1997, p. 99), “somente com a abertura da Rodovia Belém Brasília, que passava por considerável extensão de sua fazenda, é que realmente começou o povoado Guará, no início de 1959.”

Com a instalação da rodovia, a fazenda Guará ficou entre os trechos de Cercadinho (atual Barrolândia) e Araguaína, sob a supervisão do engenheiro George Yunes (o "Gaúcho"). Ele decidiu instalar um acampamento nas terras de Antônio Mendes Ribeiro para supervisão da obra da Belém-Brasília, que perdurou de 1959 a 1964. Nesse acampamento, contava-se com a presença de médicos e dentistas, escassos naquela região, o que atraiu diversas pessoas para receber atendimento no acampamento, principalmente de malária, uma doença comum na época (Souza, 1997, p.100).

Em seguida, o perfil da migração regional passou a ser, predominantemente, nordestino. Registros do censo demográfico de 1970 (IBGE, 1970) informam que os

estados do Maranhão, Piauí e Ceará tiveram a maior participação de imigrantes nos municípios atravessados pela rodovia, conforme mencionam Arrais, Castilho e Aurélio Neto (2016). Para os autores, a relação da região com os três estados justifica-se pela proximidade, fazendo fronteira com o Maranhão e tendo acesso, por meio de ligações de estradas de rodagem, ao Piauí e ao Ceará. Essa conexão estabeleceu-se também devido às dificuldades encontradas nas zonas do semiárido nordestino, resultando em um intenso movimento migratório. Esse processo foi motivado pelo trabalho em pelo menos três segmentos, os quais estavam plenamente articulados, conforme o trecho a seguir:

O primeiro, como bem anotou Machado (1979), para força de trabalho em função da abertura de fazendas, derrubada de matas e formação de pastos em região típica de fronteira. O segundo respondeu pelos trabalhos ligados às empresas contratadas para os serviços de construção da rodovia (abertura do leito principal, aterros, terraplanagem etc.). E o terceiro para atividades de suporte, a exemplo do comércio (pequenas vendas, hospedarias, restaurantes, bares etc.) e dos serviços (borracharias, postos de abastecimento etc.) que surgiam em vários pontos da rodovia. (Arrais, Castilho e Aurélio Neto, 2016, p. 67- 68).

Apesar do discurso sobre a promessa de progresso e modernidade associadas à instalação da rodovia, a região não experimentou imediatamente tais benefícios. Conforme assinalado por Arrais, Castilho e Aurélio Neto (2016, p. 68), em décadas posteriores, especificamente na década de 70, quando a rodovia foi asfaltada, os municípios do norte goiano-tocantinense ainda exibiam uma economia predominantemente centrada em atividades primárias e pouco mecanizada, aspectos similares aos registrados no início do século XX.

Além da procura de trabalho na região, houve outras motivações de migração. Por exemplo, o casal Ananias Neri de Barros e Claudina Neri de Barros deixaram Brasília e compraram uma fazenda na região do povoado Guará com propósitos missionários. Anos depois, o casal ergueu na recém-criada cidade de Guaraí (antigo povoado) um hotel chamado Itamarati e uma loja de material de construção chamada “Construção Barros” em 1972 e que foi aberta ao público em 1973. De acordo com o relato de Claudina, o principal motivo da sua mudança e o estabelecimento do comércio local foi a evangelização, segundo o trecho:

Em Guaraí começamos outra igreja. Como Nani [sua filha] queria ir para Guaraí logo, vi a oportunidade de fincar a bandeira de Cristo ali. Guaraí foi o futuro para nós, comecei no hotel o trabalho de Deus, em uma sala que o meu esposo me deu. (Barros, 2016, p.49).



Na Figura 3, aparece um “bar”, o “Itamarati Hotel” e a “Construção Barros” em frente da Belém-Brasília quando antes de ser asfaltada. Atualmente, esse trecho da rodovia se localiza na esquina da Avenida Brasil, em Guaraí, onde se encontram outros estabelecimentos comerciais.

Figura 3: Estabelecimento Bar e Itamarati Hotel, Guaraí, 1972



Fonte: Guaraí Notícias. Arquivo pessoal do correspondente Marcelo Gris (2023).

Portanto, a criação do povoado não pode ser considerada um fenômeno automático resultante da Belém-Brasília. Houve vários fatores que influenciaram a sua formação, como a existência de várias fazendas e famílias na região, como as terras do Pacífico Silva e de Antônio Mendes Ribeiro, bem como a presença de médicos e dentistas nos acampamentos instalados pela Rodobrás e pela SPVEA. Também foi demonstrado que antes da construção a rodovia, houve movimentos de migrações, sejam elas de interesses particulares ou fomentada pelo Estado, para a região no início do século XX. Logo, devemos considerar esses fatores nas suas diferenças e conexões entre si no estudo do local.

### 1.3.1 Um espaço de lutas e de interesses: a emancipação política do povoado

No tocante à criação da cidade de Guaraí em 1968 e sua emancipação política em 1970, tornou-se um espaço de lutas e de interesses políticos. Os vereadores tentaram várias vezes transferir a sede administrativa do município de Tupirama para Guaraí, devido à presença do eixo rodoviário Belém-Brasília, mas

sem sucesso em administrações anteriores. Desde o mandato de Leôncio de Souza Miranda (1960-1961) até a gestão de Pacífico Silva (1962-1965), houve defensores do movimento político pela transferência. (Souza,1997).

Para ampliar a reflexão sobre o contexto, precisamos compreender o cenário político nacional e regional da época de 1960 até 1970. Em relação a República do Brasil, na sucessão de Juscelino, tivemos Jânio da Silva Quadros no poder por um ano em 1961, pois devido a suas medidas impopulares e a falta de apoio político e da imprensa, decidiu renunciar ao cargo no dia 25 de agosto daquele mesmo ano. Em seguida, o vice João Goulart assumiu o poder da República e permaneceu até 1964, mesmo que um grupo considerável de ministros, militares, políticos da oposição e grandes empresários fossem contra a sua posse.

Durante o governo de João Goulart (1961-1964), Mauro Borges Teixeira eleito governador do Estado de Goiás em 1960 pelo Partido Social Democrático (PSD), assumiu o cargo para um mandato de cinco anos em 31/01/1961. No entanto, seu mandato foi cassado em 26/11/1964, em decorrência do Golpe de Estado Civil-Militar daquele mesmo ano. Para substituí-lo, foi nomeado o interventor federal Carlos de Meira Mattos (SEGPLAN, 2017).

Em seguida, após a instalação da ditadura militar em 1964, durante o governo de Castelo Branco, Otávio Lage foi eleito governador pela União Democrática Nacional (UDN) em 1965, tomando posse em 31 de janeiro de 1966 e concluindo o mandato em 15 de março de 1971. Otávio substituiu o interventor federal Emílio Rodrigues Ribas Junior e na mesma época, foi decretado o Ato Institucional nº 2 em 1965, conferindo mais poderes ao presidente e extinguindo todos os partidos políticos existentes, criando apenas dois: a Aliança Renovadora Nacional (Arena), como apoiadora do governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), destinado a fazer uma oposição moderada.

Em relação à política em âmbito local e regional, o major Juvenal Pereira de Souza e o presidente da Câmara, Lourenço Ferreira Lima, lideraram um movimento para agilizar a transferência da sede de Guaraí. Após uma audiência com o Deputado José Carneiro Vaz em Goiânia, obtiveram o compromisso de submeter o projeto à Assembleia Legislativa. Em uma reunião extraordinária, o projeto foi aprovado e sancionado pelo Governador Otávio Lage de Siqueira, tornando-se a Lei nº 7.117, de 05 de novembro de 1968, que autorizou a transferência da sede do município a partir de janeiro de 1969. (Souza, 1997, p. 102).

Todavia, a transferência não aconteceu de imediato, devido a resistência política do prefeito de Tupirama, José Reis Cavalcanti, pois, de acordo com Souza (1997, p. 112), “o prefeito José Reis Cavalcanti era contra a transferência da sede, e não assinou a lei, alegando que não havia condições da sede funcionar no povoado, por não existir prédio para a prefeitura e demais dependências.” Dessa maneira, a postura do prefeito causou uma divergência política dentro do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Nesse contexto, o presidente do diretório do partido MDB, Pacífico Silva, mostrou-se favorável à mudança da sede, uma vez que as terras onde se desenvolvia o povoado eram de sua propriedade. Por esse motivo, ele passou a apoiar o candidato Osvaldo Dantas de Sá, do partido Aliança Renovadora Nacional (ARENA), que se comprometeu a efetuar a transferência da sede. Assim sendo, Osvaldo Dantas de Sá foi eleito pela ARENA e contou com o apoio de boa parte do MDB, assumindo o cargo em 1º de fevereiro de 1970. A mudança da sede foi concretizada em 11 de abril de 1970 (Souza, 1997, p. 102).

Portanto, como ficou demonstrado, houve diversos e diferentes fatores que contribuíram com a formação do povoado Guará (1960) e sua emancipação política (1970). Por isso, ao inserir a História Local no Ensino de História, devemos considerar o Local como um “espaço” de lutas e de interesses, para que os estudantes possam entender a complexidade do local e ao mesmo tempo suas conexões com outros contextos regionais e nacionais. Dessa maneira, contribuiremos para um Ensino de História mais significativo.

#### **1.4 O Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) e a percepção dos estudantes em relação à História Local**

O *lócus* da aplicação da pesquisa, Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT), representado na Figura 4, tem origens que remontam a 1962, com a criação do povoado Guará e a construção da Belém Brasília, devido ao aumento da demanda por ensino na região. Hoje o colégio está localizado no centro de Guaraí-TO, próximo à Paróquia Matriz São Pedro Apóstolo. Com uma infraestrutura ampla e bem equipada, o colégio dispõe de onze salas de aula climatizadas, três laboratórios (matemática, química e biologia), refeitório climatizado, biblioteca, quadra

poliesportiva, salas para professores, além de salas de reuniões e coordenação. Desse modo, observamos uma ótima estrutura para receber e atender as demandas dos estudantes de Guaraí e região.

Figura 4: Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres, 2023



Fonte: Esequias Araujo. Governo do Tocantins. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/governador-wanderlei-barbosa-entrega-reforma-em-escola-de-guarai-e-visita-obras-do-corpo-de-bombeiros-da-cidade/4cfiqvcn3olk>. Acesso em: 26/12/2023.

O CEMOT é reconhecido na região por ser uma das primeiras instituições de ensino a serem estabelecidas no município. Ao longo dos anos, muitas gerações de estudantes passaram pelas suas salas de aula. Além disso, o colégio é acessível à comunidade para a realização de eventos e aos estudantes que desejam praticar esportes com amigos durante os fins de semana. Quanto ao modelo de ensino, a instituição adota o formato integral, em que os estudantes passam em média nove horas diárias nas dependências da escola.

No tocante a sua história de formação, consultamos o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2023) do CEMOT que está disponível no aplicativo chamado “drive” do Google, na conta da instituição. Segundo o PPP (2023, p. 6), o CEMOT teve origem devido aos esforços da professora Maria Noronha Carvalho, que, em 1959, dava aulas em uma casa onde também produzia farinha, próxima à residência do Pacífico Silva, na fazenda Guará. Com a abertura da rodovia Belém-Brasília (1958-1960), e o crescimento do povoado Guará, vinculado ao município de

Tupirama, na antiga região Norte Goiano, houve a necessidade de criar uma escola para atender às demandas locais.

No início do povoado, quando Pacífico Silva ocupava o cargo de prefeito de Tupirama de 1961 a 1964, apesar das limitações do município, ele construiu duas salas de aula pré-moldadas. Essas salas foram inauguradas em 24 de outubro de 1962 com o nome de Escola Reunida Mauro Borges (Figura 5), em homenagem ao então governador do Estado de Goiás. (PPP, 2023).

Figura 5: Escola Reunida Mauro Borges, Guaraí, 1962.



Fonte: Guaraí Notícias. Arquivo pessoal do correspondente Marcelo Gris (2023).

Com o objetivo de obter mais informações sobre a construção das salas de aula pré-moldadas da Escola Reunida Mauro Borges, entrevistamos a filha mais velha de Pacífico Silva, Izabel Dias Silva, em 27 de julho de 2022. Foi o nosso primeiro contato com Izabel, e a entrevista ocorreu na mercearia, local de sua residência em Guaraí. Inicialmente, Izabel estava um tanto ansiosa e nervosa, temendo não lembrar das coisas, mas ao longo da nossa conversa, ela começou a se sentir mais à vontade. Por ser o nosso primeiro encontro, Izabel solicitou que a entrevista fosse realizada na mercearia. Em meio aos ruídos de motos e carros passando na rua, com pessoas entrando e saindo da mercearia, ela relatou:

Na época do governo Borges, meu pai era prefeito e fez um convênio com o Mauro Borges para trazer uma turma para a nossa cidade, construindo escolas de pré-moldado em vários municípios. Então, bem na esquina daquele lote [apontando na direção do CEMOT], eles construíram um colégio de duas salas, que parecia ser feito de pré-moldado. Esse foi o primeiro colégio na área. Antes desse colégio, as aulas eram realizadas em

um lugar que costumava ser uma igreja. Se o padre comparecesse para celebrar, a sala era utilizada para a celebração. Do contrário, era usada como uma sala de aula, onde as professoras Maria Noronha e Benvinda ensinavam. (entrevista com Izabel Dias Silva, em 27/07/2022).

Para ampliar a reflexão sobre o contexto, segundo Graça (1998), até a década de 1970, a educação tinha dois ciclos: Ensino Primário e Ginásio. O “Ensino Primário” correspondia aos quatro anos iniciais do atual Ensino Fundamental, enquanto o “Ginásio” dizia respeito aos quatro anos finais. Entre os dois ciclos de quatro anos, havia um exame de admissão para o ginásio. Ainda nos anos 1960, existia a possibilidade de os professores cursarem apenas uma escola normal 'regional', o que significa que eles concluíam o ginásio (equivalente do sexto ao nono ano), em seguida, estariam aptos para lecionar.

Nesse sentido, a professora Oquerlina Torres Santos nasceu na cidade de São Raimundo das Mangabeiras, estado do Maranhão, em 19 de dezembro de 1903 e concluiu seus estudos na mesma cidade. Ainda jovem, casou-se com Cristiano Nogueira Santos, com quem teve 12 filhos e depois, a professora Oquerlina Torres mudou-se para o povoado Guará e passou a integrar a equipe escolar em 1964. Devido à sua vasta experiência e idade avançada, tornou-se diretora da escola até 1966, quando solicitou afastamento da instituição por motivo de aposentadoria por idade. A partir de 1966, com a ampliação de mais duas salas de aula, novas professoras se juntaram ao quadro escolar: Elvina Aguiar Santos, Maria Luiza Alves de Araújo e Maria Amélia Ferreira Rocha. Quando Dona Oquerlina se afastou para se aposentar, a professora Maria Amélia Ferreira Rocha assumiu a direção da escola (PPP, 2023).

Após a emancipação política de Guarai em 1970, conforme consta no PPP (2023, p. 7) foi construído um novo prédio com seis salas de aula. A escola, que antes era conhecida como Escola Reunida, passou a se chamar Grupo Escolar de Guarai. Com o aumento da população, houve uma grande demanda por salas de aula, o que levou a escola a oferecer quatro turnos: matutino, intermediário, vespertino e noturno, sob a direção da professora Maria Amélia Ferreira Rocha. No ano de 1974, a comunidade escolar sofreu a perda com a morte da professora Oquerlina Torres. Em homenagem ao serviço prestado por ela à educação no estado de Goiás, a escola recebeu o nome de Escola Estadual Oquerlina Torres em 1978.

Após analisar o PPP do CEMOT, percebe-se que o processo de expansão urbana de Guaraí, impulsionado pela construção da rodovia Belém-Brasília e pela conseqüente migração de pessoas para a região, desencadeou a ampliação da Escola Estadual Oquerlina Torres, visando atender à crescente demanda de estudantes. Com o passar dos anos, a instituição passou a ser o Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT), adotando o modelo de ensino integral.

#### 1.4.1 Os estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres

Com relação à educação, consideramos os educandos como sujeitos ativos no processo histórico, capazes de questionar e transformar suas realidades. Por isso, buscamos compreender o perfil socioeconômico deles e suas percepções sobre o Ensino de História e a História Local/Regional. Assim sendo, no que diz respeito aos estudantes, o CEMOT registra nove turmas no Ensino Médio em 2023, sendo três turmas de 1ª série, três turmas de 2ª série e três turmas de 3ª série, totalizando cerca de 254 alunos matriculados, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Quantidade de estudantes e turmas do CEMOT, Guaraí - TO

Turmas	Quantidade de Turmas	Matriculados
1ª Série	3	91
2ª Série	3	89
3ª Série	3	74
Total	9	254

Fonte: SGE - Sistema de Gerenciamento Escolar - SEDUC Tocantins 2023.

Nesse sentido, a Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, definindo uma nova organização curricular. Dentre as principais mudanças, houve a diminuição das aulas de história de 240 horas-aulas para 120 durante os três anos de curso. Para completar a nova carga horária de 1000 horas, foram implantados “os itinerários formativos” ou “parte diversificada” com aulas de “Eletivas”, “Trilhas”, “Projeto de Vida” e outras.

Nesse novo cenário da educação, minha experiência em sala de aula foi marcada por muitos desafios. Primeiramente, eu deveria criar uma eletiva interessante e atraente em pouco tempo. Um grupo de 26 a 30 estudantes teria que



escolher qual eletiva participar de acordo com seus próprios interesses, por meio de um formulário elaborado pela direção da escola. Assim, desenvolvi uma eletiva com o título "Guaraí, uma cidade em movimento". Admito que não é um dos títulos mais criativos para uma eletiva, mas foi o que consegui fazer no início do ano letivo.

Após algumas semanas, chegou o momento de apresentar as eletivas para os estudantes, no evento chamado "Feirão das eletivas". Assim, apresentei aos estudantes a minha pesquisa e seus objetivos, alinhados com a proposta da eletiva. Expliquei que ao fazerem sua escolha, estariam optando também por participar da pesquisa. A eletiva foi desenvolvida especificamente para os estudantes das três turmas da 1ª série do Ensino Médio, mas formou-se a turma multisseriada M.112.12 com 26 adolescentes provenientes das turmas 1301, 1302 e 1303.

As aulas planejadas começaram no dia 13 de março de 2023 e nesse dia foi aplicado um questionário. O objetivo deste questionário era obter dados que permitissem traçar um perfil geral dos estudantes, levando em consideração seus aspectos sociais, econômicos e educacionais. Nesse sentido, buscamos entender as influências sociais, o local de fala, estrutura familiar e motivações educacionais. Desse modo, a Tabela 2 apresenta a distribuição quantitativa e a divisão por gênero dos estudantes da 1ª série do Ensino Médio da turma M.112.12 do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT), no ano de 2023:

Tabela 2 - Quantidade e divisão por gênero dos estudantes

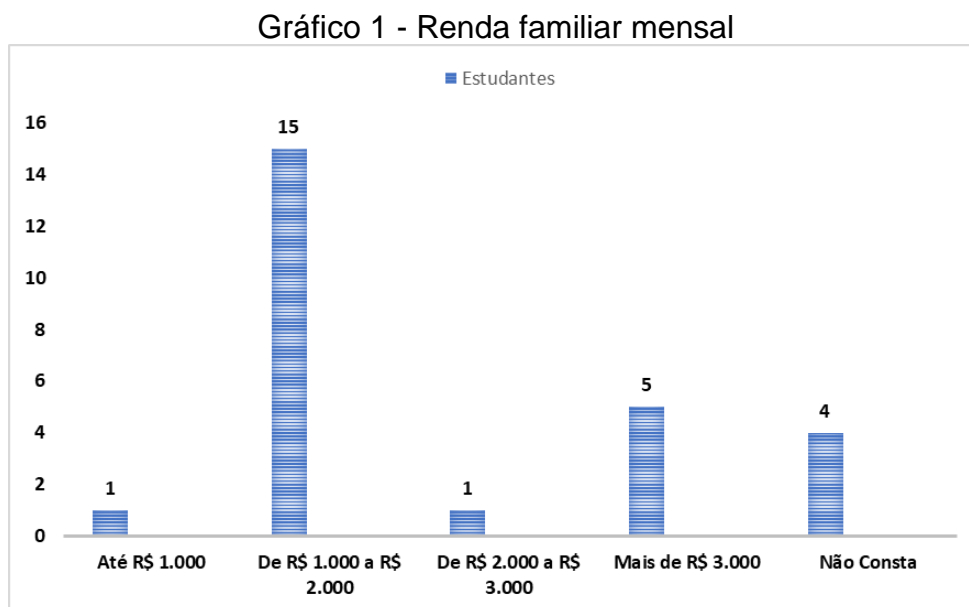
Educandos da 1ª série do Ensino Médio do CEMOT – turma M.112.12		
Masculino	Feminino	Total
6 (23,08 %)	20(76,92%).	26 (100%)

Fonte: organizado a partir do formulário aplicado ao Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres - CEMOT - vigência, 2023.

Observa-se na tabela acima uma quantidade razoável de adolescentes que participaram do processo de pesquisa dedicando-se em responder o questionário. A turma é predominantemente composta por 19 adolescentes de 15 anos (73,08%), 3 de 16 anos, 2 de 17 anos e 1 de 14 anos. Ela ainda tem uma proporção significativa de estudantes do gênero feminino (76,92%). Além disso, em relação ao estado civil e filhos, todos os alunos e alunas declararam ser solteiros, não possuir filhos e morar com os pais ou responsáveis.



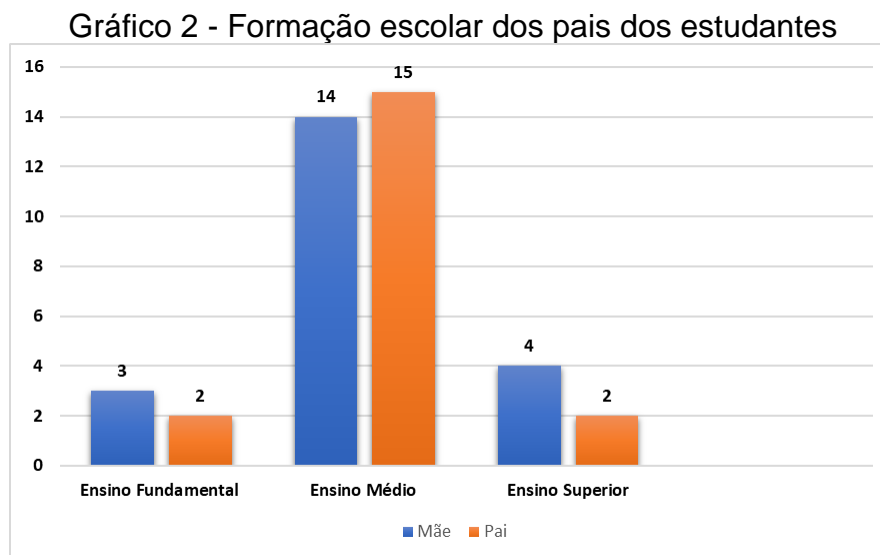
Essas informações podem contribuir para a pesquisa e para o ensino, pois a idade dos estudantes pode influenciar na forma como eles absorvem e processam as informações históricas apresentadas em sala de aula. Além disso, a distribuição de gênero também pode ser importante a considerar, uma vez que as alunas e alunos podem ter diferentes perspectivas e experiências históricas com base em sua identidade de gênero. Durante a pesquisa, foi observado na unidade de ensino, CEMOT, que, devido ao regime ofertado ser o modelo de ensino integral, com nove horas de aula ofertadas, muitos alunos e alunas buscam estudar em outras unidades, para trabalhar em outros horários, especialmente os alunos do sexo masculino. Nesse sentido, com o intuito de entender sobre renda mensal familiar, elaboramos o gráfico a seguir:



Fonte: organizado a partir do formulário aplicado ao Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres - CEMOT - vigência, 2023.

Como podemos observar no gráfico acima sobre a renda familiar dos educandos, cerca de 15 afirmaram que a família possui renda de R\$1.001 a R\$2.000, enquanto 5 responderam que a renda familiar era superior a R\$3.000. Nesse sentido, a segmentação da população de acordo com o seu poder aquisitivo serve para estimar o potencial de consumo dos diferentes grupos, e geralmente são utilizadas as expressões "Classes A, B, C, D" ou "classe alta, média e baixa" no que se refere às condições econômicas das pessoas de serem ricas ou pobres. Embora sejam muito utilizadas, não descrevem a complexidade da condição social das

famílias, por isso, a necessidade de interligar-se com outros elementos, como a formação escolar dos pais.



Fonte: organizado a partir do formulário aplicado ao Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres - CEMOT - vigência, 2023.

No que se refere ao nível educacional do pai, a maioria (15 discentes) indicou que seu pai concluiu o Ensino Médio, enquanto apenas dois afirmaram que seu pai possui formação superior completa. Já no que diz respeito à escolaridade materna, os resultados se assemelham aos da escolaridade paterna. A maioria, 14 discentes, informou que a mãe tem Ensino Médio completo, enquanto somente quatro declararam que a mãe tem ensino superior completo. Nota-se também que alguns estudantes não responderam à pergunta sobre a escolaridade do pai e da mãe. Ademais, entendemos que a educação tem um papel importante na mobilidade social e que a escolaridade dos pais pode influenciar na escolaridade dos filhos. Percebe-se que as mães, portanto, as mulheres, continuam com grau de escolaridade menor.

No que diz respeito à origem social de suas respectivas famílias, durante a coleta de dados, foi observado que houve uma grande variedade de respostas em relação às origens familiares. A maioria dos estudantes relatou que seus familiares vêm de regiões situadas no Norte e Nordeste do Brasil, destacando-se o estado do Maranhão. Essas informações nos ajudam a compreender a diversidade cultural e histórica das famílias presentes na sala de aula, o que significa que esses alunos e alunas já têm uma certa bagagem cultural em sua vivência.

Além disso, no tocante ao ensino-aprendizagem de História, todos os 26 estudantes consideram importante estudar História para entender o mundo em que vivemos. Diante disso, Selva Guimarães Fonseca (2009, p. 89) afirma que devemos "pensar a história como disciplina fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora e libertadora". No entanto, Fonseca alerta que devemos ter consciência de que o debate sobre o significado de ensinar processa-se sempre no interior de lutas políticas e culturais, que no passado histórico da disciplina de História, predominava uma construção de cidadania a partir dos interesses do Estado nos moldes de uma ideologia de "desenvolvimento" e "progresso". Sendo assim, cabe reforçar que a principal característica do ensino de História no Brasil, na atual conjuntura, é a busca incessante do fim da exclusão.

No questionário inicial, colocamos a seguinte pergunta: "27. Você já estudou sobre a História Local?", com o intuito de descobrir o que os estudantes consideravam como História Local, desse modo, 14 responderam "não" (53,8%), e 12 afirmaram "sim" (46,2%). Nesse ponto, como pesquisador, esperava que os estudantes tivessem a mesma compreensão acerca de História Local que a minha, todavia, são múltiplas as interpretações desse assunto, pois para o educando, a História Local pode ser a história da rua, do bairro, da cidade e da cultura. Com relação aos que responderam de maneira afirmativa ao item anterior, na próxima pergunta, "28. Se sim, o que você aprendeu sobre a História Local?", colocamos suas respostas na tabela a seguir.

Tabela 3 - Ensino Aprendizagem de História Local na concepção dos educandos

Se sim, o que você aprendeu sobre a História Local?	"Cultura"
	"Aprendi que antigamente era uma fazenda"
	"Como surgiu a cidade de Guaraí"
	"Cultura, comidas tradicionais."
	"Aprendi como a cidade começou a crescer e a origem de seu nome."
	"Sobre o que seria Guaraí antes de ser uma cidade, suas características atuais."
	"Sobre a história da minha cidade Guaraí"
	"Coisas"

	“Várias coisas, cultura”
	“Não lembro”
	“Como surgiu Guaraí”
	“Mais ou menos”

Fonte: organizado a partir do formulário aplicado ao Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres - CEMOT - vigência, 2023.

Conforme evidenciado na tabela, uma das respostas mais recorrentes foi: "Como surgiu a cidade de Guaraí". Além disso, alguns participantes mencionaram ter aprendido sobre como a cidade começou a crescer e a origem de seu nome. Outras respostas abordaram temas como "o que seria Guaraí antes de se tornar uma cidade" e "suas características atuais". Isso demonstra que o contato de alguns educandos com a História Local estava relacionado a uma noção de história fundamentada em marcos e fatos da política local, seguindo uma sequência cronológica casual.

Nesse sentido, se, por um lado, o estudo do Local e Regional se mostra mais vinculado ao cotidiano dos envolvidos, por outro lado, é necessário questionar se essa definição não está servindo como legitimação dos discursos políticos e hegemônicos dos grupos de poder de cada região. Diante disso, a escrita historiográfica pode adotar propósitos de criar uma determinada memória e legitimar poder sobre um espaço ou território, e, feita sem a devida reflexão, pode acabar simplesmente reproduzindo os discursos dos vencedores. (Silva, 2022).

Em vista disso, Bittencourt (2008, p.169) já alertava sobre a possibilidade de reproduzir a história do poder local e das classes dominantes caso o ensino da história local se limite apenas a apresentar aos alunos nomes de políticos de outras épocas. Para evitarmos tais riscos, reforçamos mais uma vez, a importância de adotar uma abordagem que permita identificar o enfoque de uma História Local que estabeleça conexões com a memória familiar, do trabalho, da migração e das festas, entre outras fontes. Por isso, a partir das informações coletadas do questionário, percebeu-se a necessidade de abordar o ensino de História Local de uma outra maneira.

## **2. CONECTANDO HISTÓRIAS LOCAIS ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL: UMA EXPERIÊNCIA COM OS ESTUDANTES DO CENTRO DE ENSINO MÉDIO OQUERLINA TORRES (CEMOT)**

O principal objetivo deste capítulo é relatar minha experiência com os estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) ao conectar as histórias locais por meio da prática da História Oral no Ensino de História. Para alcançar esse objetivo, dividimos o capítulo em três seções. Na primeira seção, procuramos estabelecer uma aproximação entre os estudos relacionados à metodologia da História Oral e o Ensino de História. Em seguida, na segunda seção, nosso objetivo é apresentar a “práxis” em sala de aula, ao estabelecer uma relação dialógica entre a teoria e a prática com a aplicação do projeto de ensino/pesquisa na instituição de ensino.

Na última seção deste capítulo, realizamos uma análise da postura dos estudantes em relação à identificação de fontes históricas e à seleção de informações, durante as entrevistas realizadas com os moradores locais. Além disso, examinamos o processo de socialização dos resultados, conduzido pelos estudantes em um evento de culminância. Por fim, discutimos os principais desafios e dificuldades enfrentados ao longo de todo o percurso metodológico do projeto de ensino/pesquisa, abordando os aspectos de ensino e aprendizagem.

### **2.1 História Oral e o Ensino de História**

Na primeira parte deste capítulo, buscamos aproximar os estudos relacionados à metodologia da História Oral com o Ensino de História. Dessa maneira, compreendemos que em poucas páginas, nas quais nos propomos a produzir, não temos como objetivo abranger todo o conjunto da discussão. Portanto, para facilitar o entendimento do leitor, dividimos este tópico em três partes: 1) Definição e considerações sobre a História Oral; 2) O papel da História Oral na preservação da memória local; e 3) Diálogos com o Ensino de História.

A princípio, de acordo com Suzana Lopes Salgado Ribeiro (2013), a História Oral pode ser conceituada como um método de pesquisa que enfatiza o diálogo e a colaboração entre sujeitos, levando em consideração suas experiências, memórias, identidades e subjetividades, visando à construção do conhecimento histórico.

Nesse contexto, para a realização de um trabalho de História Oral é necessário a compreensão de um conjunto de procedimentos metodológicos, indo além da mera condução de entrevistas.

Esses procedimentos envolvem a elaboração de um projeto, que se desdobra no contato com as pessoas a serem entrevistadas, na criação de uma relação entrevistador e entrevistado - em que cabe explicar o projeto e suas intenções, e abrir para contribuições, caso o entrevistado ache pertinente. Só então é que deve acontecer a gravação da entrevista. Este registro pode se dar em áudio ou vídeo, pode acontecer em um único encontro ou em vários. Depois da entrevista gravada, pode acontecer o tratamento da entrevista. Este tratamento pode prever edições de texto, de áudio e/ou de vídeo [...] O conjunto de procedimentos pode finalizar com a devolução do trabalho ao narrador ou à comunidade que o gerou. (Ribeiro, 2013, p. 16).

Nesse sentido, no tocante às fontes orais, consideramos como uma "construção" (Thompson, 2002) e/ou "cocriação" (Portelli, 2016) entre o entrevistado e o pesquisador no tempo presente. De acordo com Paul Thompson (1998, p.44), "a história oral é uma história construída em torno de pessoas", ou seja, tem como centralidade o ser humano. Desse modo, a metodologia proposta permite observar as subjetividades por meio da construção de narrativas, que intercalam diferentes experiências relacionadas a diferentes temporalidades.

Com relação aos narradores e suas narrativas, Dernival V. Ramos Júnior (2019) afirma que é necessário tratá-los "como sujeitos que produzem sua história", não em um sentido inferior, mas de maneira epistêmica. Diante disso, ele propõe a "noção de encontros epistêmicos", onde devemos desconsiderar a dicotomia entre o sujeito-acadêmico e o sujeito-objeto (não acadêmico). Sendo assim, ele orienta que, em vez de pesquisar "com" eles, no sentido de materializar suas narrativas apenas como fontes orais, devemos "pensar com" os sujeitos implicados, considerando os problemas que se pretende investigar.

Do mesmo modo, Rovai (2015, p. 112) menciona que escutar as vozes das/os entrevistados/as supõe a "sensibilidade constante para reconhecer que o outro contém em si o saber, ele é a própria episteme, contida em sua oralidade, seus gestos, suas subjetividades". Dessa forma, compreendemos que a entrevista é o encontro de duas ou mais subjetividades, conjuntos de saberes, repertórios linguísticos e culturas. Logo, conforme apontado pela autora, a narrativa é "tecida artesanalmente" através das histórias contadas, o que possibilita a humanização dos sujeitos envolvidos.

Depois de feitas essas primeiras considerações, buscamos entender o papel da História Oral na preservação da memória local. A metodologia da História Oral, segundo Verena Alberti (2004, p. 27), "é bastante adequada para o estudo da história de memórias, isto é, de representações do passado". Essas representações são o resultado do trabalho de constituição e formalização das memórias, que, por sua vez, estão atreladas à construção da identidade. Para Montenegro (2010, p. 40, apud Sousa; Lima, 2022), a memória não se configura como mero reflexo ou cópia do mundo, mas, antes, se constitui "como um trabalho ininterrupto de ressignificação do presente enquanto leitura a partir de um passado que se atualiza enquanto memória, informando a percepção."

Para estabelecer uma relação entre memória e narratividade, Riccuer (1998, p. 4) postula a necessidade de tornar presente o que foi anterior, ou seja, o "declarativo da memória vai se inscrever nos testemunhos", e ao mesmo tempo, estabelecê-la pelo discurso, "numa narrativa pela qual eu digo aos outros o que vivi". Desse modo, compreende/mos que a História Oral, utilizada como recurso metodológico, permite o conhecimento da História pelas palavras de quem a vivenciou e sentiu. Trata-se do registro da memória por meio das narrativas de pessoas que experimentaram estar em um determinado local ou situação e compartilharam essa realidade com outras pessoas (Sousa; Lima, 2022).

Compartilhar suas narrativas com outros viabiliza uma aprendizagem mútua, estabelecendo relações não hierárquicas. Argumenta-se, assim, que o diálogo entre os campos da História Oral e do Ensino de História pode propiciar um movimento constante na direção da ressignificação das metodologias de pesquisa e/ou ensino de história, fundamentado em princípios como 'dialogicidade', 'escuta sensível' e 'intersubjetividade' nas relações estabelecidas com os sujeitos" (Sousa; Lima, 2022).

Nesse sentido, as educadoras Fabiana R. Sousa e Lívia Morais G. Lima (2022, p. 146), ao apresentarem suas reflexões sobre os aportes da educação popular em diálogo com a História Oral, estabeleceram que a "dialogicidade, a escuta sensível e a intersubjetividade" são compreendidas como princípios metodológicos que perpassam todo o processo de aproximação e investigação aos sujeitos participantes da pesquisa, manifestando-se antes, durante e após a realização das entrevistas, conforme o trecho a seguir:

Nas entrevistas, a dialogicidade e a intersubjetividade também se refletem no modo como pesquisadoras/es se colocam na interação, influenciando sua abertura para apreensão dos temas geradores e ênicos das/os

colaboradoras/es, bem como sua disponibilidade para ouvir as falas, memórias e histórias das/os participantes. em uma perspectiva da pesquisa dialógica e participativa, a intersubjetividade também marca o momento de transcrição das narrativas, bem como o de leitura e interpretação das vocês e histórias apresentadas nas narrativas das pessoas entrevistadas. (Sousa; Lima, 2022, p. 146).

Por conseguinte, Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2004, p.115) partem do pressuposto de que a “história é feita por todos”, consistindo um dos objetivos do Ensino da História em fazer o estudante ver-se como partícipe do processo histórico. Dentro desse processo, o ensino de história possibilita ao estudante o desenvolvimento de atitudes relacionadas com a identificação de fontes históricas e com a seleção de informações. Desse modo, o registro da experiência histórica do discente ganha significado se for articulado com o registro da pluralidade de memórias sociais, culturais e populares.

Para Fonseca (2009), o conhecimento histórico ajuda-nos a conhecer quem somos, por que estamos aqui, que possibilidades humanas se manifestam e tudo quanto podemos saber sobre a lógica e as formas do processo social. No entanto, a autora realiza duras críticas ao “faz-de-conta” na prática de “pesquisar” na educação básica, caracterizado como um ensino que predomina a repetição e “reprodutivismo”, fazendo que os educandos e professores tenham uma postura acrítica diante das fontes. A partir disso, Fonseca aponta a possibilidade de organização do ensino de História por meio de projetos de pesquisa, dessa maneira:

Alunos e professores, como sujeitos da ação pedagógica, têm, constantemente, a oportunidade de investigar e produzir conhecimentos sobre a nossa realidade, estabelecendo relações críticas, expressando-se como sujeitos produtores de história e do saber (Fonseca, 2009, p. 119).

A discussão realizada aqui, portanto, justifica nossa escolha pela possibilidade de trabalhar em conjunto com os estudantes a História Local, por meio da metodologia da História Oral, apresentada como um projeto de ensino/pesquisa. A partir da necessidade de compreender a história do local, buscamos desenvolver as habilidades destacadas nesta primeira parte do capítulo. Assim, por meio da prática docente, almejamos superar o "mero reprodutivismo livresco" e adotar a abordagem investigativa em sala de aula, promovendo uma postura reflexiva e questionadora diante do conhecimento historicamente produzido (Fonseca, 2009).



## **2.2 Da teoria à prática: conexões entre Histórias Locais em sala de aula**

Nesta segunda parte do capítulo, objetivamos apresentar nossas “práxis” em sala de aula, estabelecendo uma relação dialógica entre a teoria e a prática, de modo que ambas se influenciam mutuamente. Conforme destacado anteriormente no primeiro capítulo, reiteramos que o local da pesquisa é o Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT), situado no centro da cidade de Guaraí-TO, e a turma participante é composta por vinte e seis estudantes, sendo que em sua maioria, são alunas.


Diante da necessidade de abordar a História Local em conjunto com os estudantes, por meio da metodologia da História Oral, apresentada como um projeto de pesquisa, consideramos a redução da carga horária da disciplina de História no novo Ensino Médio para uma aula semanal (anteriormente duas), por isso, foi necessário utilizar duas aulas presenciais da eletiva, que integra os Itinerários Formativos, sendo esta, a parte diversificada do currículo escolar. Nesse ponto, ressaltamos que, apesar do interesse pessoal em tornar a eletiva propositivo, isso não está garantido na instituição do Novo Ensino Médio.

A eletiva de História Local foi concebida para fortalecer as aprendizagens cognitivas, socioemocionais e o projeto de vida dos estudantes. Como justificativa, destacam-se a valorização da(s) cultura(s) local(is), o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como análise crítica de fontes históricas, e o estímulo a habilidades socioemocionais, incluindo empatia e cooperação. A eletiva buscou proporcionar reflexão sobre o projeto de vida dos estudantes, considerando atuações profissionais na área da história e da cultura. Em suma, objetivamos uma formação integral, capacitando os estudantes como cidadãos críticos e reflexivos, comprometidos com a valorização da(s) cultura(s) local(is).

Para a elaboração do projeto de ensino/pesquisa com os estudantes, consideramos as três fases: elaboração, desenvolvimento e apresentação dos resultados (culminância). Conforme apontado por Fonseca (2009, p. 122), "todo projeto de pesquisa requer claramente as seguintes definições": o tema, objetivos, justificativas, metodologia, cronograma, recursos, avaliação e fontes. Dessa forma, no contexto do CEMOT, antes de iniciar a eletiva, os professores devem elaborar o seu projeto e escrever - o que foi denominado em Guaraí - a ementa. A ementa segue as mesmas definições de projeto apontadas por Fonseca, com alguns

acréscimos: habilidades dos itinerários formativos associados às competências gerais da BNCC e aos eixos estruturantes, produto e evento de culminância.

Figura 6: Ementa da Eletiva do prof. Dionathan S. Fragozo



Av. Anita Garibaldi, 3555, Centro, Guaraí - TO.  
Tel. Secretaria: (63) 3664-2002.  
Site: SecretariaEducação@se.educacao.to.gov.br  
Email: secretariad@se.educacao.to.gov.br  
secretaria@se.educacao.to.gov.br

**Eletiva: Guaraí: uma cidade em movimento**

Professor(a): Dionathan Soares Fragozo  
Guaraí, TO.  
Semestre 1/2023

<b>TEMA DA ELETIVA</b>	História e Cultura de Guaraí
<b>TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS</b>	(TCT 03) Diversidade cultural.
<b>TÍTULO DA ELETIVA</b>	Guaraí: uma cidade em movimento
<b>CARGA HORÁRIA</b>	40 h/a
<b>Nº DE TURMA(S)</b>	1ª Série - EEC(T1);
<b>FORMA DE OFERTA</b>	Presencial
<b>AUTOR(A)</b>	Dionathan Soares Fragozo
<b>INTRODUÇÃO/ RESUMO/ APRESENTAÇÃO</b>	
<p>A Eletiva de História Local de Guaraí-TO tem como objetivo principal explorar a história e a cultura do município, visando proporcionar aos estudantes ganhos tanto individuais como sociais.</p> <p>Em termos de ganhos individuais, os estudantes terão a oportunidade de desenvolver habilidades cognitivas e conceituais, tais como a capacidade de compreender e analisar fontes históricas, de identificar diferentes perspectivas e narrativas históricas, e de construir argumentos embasados em evidências. Além disso, eles também poderão aprimorar habilidades procedimentais, como a capacidade de investigar e coletar informações, de produzir relatórios e apresentações orais e escritas, e de trabalhar em equipe.</p> <p>Já em termos de ganhos sociais, a Eletiva visa contribuir para a valorização da história e da cultura local, incentivando o respeito e a preservação do patrimônio histórico e cultural de Guaraí-TO. Dessa forma, espera-se que os estudantes se tornem agentes multiplicadores desse conhecimento, disseminando-o para a comunidade e para a sociedade como um todo.</p> <p>Em relação às aprendizagens cognitivas/conceituais, espera-se que os estudantes desenvolvam habilidades de análise e interpretação de fontes históricas, compreendam os processos históricos que moldaram o município de Guaraí-TO, e entendam a importância da preservação do patrimônio histórico e cultural.</p>	
<b>JUSTIFICATIVA</b>	
<p>A definição da Eletiva de História Local de Guaraí-TO foi baseada em diversos motivos que consideram o fortalecimento das aprendizagens cognitivas, socioemocionais e do projeto de vida dos estudantes. Dentre esses motivos, podemos destacar os seguintes:</p> <p><b>Valorização da cultura local:</b> a Eletiva busca valorizar a história e a cultura do município de Guaraí-TO, incentivando o respeito e a preservação do patrimônio histórico e cultural. Isso contribui para que os estudantes compreendam e valorizem a sua identidade cultural, fortalecendo a sua</p>	

Fonte: imagem produzida pelo autor, 2024.

Após a elaboração da ementa descrevendo o projeto de ensino/pesquisa, o percurso metodológico foi estruturado de modo a contemplar todos os objetivos delineados na pesquisa, os quais foram elaborados em conjunto com os estudantes, visando abordar e transformar as questões identificadas. Assim, com ênfase na análise das contribuições que a pesquisa histórica, enquanto estratégia didático-metodológica no ensino da História local, pode oferecer para o aprimoramento da aprendizagem histórica dos estudantes, definimos as etapas de nossa abordagem com os discentes, conforme apresentado no quadro a seguir:

Tabela 4 – Percurso metodológico do Projeto de Ensino/Pesquisa

	Aula	Objetivos	Ação	Execução
1	Introdução ao tema de história local	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apresentar a importância dos estudos da história local e regional</li> <li>Iniciar a interação com os estudantes por meio da aplicação de um questionário</li> <li>Apresentar os objetivos da pesquisa</li> </ul>	<p style="text-align: center;">Apresentação,</p> <p style="text-align: center;">Aplicação do questionário</p>	13/03/2023

2	A relação da Rodovia Belém-Brasília e a formação de Guaraí e do CEMOT	<ul style="list-style-type: none"> <li>Explorar o papel da construção da BR-153 na formação e desenvolvimento de Guaraí e do CEMOT</li> </ul>	Aula expositiva	27/03/2023 04/04/2023
3	A vida cotidiana em Guaraí	<ul style="list-style-type: none"> <li>Analisar as experiências das pessoas que viveram e vivem em Guaraí, abordando aspectos como organização familiar, costumes, práticas culturais, formas de trabalho, e transformações urbanas, a fim de compreender a identidade da cidade.</li> </ul>	Pesquisa e análise de fotografias	10/04/2023
4	Memória e Narrativas Locais	<ul style="list-style-type: none"> <li>Compreender os conceitos de memória, narrativas e identidade.</li> </ul>	Roda de conversa	17/04/2023
5	Oficina de História Oral	<ul style="list-style-type: none"> <li>Capacitar os alunos para a realização de entrevistas com membros da comunidade local.</li> </ul>	Oficina	24/04/2023
6	Realização das entrevistas	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conduzir uma atividade de entrevistas que permita aos estudantes expressar suas percepções e experiências em relação à abordagem da História Local através da metodologia da História Oral.</li> </ul>	Entrevistas	19/05/2023 a 07/06/2023
7	Culminância	<ul style="list-style-type: none"> <li>Promover um evento de culminância que proporcione a socialização e apresentação dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas, visando compartilhar as diversas perspectivas e interpretações dos estudantes sobre a História Local por meio da História Oral.</li> </ul>	Exposição visual e oral	23/06/2023

Fonte: organizado a partir do projeto de pesquisa para aplicação no Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres - CEMOT - vigência, 2023.

Nessas etapas, estive durante todos os momentos mediando e orientando didaticamente esses estudantes na função de professor-mediador da turma. Como professor, busquei seguir as orientações metodológicas de Fonseca (2009) quanto à aplicação do projeto de ensino/pesquisa, nas quais visamos à transformação do processo de transposição didática dos conteúdos, as reflexões sobre as mudanças

metodológicas e as dimensões técnicas do ensino. Portanto, descreveremos a seguir, de maneira analítica, as etapas do percurso do projeto de ensino/pesquisa.

### 2.2.1. Análise do percurso metodológico das primeiras aulas da eletiva

Na primeira aula com os estudantes (13/03/2023), foi realizada a introdução ao tema de História Local, com a apresentação dos objetivos das aulas. Em seguida, discutiram-se os conceitos de História, História Local/Regional e suas importâncias, ressaltando a relevância de compreender a história da própria comunidade em que se vive. Também foi aplicado um questionário contendo perguntas fechadas sobre a condição socioeconômica dos alunos, juntamente com perguntas abertas sobre a concepção deles sobre o Ensino de História e a História Local, cujos resultados foram apresentados no primeiro capítulo desta pesquisa. Sendo assim, foi observada a postura de comprometimento dos 26 adolescentes, em sua maioria com 15 anos de idade, durante a aplicação do questionário.

Após a sua aplicação, apresentei um texto aos alunos com a história da cidade de Guaráí, elaborado e disponibilizado pela prefeitura municipal. De acordo com Marcos L. Martins (2013), o professor pode selecionar esses tipos de textos e submetê-los aos seus estudantes, na íntegra ou parcialmente. A partir de um roteiro mais aberto de leitura, é possível promover na sala de aula discussões, tais como os critérios para a seleção dos fatos narrados, as características das interpretações propostas, as representações contidas no texto sobre os lugares e as regiões abordadas, as relações sociais e as práticas culturais assinaladas. Além disso, é possível desafiar os estudantes a indicar os fatos, pessoas, grupos sociais e processos que ficaram de fora e convidar a turma a refletir sobre as implicações desses ocultamentos na compreensão do passado da região ou do lugar.

Nessa discussão, os alunos e alunas destacaram a presença da narrativa do fazendeiro Pacífico Silva, considerada pela prefeitura municipal, como fundador da cidade. Nesse momento, questionamos se não haveria outras famílias e fazendas naquela época, e quais seriam os interesses de contar a história de apenas uma família, com a exclusão de outras. Em seguida, os estudantes também apontaram a construção da Belém-Brasília (1958-1960) como uma das principais causas para o desenvolvimento do povoado Guará. Contudo, não souberam explicar o processo da

construção, o seu contexto social e político, e como ocorreu a transformação social para a emancipação política da cidade em 1970.

Sobre a relação da Rodovia Belém-Brasília com a formação de Guaraí e do CEMOT, foi apresentado aos educandos em quatro aulas, distribuídas em dois dias (27/03/2023 e 04/04/2023). Nessas aulas, foram discutidos temas como "a construção da Belém-Brasília e seus impactos no âmbito nacional e regional" (item 1.2, capítulo 1), "a Belém-Brasília e o local: o povoado Guaraí" (item 1.3, capítulo 1) e "um espaço de lutas e interesses: a emancipação política do povoado" (item 1.3.1, capítulo 1). Conforme a Figura 7, foram utilizadas como fontes para análise, juntamente com os estudantes, fotografias e manchetes de jornais que cobriram os eventos da época. Isso teve como objetivo provocar um momento de reflexão sobre as transformações políticas e sociais que ocorrem nos âmbitos nacional, regional e local, e como esses eventos históricos moldaram/moldam a vida das pessoas e de suas comunidades.

Figura 7: Aula no Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres, Guaraí - TO



Fonte: arquivo pessoal do autor, 2023.

Nesse ponto, ressaltamos que a História Local não se opõe às abordagens gerais de História. Segundo Schmidt e Cainelli (2004), devemos evitar a "história em migalhas", termo emprestado de François Dosse. Destarte, é necessário articular as experiências individuais com as grandes interpretações da história das sociedades.

Na aula seguinte (10/04/2023), sobre a vida cotidiana em Guaraí, buscamos analisar as experiências dos familiares dos estudantes que viveram/vivem na cidade, abordando aspectos como organização familiar, costumes, práticas culturais, formas de trabalho e transformações urbanas, a fim de compreender a identidade social dos moradores. Para alcançar esse objetivo, foi proposta uma atividade na qual os educandos coletaram fotografias de seus familiares que representassem seu passado, as quais foram analisadas em conjunto.

Reiteramos aqui o que Ana Maria Mauad (2008) afirmou: do ponto de vista da construção das memórias coletivas, palavras (escritas e orais) e imagens (visuais bidimensionais e tridimensionais) também podem ser trabalhadas de forma cooperativa na construção de narrativas, considerando suas variáveis que interferem no contexto de interpretação. Nesse sentido, Mauad oferece uma reflexão crítica sobre o potencial da fotografia como documento histórico e sua capacidade de moldar narrativas culturais. Dessa maneira, a autora analisa como as imagens capturam momentos específicos, mas também podem ser interpretadas e reinterpretadas ao longo do tempo.

Ao sugerimos esta atividade aos estudantes, levamos em consideração que a figura, por sua vez, envolve variáveis relacionadas a uma forma de expressão que se utiliza principalmente do signo visual. Nesse contexto, os resultados dos investimentos de sentido feitos com base em imagens podem variar de acordo com:

1. O tipo de dispositivo (fotográfico, fílmico, plástico, digital);
2. A relação entre sujeitos (produtor e consumidor de imagens);
3. A relação entre tempos (produção, circulação e consumo de imagens);
4. O tipo de estoque (álbuns de família, memória RAM, caixas de sapato, arquivos públicos, arquivos particulares etc.);
5. Os objetos da imagem (fragmentos cotidianos, narrativa ficcional, função comprobatória, notícias públicas etc.) (Mauad, 2008, p. 50)

Além disso, no que diz respeito à descrição da imagem, consideramos as orientações de Johanna W. Smit (1996, p. 32), que estabelece as categorias "QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUE" como parâmetros para a análise de textos, sendo também preconizada para a análise documentária da imagem. "Quem/O que" aborda a identificação do objeto, seja seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, entre outros. Quanto à categoria "Onde", Smit (1996) a define como a localização da figura no espaço, seja geográfico ou dentro da própria figura, como exemplificado por "São Paulo ou interior de danceteria".

Ademais, "Quando" refere-se à localização temporal da imagem, seja cronológica ou quando foi capturada. Por fim, "Como" descreve atitudes ou detalhes relacionados ao objeto focalizado, exemplificado por "criança trajando roupa do século XVIII" (Smit, 1996, p. 32).

Nesse ponto, observamos que nem todos os estudantes realizaram a atividade proposta, alegando esquecimento dela. No entanto, mobilizamos os discentes a realizar uma exposição visual e oral do que desenvolveram e aprenderam para os demais colegas da instituição no dia 12 de abril de 2023 (Figura 8). O motivo dessas apresentações estava no fato de que, no dia 11 de abril, estavam comemorando o aniversário da cidade de Guaraí. Essa data foi escolhida devido ao fato de que em 1970, nesse dia, ocorreu a transferência da sede administrativa de Tupirama para Guaraí, que mais tarde se tornou símbolo de emancipação política da cidade.

Figura 8: Exposição (visual e oral) dos estudantes no CEMOT



Fonte: arquivo pessoal do autor. Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres, 12 de abril de 2023.

Nesse contexto, o principal objetivo das apresentações era mostrar o contexto histórico, político e social da relação entre a "Belém-Brasília" e o povoado de Guará na década de 1960, explicitando a presença de outras fazendas e famílias na região. Para alcançar esse objetivo, a turma foi dividida em três grupos, sendo que o primeiro seria responsável por relatar a construção da Belém-Brasília, com o aluno Antenildo da Silva Reis como apresentador. O segundo grupo ficou encarregado de expor as fotografias e relatar como essa atividade contribuiu para uma melhor compreensão dos moradores locais, com a aluna Maria Eugênia Bezerra Barbosa. Por fim, a estudante Fernanda Barbosa Bezerra trouxe sua mãe para compartilhar sua história de vida e memórias. Em seguida, Fernanda declamou no CEMOT para os demais colegas, uma poesia de sua própria autoria:

"Guaraí, cidade festiva  
bastante atrativa  
que tem como base  
um povo disposto

Sua beleza se revela  
nessas praças tão belas,  
nos manguezais perto da rodovia,  
e no amanhecer do dia

Cidade de muita simplicidade,  
mas também muito valor  
pois traz toda história  
de um povo lutador

Amor e muita bondade  
essa é minha cidade  
aqui é o meu lugar  
onde quero sempre estar"

Fonte: texto escrito por Fernanda Barbosa da Silva, 2023

Os estudantes realizaram ótimas apresentações, demonstrando domínio de conteúdo e aprendizagem significativa, conforme as percepções de outros professores que estavam presentes e elogiaram bastante as apresentações. Reconhecemos que houve pontos a serem considerados e melhorados, como criar melhores conexões nas transições entre os tópicos apresentados. Apesar desses desafios, observamos que os estudantes foram colaborativos e protagonistas nessa primeira parte do projeto de ensino/pesquisa. A apresentação de Juceleide Barbosa da Silva, mãe da aluna, despertou o interesse e a curiosidade da turma em conhecer outras histórias locais, conforme demonstrado no relato de uma estudante ao perguntar: "Professor, quando vamos sair para entrevistar outras pessoas?".

### 2.2.2 "Memória", "Narrativas locais" e a oficina de História Oral

Na segunda fase do projeto de ensino/pesquisa, detalharemos e analisaremos os tópicos 4, 5 e 6 da tabela 4 apresentado anteriormente: "Memória e Narrativas Locais", "Oficina de História Oral" e "Realização das Entrevistas". Neste tópico, concentraremos nas aulas ministradas sobre "Memória e Narrativas Locais" e a "Oficina de História Oral", enquanto no próximo subitem (2.2.3), descreveremos o



encontro dos alunos com os moradores locais, abordando a percepção dos estudantes diante das entrevistas.

Inicialmente, na aula sobre “Memórias e Narrativas Locais” (17/04/2023), foi utilizada uma roda de conversa com os estudantes para apresentar e discutir os conceitos de “memória”, “narrativa” e “identidade”, bem como abordar sobre a preservação de memórias. Ressaltamos que as fontes orais são uma das possibilidades de construção e preservação de narrativas, assim como a escrita, fotografias, monumentos e outros meios. Nesse contexto Hoffmann (2008, p. 17) destaca a necessidade de uma preparação teórica para fundamentar as discussões, reflexões e orientações ao longo das etapas da pesquisa histórica, tanto para o professor quanto para os(as) alunos(as). Isso permite que discentes adquiram conhecimentos, tanto no aspecto conceitual quanto no viés metodológico, possibilitando-lhe compreender, utilizar e dominar instrumentos básicos da produção do conhecimento histórico.

Tabela 5: Conceitos “Memória”, “Narrativa” e “Identidade”

Memória	Narrativa	Identidade
A memória, em termos gerais, refere-se à capacidade de reter, recuperar, armazenar e evocar ideias, conhecimentos, sensações, emoções, sentimentos, informações e experiências passadas. O que a memória retém, recalca, exclui ou recorda é resultado de um processo de organização, tornando-a seletiva. A compreensão do que está na memória de alguém só é possível através da narrativa, que sistematiza essas lembranças.	A memória narrada é uma seleção e organização entre possibilidades, sendo a memória e as identidades fenômenos construídos social e individualmente, de forma consciente ou inconsciente. Nos trabalhos de pesquisa, atuamos como mediadores na organização da narrativa, auxiliando os colaboradores a ordenar suas próprias memórias e a se organizar como coletividade. A memória é a "matéria-prima" da narrativa, sendo sua constituição um ato de negociação entre memórias pessoais (individuais) e lutas (coletivas). As narrativas, por meio do discurso, tornam-se uma forma de construção de identidades	A identidade se forma a partir da experiência vivida, sentida e memorizada, mas também através do reviver ou recriar proporcionado pela narrativa. Assim, ao registrar e estudar narrativas, identidades são construídas. O registro das entrevistas dos colaboradores contribui para essa tarefa de (re)construção identitária, assumida pelo pesquisador, independentemente de sua concordância ou posição.

Fonte: RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Conceitos importantes para pesquisas em história oral. In.: CARVALHO, MLM de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013.

Em continuação, foi realizada uma oficina (24/04/2023) com o objetivo de capacitar os estudantes para acompanhar as entrevistas com moradores da cidade e

registrar seus depoimentos. Nessa parte, organizamos em duas horas aulas, os seguintes aspectos das entrevistas: 1) tema; 2) escolha dos tipos de entrevistas e suas fontes; 3) elaboração dos objetivos; 4) escolha dos participantes; 5) elaboração do cronograma; e 6) Roteiro. Dessa forma, buscamos realizar algo mais técnico com os estudantes.

O tema escolhido foi "Belém-Brasília e memória dos moradores locais", alinhado com os objetivos da pesquisa e os interesses dos estudantes em ampliar sua compreensão sobre o contexto social e político do povoado Guará durante a construção da rodovia. Em relação aos tipos de entrevistas e suas fontes, consideramos que, entre histórias de vida e depoimentos orais, optamos por depoimentos orais, adequados para a obtenção de dados informativos e factuais, bem como testemunhos de entrevistas sobre determinadas situações vivenciadas pelos narradores (Schmidt; Cainelli, 2004).

Ademais, os principais objetivos criados junto com os estudantes no dia 24/04/2023 foram: 1) Conhecer e entender a vida dos moradores da região antes da construção da Belém-Brasília; 2) Compreender como a construção da Belém-Brasília impactou a vida dos moradores locais na época; e 3) Investigar o contexto social, político e educacional daquela época. Sendo assim, a escolha dos participantes baseou-se nos critérios de moradores locais mais antigos que vivenciaram o antes, durante e o depois da construção da Belém-Brasília (1958-1960), sendo eles Constância Noronha Aguiar, Onildo Pereira de Souza, Izabel Dias Silva e Juceleide Barbosa da Silva.

Nesse ponto, consideramos que, em sua obra "Memória e Sociedade: lembranças de velhos", Ecléa Bosi (1994) argumenta que a memória não é apenas uma reexperiência do passado, mas um uma reconstrução moldada pelas questões do presente. Bosi (1994, p.21) enfatiza que "na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado". Segundo a autora, embora os idosos tendem a se interessar mais pelo passado do que os adultos, isso não significa que eles estejam necessariamente em melhores condições de evocar lembranças da época, ou que imagens antigas anteriormente enterradas no inconsciente possam repentinamente surgir em sua consciência.

Nesse sentido, Bosi (1994) argumenta que é fundamental que, ao realizar uma entrevista, o roteiro de perguntas seja elaborado de forma a proporcionar um

ambiente acolhedor e seguro para o entrevistado, para que ele possa se sentir confortável ao compartilhar sua história de vida. Por conseguinte, será possível obter uma maior compreensão das experiências vividas pelos entrevistados e, conseqüentemente, uma maior riqueza de informações históricas (Bosi, 1994, p 23).

Nesse contexto, o primeiro roteiro elaborado com os alunos(as) concentrou-se em obter uma compreensão abrangente da história e origens pessoais do entrevistado. Além disso, buscava-se explorar a vivência do entrevistado na fazenda de origem durante sua infância e adolescência, destacando as relações entre fazenda e cidade, bem como experiências educacionais, profissionais e sociais. A terceira área de interesse visava entender a transição do entrevistado da fazenda para Guaraí, investigando o movimento migratório naquela época, a história do relacionamento com o cônjuge e as mudanças percebidas na cidade ao longo dos anos. Entretanto, reconhecemos que o primeiro roteiro não estava muito adequado e alinhado de acordo com os objetivos apresentados anteriormente.

Após a participação na oficina de História Oral, a turma multisseriada M 112.12 foi dividida em quatro grupos de 6 a 7 estudantes, e cada grupo me acompanhou durante as entrevistas realizadas entre os dias 19/05 e 07/06/2023. Diante disso, destacamos dois pontos importantes: 1) devido às experiências vivenciadas por outros estudantes em 2022, percebemos que não seria adequado permitir que realizassem as entrevistas sozinhos, optamos, assim, por acompanhá-los em cada grupo. 2) Devido à correria de final de semestre e à agenda dos moradores de Guaraí, infelizmente, um grupo de estudantes não teve a oportunidade de acompanhar a realização das entrevistas. Portanto, a organização das entrevistas ocorreu da seguinte maneira:

Tabela 6: Organização dos grupos de estudantes para as entrevistas

<b>Grupo</b>	<b>Morador Local</b>	<b>Data da entrevista</b>
Grupo 1	Onildo Pereira de Sousa	19/05/2023
Grupo 2	Juceleide Barbosa da Silva	26/05/2023
Grupo 3	Izabel Dias Silva	02/06/2023
Grupo 4		

Fonte: organizado com os estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres - CEMOT - vigência, 2023.

O encontro dos alunos com os moradores ocorreu no turno vespertino, pois foi o período em que os moradores se mostraram mais receptivos para nos receber. Geralmente, pela manhã, os moradores estão ocupados com seus afazeres domésticos, como a preparação do almoço. Quanto à localização, Onildo e Izabel moram muito próximos do CEMOT e, nesse caso, fomos andando até suas residências. No caso de Juceleide, por morar a uma considerável distância, contamos com o apoio da diretora Priscila Lomazzi e do servidor/professor Jadson Henrique Bezerra da Rocha, que nos acompanharam nessa entrevista, levando os estudantes em seus carros. Assim, não enfrentamos grandes contratempos na execução das entrevistas.

### 2.2.3. A condução das entrevistas com os estudantes e moradores da cidade

No âmbito deste projeto de ensino/pesquisa, estabeleci vínculos significativos com três moradores locais: Onildo Pereira de Souza, Juceleide Barbosa da Silva e Izabel Dias Silva (mais tarde, com dona Constância Noronha Aguiar), bem como com os estudantes envolvidos no processo. Nesta seção, discorreremos sobre os encontros conduzidos tanto com os estudantes quanto com os moradores; além disso, apresentaremos os depoimentos dos estudantes relativos às atividades realizadas.

Raphael Samuel (1990) trouxe uma contribuição significativa ao campo da História Local, ampliando sua abrangência documental e sua relação com o público local, o que permitiu o surgimento de novas possibilidades temáticas e analíticas para esse campo de estudo. Samuel enfatizou a relevância da História Oral e destacou a importância de se ouvir as vozes daqueles que vivenciaram a história, por meio da coleta de testemunhos orais, como forma de complementar e enriquecer as informações contidas nos documentos escritos (Samuel, 1990).

De acordo com Raphael Samuel (1989), as entrevistas são uma forma de fazer com que os documentos da História Local vão além do que está registrado por escrito, já que a fonte oral pode expandir a compreensão do contexto, revelar silêncios e omissões presentes na documentação escrita, produzir outras evidências, além de capturar, registrar e preservar a memória viva.

Dessa maneira, no primeiro contato com o senhor Onildo Pereira de Sousa, realizado em 27 de junho de 2022, eu o visitei sem a presença dos estudantes.

Nesse encontro, apresentei os objetivos da pesquisa e expliquei as informações contidas no termo de consentimento para a entrevista. No entanto, Onildo parecia um pouco desconfortável com a entrevista, e o roteiro inicial, composto por cinco perguntas temáticas relacionadas à história da cidade e região, não favoreceu a espontaneidade das respostas.

No segundo encontro (Figura 9), que ocorreu em 19 de maio de 2023, juntamente com os estudantes Ingrid Lorrane Rodrigues Dias, Bárbara Lima de Araújo, Antenildo da Silva Reis, Anthony Maia Fonseca Dias, Isaac Martins da Silva e Fernanda Barbosa Bezerra, utilizamos um roteiro com 11 perguntas abertas e direcionadas para a história de vida e depoimentos do Onildo. Durante esse encontro, Onildo foi extremamente amigável e atencioso conosco, demonstrando grande entusiasmo em compartilhar suas histórias. Sendo assim, ele se demonstrou mais receptivo com a presença dos estudantes.

Figura 9: Entrevista com Onildo Pereira de Sousa e os estudantes do CEMOT



Fonte: arquivo pessoal do autor, local – residência do morador Onildo Pereira de Sousa, com a presença dos estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) – Guaraí-TO, no dia 19/05/2023.

Em seguida, o primeiro contato com a Juceleide Barbosa da Silva foi através de sua filha e aluna do colégio, no qual a convidamos para compartilhar sua história e memórias como moradora da cidade em um evento organizado no dia 12 de abril em comemoração ao aniversário de Guaraí. A partir desse encontro, foi estabelecido um contato e relacionamento de amizade com Juceleide.

A realização da entrevista (Figura 10) aconteceu no dia 26/05/2023 em sua própria residência, próxima a rodovia Belém-Brasília. Nesse dia, a diretora Priscila Lomazzi, professor/servidor Jadson e as alunas Licyane Oliveira Moreira, Aline Cruz de Souza, Emily Coelho Martins, Ana Clara, Lara Kristynnie dos Santos Sousa Silva

e Maria Clara nos acompanharam. Juceleide foi muito atenciosa com o grupo e ficou muito animada em participar da entrevista. Ao final das perguntas do roteiro de entrevistas, as alunas puderam conversar e perguntaram um pouco mais sobre a vida amorosa de Juceleide.

Figura 10: Entrevista com Juceleide Barbosa da Silva e as estudantes do CEMOT

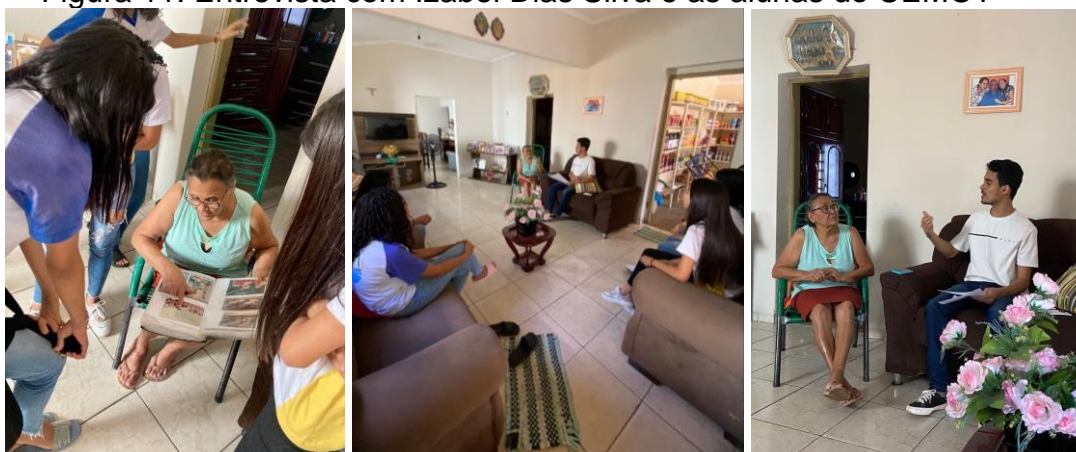


Fonte: arquivo pessoal do autor, local – residência da moradora Juceleide Barbosa Silva, com a presença das estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) – Guaraí-TO, no dia 26/05/2023.

E por fim, o primeiro contato com Dona Izabel Dias Silva foi realizado em 26 de julho de 2022, quando a visitei sem a presença dos estudantes. Nesse encontro, apresentei os objetivos da pesquisa e expliquei as informações contidas no termo de consentimento para a entrevista. Izabel se mostrou bastante receptiva à entrevista e expressou o desejo de contar mais sobre a história de seu pai, Pacífico Silva. Durante a entrevista, emocionou-se ao lembrar algumas experiências relacionadas ao seu pai. Além disso, comentou que, no passado, alguns pesquisadores vieram, colheram seu testemunho, levaram algumas fotografias e nunca mais retornaram. Isso me fez perceber a importância e o compromisso que temos com os participantes da História Oral, assim como a necessidade de retorno para compartilhar o que estamos produzindo a partir de suas narrativas.

No segundo encontro, que ocorreu em 07 de junho de 2023, juntamente com as estudantes Jordana Soares De Oliveira, Ana Clara, Isabela Bezerra da Conceição, Maria Clara Aguiar, Maria Clara Silva e Cezyanne Ribeiro Soares, utilizamos um roteiro com 10 perguntas abertas. Durante esse encontro, Izabel estava receptiva com as alunas e compartilhou suas histórias. Ao final da entrevista, as alunas ficaram interessadas e pediram para Dona Izabel compartilhar algum álbum de fotografias com elas.

Figura 11: Entrevista com Izabel Dias Silva e as alunas do CEMOT



Fonte: arquivo pessoal do autor, local – residência da moradora Izabel Dias Silva, com a presença das estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) – Guaraí-TO, no dia 07/06/2023.

Em todas as entrevistas, os alunos e alunas que acompanharam demonstraram uma boa postura de respeito, escuta atenta e empatia. Minha experiência com eles foi muito prazerosa, gratificante e satisfatória. Após as entrevistas, percebi que meu relacionamento melhorou com os estudantes, fortalecendo os laços de confiança durante o ano letivo. No final de cada entrevista, colhi os seguintes depoimentos dos estudantes:

Tabela 7: Depoimento dos estudantes sobre as entrevistas

“A entrevista foi muito boa e confortável. Conversar com o Onildo e descobri um pouco sobre a sua história de vida como morador da cidade foi muito interessante.” **Fernanda Barbosa Bezerra.**

“Gostei muito da entrevista feita com o Onildo, adorei principalmente as histórias dele com a sua esposa. A entrevista é algo importante e interessante para nós alunos, podendo aprendermos a nos comunicar melhor, ainda mais com idoso como ele.” **Antenildo Da Silva Reis.**

“A entrevista foi interessante pois a história de vida do senhor Onildo envolve a história local e nos ajudou a conhecer melhor o lugar em que vivemos e como era anos atrás”. **Ingrid Lorrane Rodrigues Dias.**

“Achamos extremamente interessante a história da dona Juceleide, desde o começo da sua jornada como professora na adolescência, quanto também a sua história de amor sobre como conheceu o Sr. Domingos, atual pai de suas filhas e seu primo de 1º grau. Em sua história, ela compartilhou conosco que foi vítima de uma enchente, onde perdeu muita coisa, tanto móveis domésticos como roupas etc. Uma de suas filhas, a mais velha, é atualmente formada em biologia graças a luta e ao suor da mãe, que é um tanto quanto orgulhosa das filhas que tem (Inclusive nos contou que em sua infância nunca brincava com Barbie, e sim com bonecos feitos de sabugo de milho, e que atualmente faz tudo que pode para que suas filhas tenham acesso ao que ela não teve). A dona Juceleide é extremamente comunicativa, animada e extrovertida o que facilitou bastante na nossa entrevista e na socialização com ela. Tiramos fotografias, tivemos uma recepção maravilhosa e conhecemos até mesmo os “doguinhos” da família; sua história de vida é marcante e muito dura, mas podemos perceber que a dona Juceleide faz o possível e impossível pela família e principalmente pelas filhas.” – **Licyane Oliveira Moreira.**

“A entrevista foi leve, produtiva e bastante divertida, com perguntas que não foram muito invasivas. Dona Izabel pareceu bem confortável durante a entrevista, e até mostrou o álbum de fotos de sua família” – **Jordana Soares de Oliveira.**

“A entrevista foi bastante interessante, perguntas simples e produtivas e complexas, a história da família dela foi bastante incentivadora” – **Cezyane Ribeiro Soares.**

“Vimos o álbum da família, fomos bem recebidas, e ela nos contou histórias muito interessantes” – **Maria Clara Aguiar Dos Reis.**

“A entrevista foi muito boa, a dona Izabel entreteve muito a gente e assim a entrevista não ficou chata” – **Maria Clara Macedo Neves.**

Fonte: organizado com os estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres - CEMOT - vigência, 2023.

Conforme apresentado na tabela acima, os depoimentos dos estudantes revelam o interesse despertado pelas histórias de vida e depoimentos, a interação amistosa com os entrevistados e a percepção de que a prática de entrevistar contribuiu para o desenvolvimento das habilidades de comunicação. Antenildo ressalta a importância da entrevista para a melhoria das habilidades de comunicação, especialmente ao lidar com pessoas mais velhas. Por sua vez, Licyane proporciona uma análise detalhada da entrevista com Juceleide, ressaltando não apenas os aspectos históricos, mas também a resiliência e determinação da entrevistada diante de desafios. De modo geral, buscamos desenvolver os princípios de 'dialogicidade', 'escuta sensível' e 'intersubjetividade' nas relações estabelecidas com os sujeitos.



Portanto, apesar do primeiro roteiro não ter ficado bom, em que as perguntas não estavam totalmente alinhadas com os principais objetivos do projeto de ensino/pesquisa, o resultado das entrevistas foi considerado satisfatório conforme depoimentos dos estudantes participantes. Acompanhar os estudantes durante o processo proporcionou uma experiência mais organizada. Como professor, pude observar uma postura de respeito, empatia e interesse pelos moradores que aceitaram ser entrevistados. Da mesma forma, percebi o entusiasmo dos entrevistados ao receberem os estudantes em suas casas.

Ao final de cada entrevista, levei os estudantes para tomar sorvete, quando pude ouvir seus comentários e constatar a surpresa deles diante das diferenças de experiências em comparação com as suas vivências no presente. Dessa forma, percebemos uma possível aproximação, conforme a perspectiva de Dernal Ramos Júnior, do "encontro de epistemes", estimulando uma postura investigativa e crítica por parte dos estudantes.

### **2.3 Socialização dos resultados: uma reflexão dos desafios e dificuldades**

Na última parte deste capítulo, iremos analisar o processo de transcrição das entrevistas, bem como a postura dos estudantes em relação à identificação de fontes históricas e à seleção de informações. Analisaremos também o processo de socialização dos resultados realizado pelos estudantes em um evento de culminância, juntamente com a necessidade de um retorno para os moradores entrevistados. Por fim, discutiremos sobre os principais desafios e dificuldades enfrentados ao longo de todo o percurso metodológico do projeto de ensino/pesquisa.

De início, José Carlos S. B. Meihy e Fabíola Holanda ao escreverem o livro "História Oral: como fazer, como pensar" (2015, p. 21) afirmaram que "as entrevistas produzem sempre pelo menos um documento material: a gravação", mas questionam sobre qual é o documento em História Oral, se seriam "a fita gravada, o texto com a transcrição "fiel" ou ainda as modificações pertinentes". Em consequência, eles afirmam que, apesar de ser um tema amplamente debatido, os produtos das entrevistas em História Oral devem sempre resultar em documentos de base material escrita, mesmo que, em muitos casos, derivados de diálogos verbais.

Essa discussão foi levada aos estudantes, e a partir de um consenso, ficou decidido que, como professor, eu ficaria responsável pela transcrição das gravações, enquanto cada grupo que participou das entrevistas deveria preparar um texto sobre a entrevista. O processo de transcrição e a discussão sobre a materialização das fontes orais serão abordados no capítulo três desta pesquisa, pois aqui focaremos em relatar o processo dos alunos diante da produção de fontes.

Consciente de suas responsabilidades em produzir um texto e apresentá-lo no evento de culminância, previsto para o dia 23 de junho de 2023, foi notório observar que cada grupo solicitou a gravação, pois, conforme a fala de uma estudante, "para a gente poder lembrar da entrevista". Também foi possível perceber que, em cada grupo, eles elegeram um ou dois estudantes que ficariam responsáveis por criar o texto a partir das entrevistas. Vale ressaltar aqui que, como essas atividades eram avaliativas e, por sua vez, valiam pontos, houve interesse dos estudantes em realizá-las.

Sobre a realização da culminância (Figura 12), no dia marcado, o CEMOT tinha três turmas de eletivas multisseriadas da 1ª série que apresentariam suas culminâncias. Sendo assim, houve um rodízio guiando os demais alunos para visitarem cada uma das salas para prestigiar as apresentações. Nesse contexto, os alunos da eletiva sob a minha responsabilidade, organizaram suas apresentações e exposição na seguinte ordem: 1) A construção da Rodovia Belém-Brasília; 2) Entrevista com os moradores de Guaraí-TO e 3) vida cotidiana em Guaraí-TO.

Figura 12: Culminância do projeto de Ensino/pesquisa



Fonte: arquivo pessoal do autor, local – Local: Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) – Guaraí-TO, no dia 23/06/2023.

A primeira apresentação foi uma exposição verbal e visual sobre a construção da Rodovia Belém-Brasília, enquanto a segunda apresentou trechos em áudio de cada entrevista realizada, acompanhados da apresentação das histórias de cada morador(a). Ambas as apresentações tiveram um desempenho satisfatório, mas a

terceira, por sua vez, foi bastante simples, rápida e superficial. No decorrer da culminância, os estudantes foram demonstrando cansaço após várias repetições, mas mantiveram-se firmes durante toda a manhã do evento.

Apesar do aparente sucesso da culminância, alguns estudantes perceberam a ausência física dos entrevistados no evento e sentiram a necessidade de um retorno. Vale ressaltar que, durante a oficina de História Oral, aprenderam sobre a importância de voltar aos entrevistados para realizar as conferências do texto escrito e o diálogo da confecção da narrativa. Entretanto, devido ao prazo curto do final do semestre, ainda ficou em aberto proporcionar o retorno com os estudantes, sendo assim, um ponto que precisava ser melhorado. Nesse sentido, sobre a questão do retorno e sua importância, será discutido no terceiro capítulo.

No tocante aos desafios e dificuldades encontrados no percurso metodológico, abordaremos os aspectos de ensino e aprendizagem. Com relação ao ensino, o primeiro ponto que destacamos é a minha formação e a relação com o tema trabalhado. Mesmo tendo a graduação em licenciatura em História, realizada em três anos por meio do Ensino à Distância (EAD), tive pouco embasamento teórico para História Local e pouca prática de História Oral. Esses fatores influenciaram na aplicação do projeto de ensino/pesquisa, no qual estava aprendendo junto com os estudantes.

Nesse contexto, o ingresso ao mestrado profissional do ProfHistória foi importante para o meu desenvolvimento e formação, pois recebi apoio e orientação dos meus educadores e dos meus colegas (também professores). Todavia, conciliar os estudos (que merece muita dedicação) com a demanda profissional da sala de aula, também foi um desafio a ser superado. Sendo assim, precisava desenvolver as habilidades de ter foco e a responsabilidade de dar conta do mestrado e do trabalho.

Além disso, o novo Ensino Médio, com uma variedade de novas disciplinas criadas para completar a parte diversificada do currículo escolar, se tornou um desafio também. Enquanto estava preocupado em marcar uma visita com os alunos aos moradores para realizar uma entrevista, também me preocupava com o que fazer nas trilhas “A voz da Juventude”, “Semente do Cerrado”, “Bullying, não é Legal” e “Ampliando a voz da Juventude”. De certo modo, todo o conjunto do Novo Ensino Médio, me tirou da zona de conforto, mas, reitero o desafio que foi, pois parece que aconteceu tudo de uma maneira tão abrupta em 2023.

Por conseguinte, em relação à prática da História Oral, apesar do grande entusiasmo em realizar as entrevistas, tive alguns percalços no caminho, como, por vezes, falar demais, não saber reagir quando o entrevistado fica emotivo, não saber lidar com os silêncios que eram comuns, ou com as interrupções imprevistas, mas que de modo geral não comprometeram as entrevistas. De certo modo, a experiência da história oral nos revelou que não devemos apenas "colher" ou "retirar" o depoimento, como se tira "leite de vaca", e sim que é a construção de um relacionamento social e de confiança. Destarte, sentimos durante o processo a necessidade de um compromisso, responsabilidade diante a história dos moradores que foram tão receptivos à pesquisa.

Por fim, com relação a aprendizagem dos estudantes, eles mantiveram uma postura de interesse durante todo o percurso metodológico do projeto de ensino/pesquisa, sendo a realização das entrevistas o ponto alto da eletiva, de acordo com as falas dos próprios estudantes, onde foi comum ouvir "amei sair da escola", ou "não esperava que seria tão legal". Nesse contexto, observamos que na primeira fase do projeto, os estudantes, de modo geral, aprenderam sobre a construção da Belém-Brasília e a sua relação com a formação da cidade de Guaraí, sabendo explicar o processo da construção, o contexto social e político, e como ocorreu a transformação social para a emancipação política da cidade em 1970.

Já na segunda fase, também foi observado que os estudantes se viram como partícipe do processo histórico, tendo sido instigados a desenvolver atitudes relacionadas com a identificação de fontes históricas e com a seleção de informações. Desse modo, o registro da experiência histórica do discente ganhou significado ao ser articulado com o registro da pluralidade de memórias sociais, culturais e populares, influenciando assim, sua própria construção de identidade.

Portanto, apesar dos desafios e dificuldades anteriormente apontados, concluímos que a aplicação do projeto de ensino/pesquisa no Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) com os estudantes da turma multisseriada M.112.12 teve mais pontos positivos do que negativos.

### **3. VIVÊNCIAS À BEIRA DA BELÉM-BRASÍLIA: REFLEXÕES DAS MEMÓRIAS DOS MORADORES DE GUARAÍ**

O principal objetivo deste capítulo é refletir sobre a experiência de fazer História Oral e refletir sobre as experiências vividas pelos moradores de Guaraí, acerca de sua vida antes da construção da Belém-Brasília (1958-1960), assim como, o contexto social da época da construção da estrada e os seus impactos na comunidade do povoado Guará. No final, objetivamos produzir um paradidático para os estudantes do Ensino Médio a partir dessas experiências.

Dessa forma, o capítulo está dividido em quatro partes. Na primeira, abordamos a questão da identificação dos moradores de Guaraí. Na segunda, tratamos da metodologia utilizada na coleta dos depoimentos, incluindo detalhes sobre a produção das fontes orais, o processo de interpretação e o retorno aos entrevistados. A terceira parte consiste na apresentação das narrativas construídas a partir das reflexões dos depoimentos dos moradores Constância, Onildo, Izabel e Juceleide. Finalmente, descrevemos o produto de ensino: um paradidático e destacamos os objetivos educacionais, além do seu processo de produção.

#### **3.1 Quem são os moradores de Guaraí**

Quem são os moradores de Guaraí? Eles são os fundadores? Pioneiros? Ou apenas moradores? Esses questionamentos nos levaram à necessária discussão acerca de identidade e construção da narrativa. Sendo assim, nossa discussão nos levou a entender o "mito fundador" de Marilena Chauí (2000) de maneira abrangente, para depois, tecermos um diálogo com os estudos de história Local/Regional e o Ensino de História.

De acordo com Chauí (2000), o "mito do fundador" foi construído sobre os pilares de exaltação da natureza, da história e do governante. Esses pilares constituíram-se como um repertório de representações sobre a realidade social brasileira. Na exaltação da natureza, estão presentes o elogio à terra, suas belezas e riquezas naturais, onde foram enaltecidas as qualidades da nação. Na glorificação da história, temos uma "história teológica ou providencialista" que retrata os acontecimentos como a "realização do plano de Deus ou da vontade divina" (Chauí, 2000, p. 71). E no enaltecimento do governante, encontramos o elogio do Estado.

Desse modo, o "mito do fundador", apropriado pelo poder político, transformou-se em um instrumento ideológico do Estado. Nesta perspectiva, o Estado, ao instituir a nação, pode atribuir a si o monopólio do patrimônio histórico e geográfico da nação, ao passo que seu entendimento sobre esses elementos passa a ser considerado verdade absoluta (Paiva, 2000).

No que diz respeito aos estudos de História Local/Regional, observamos que esses três elementos do "mito fundador" também podem aparecer. Em relação à exaltação da natureza/lugar, devemos evitar a fixação de um espaço/território como algo pronto e dado pela natureza, sem questionarmos a historicidade de sua construção como lugar. Na glorificação da história, Fonseca (2006) destaca que nos currículos oficiais de alguns municípios, o estudo dos aspectos políticos abrange temas como "a origem e evolução do município e do Estado" e "figuras influentes que contribuíram para o progresso da cidade e da região", dando uma ideia de um passado idealizado e um futuro glorioso.

Além disso, Fonseca (2006) também afirma que o bairro, o município, o Estado ou a região são apresentados como um destino linear e evolutivo, pautado pela lógica dos vultos, heróis e figuras políticas pertencentes às elites locais ou regionais, que "fizeram o progresso" da região. Dessa forma, esses elementos tornam-se referências imaginárias que constroem os discursos fundadores. Portanto, optamos por não utilizar o termo "fundadores" para nos referirmos aos interlocutores que decidiram participar da pesquisa.

No que diz respeito ao pioneirismo, o território onde se encontram as cidades de Guaraí, Tupirama e Pedro Afonso foi ocupado pelos habitantes originais, que são os povos indígenas. Nesse contexto, curiosamente observamos que apesar de o nome da cidade "Guaraí" ser uma derivação do termo tupi-guarani, "Guará" (que pode significar cão, ave ou lobo), o histórico apresentado pelo município desconhece a história dos povos originários na região, mesmo tendo uma literatura para isso.

Antes da chegada do colonizador à região, Odair Giralдин (2002) relata que no século XVIII, entre os rios Araguaia e Tocantins – onde menciona o território de Guaraí – habitavam os grupos indígenas Xavante e Xerente. Giralдин explica que até o início do século XIX, os Xavantes e Xerentes eram considerados como uma unidade. Sobre seus territórios, estendiam-se desde próximo ao Porto Nacional até a região do Rio Sono e Pedro Afonso.

Devido a conflitos com não-indígenas, envolvendo tentativas de aldeamentos, catequizações e posse de terras, seu contingente foi diminuindo e perdendo espaço. Conseqüentemente, os Xavantes atravessaram o rio Araguaia e passaram a ocupar as cabeceiras do Rio das Mortes - MT, enquanto os Xerentes vivem em mais de 30 aldeias espalhadas por seu território. Assim, de acordo com o antropólogo Luís Roberto de Paula (2021), hoje em dia, o território Xerente - composto pelas Terras Indígenas Xerente e Funil - localiza-se no cerrado do Estado do Tocantins, na banda leste do rio Tocantins, 70 km ao norte da capital, Palmas.

Dessa forma, também recusamos usar o termo “pioneiros” com relação aos moradores mais antigos de Guaraí, em respeito aos povos originais que já viveram um dia e que sofrem com algum tipo de violência de grupos não-originários. Por isso, consideramos mais adequado o uso do termo de “moradores” para nós referimos aos interlocutores que moravam na região na época da construção da Belém-Brasília (1958-1960) e vivenciaram as transformações sociais do povoado Guará.

Após essas considerações sobre como identificar os moradores, apresentaremos as histórias e depoimentos de Dona Constância Noronha Aguiar, mulher parda de 87 anos, nascida em São Félix de Balsas, Maranhão; Onildo Pereira de Souza, um homem negro de 72 anos; Izabel Dias Silva, uma mulher negra, viúva, com 77 anos de idade, ambos nascidos em Tupirama; e Juceleide Barbosa da Silva Bezerra, nascida em 1974 na cidade de Guaraí.

### **3.2 Criação das fontes orais: metodologia e processo de interpretação**

Ao fazermos História Oral, compreendemos que se trata de um conjunto de procedimentos realizados antes, durante e depois das entrevistas, e não se resume apenas em entrevistas. Diante disso, Bruna da Silva Cardoso (2022, p. 49) afirma “cada entrevista é uma experiência particular. Por isso, ao olharmos as entrevistas como espaços de aprendizagem e como fontes de conhecimento, a tendência é que o nosso fazer História Oral cada vez mais qualificado.”

Por conseguinte, destacamos que houve desafios, percalços e dificuldades dentro dessa experiência de se fazer História Oral. Nesse viés, consideramos não perder de vista “de que a História Oral é um fazer que se aprende, sobretudo fazendo” (Ramos Júnior, 2019, p. 360). Nesse sentido, Bruna da Silva Cardoso afirma:

Se faz necessário dizer que o fazer História Oral é cansativo, é exaustivo, é complexo e é conflituoso. O que não quer dizer que não seja uma forma de fazer pesquisa prazerosa e eficaz, não é isso. O que precisamos, é inserir nas pesquisas, essa contextualização, dizer do acontecido e tecer reflexões e considerações sobre. (Cardoso, 2022, p. 50-51)

Conforme a orientação de Cardoso, que destaca a necessidade de abordarmos os acontecimentos durante a realização das entrevistas, abordaremos os bastidores da nossa História Oral. O objetivo é proporcionar ao leitor uma melhor compreensão das condições envolvidas na criação de fontes orais, na transição do oral para a escrita, bem como nas interpretações do que foi dito pelos moradores.

Em nosso projeto de História Oral, começamos com as leituras prévias Verena Alberti (2005) e Paul Thompson (1992). Em seguida, organizamos a seleção dos interlocutores e os recursos disponíveis a serem utilizados. Nesse contexto, o projeto de pesquisa estava previamente elaborado, nos mostrando os principais objetivos e em que direção deveríamos caminhar.

Com relação a seleção dos entrevistados, utilizamos como principais critérios a idade, disponibilidade e a relação com os principais objetivos da pesquisa. De certa maneira, já tinha contato prévio com Izabel e com Onildo, devido ao fato de serem meus vizinhos em 2018 e 2019. Já o contato com a Juceleide foi através de sua filha e aluna, que nos apresentou durante as aulas do projeto. A dona Constância foi um contato que aconteceu através de uma rede de relações, a partir das indicações dos colegas professores.

Durante as entrevistas, ao iniciarmos a gravação em áudio, realizamos o cabeçalho e pronunciamos claramente os nomes próprios que iam surgindo no decorrer das falas. Também foi necessário anotar gestos e expressões faciais durante o discurso em um caderno de campo, a fim de capturar nuances emocionais que possam ser importantes para a análise. Todos esses procedimentos tiveram como objetivo facilitar a transcrição do áudio para a forma escrita (Alberti, 2005).

Contudo, ressaltamos que o conjunto desses procedimentos mais técnicos não precisa estar engessado, em outras palavras, ser seguidos de uma maneira rígida e sem flexibilidade. Ao interagir com pessoas, precisamos considerar suas vontades e interesses, como, por exemplo, a preferência por gravar em pé ou durante o expediente de trabalho. Da mesma forma, lidamos com seus silêncios e esquecimentos, com suas emoções e sentimentos, e por isso, devemos ter sensibilidade e postura diante do entrevistando.



Em nossa experiência com os entrevistados, uma das coisas mais recorrentes foi o esquecimento. Às vezes, eles não conseguiam se lembrar ou não sabiam o que dizer no momento da entrevista. Sendo assim, foi preciso usar outras estratégias com relação às perguntas, além da necessidade em revisitá-los em outros momentos para melhorar a compreensão do que foi dito por eles. No caso de Izabel e Onildo, ocorreram vários encontros entre 2022 e 2024, durante os quais estabelecemos uma relação de amizade e confiança.

No tocante à transcrição dos áudios, segundo Cardoso (2022, p. 51) “o objetivo do material transcrito é auxiliar na sistematização e análise das entrevistas gravadas”. Nesse aspecto, tentamos usar algumas ferramentas tecnológicas de transcrição de áudio, o que não funcionou muito bem, devido a presença de muitos erros no texto. Por isso, escolhemos transcrever de maneira tradicional, ou seja, com fones de ouvidos, pausas e digitação.

Na prática da passagem da fonte oral para a escrita, decidimos fazer algumas correções ortográficas e semânticas com objetivo de gerar um bom entendimento do que foi falado, contudo, mantivemos as formas de construção de frases e palavras do vocabulário dos moradores, respeitando suas especificidades. Assim, nas falas dos depoentes, ocorreram algumas inserções explicativas, como nomes de pessoas, inseridos entre colchetes. Esses detalhes foram acrescentados após a primeira fala, em resposta a questionamentos específicos. Todo esse processo de transcrição, também foi denominado de “transcrição” por José Carlos S. B. Maihy e Fabíola Holanda (2015, p. 135), pois segundo eles, “a transcrição nos aproxima do sentido e intenção original que o colaborador quer comunicar.”

Diante das discussões apresentadas até aqui, compreendemos que a História Oral implica na escuta do outro, o que gera, segundo Cléria Botelho da Costa (2014, p.48) uma “viagem dialógica propiciada pela interpretação” aonde a subjetividade do pesquisador e a do narrador debatem e geram um conflito de interpretações. Pois, de acordo com a autora, o narrador, ao reconstruir um fato, imprime sua marca na interpretação, e o pesquisador, ao ouvi-lo, pode atribuir ao mesmo fato, outro significado. Destarte, Costa expressou sua convicção de que o narrador pode e deve posicionar-se sobre as interpretações feitas pelo pesquisador de sua narrativa.

A partir dessas considerações, realizamos o retorno com os entrevistados e lemos juntos o texto produzido acerca de suas histórias e depoimentos. Esse processo foi muito produtivo, pois ao visitar o que foi dito, mais memórias foram

surgindo, e isso nos ajudou a esclarecer alguns pontos de informação. No caso da dona Izabel, ela se posicionou em relação à fazenda Guará e o começo do povoado Guará quando afirmou “pera aí, não coloca essa história não, pois essa história é cumprida, é muito bagunçada, todo mundo quer negociar, e é chafurdado, e não é bem assim não”. Ela quis dizer que, apesar de a fazenda ter sido vendida várias vezes e ter tido diferentes donos, muitos buscam se apropriar dessa história para afirmar que são "fundadores". Para Izabel, no entanto, apenas seu pai é considerado o verdadeiro "fundador da cidade", conforme o relato a seguir:

Mas, ele foi o primeiro, o que construiu e fez a cidade aqui. Todo mundo viveu no seu canto e não doou nada. Meu pai começou, pegou isso aqui, falou: "Vamos fazer isso", e daí foi doando, foi doando, e a cidade foi surgindo, foi sendo feita (entrevista com Isabel Dias Silva, em 19/12/2023).

Desse modo, Izabel se posicionou claramente diante da narrativa que foi apresentada para ela e ainda revelou os conflitos de interesses em se apropriar da narrativa do fundador. Durante as entrevistas ela demonstrou emoção e saudade ao lembrar algumas memórias de seu pai. Diante disso, foi realmente tocante testemunhar o imenso carinho e admiração que ela nutre por ele, embora a história de Pacífico Silva não seja o foco principal da pesquisa. Portanto, buscamos conhecer e compreender a vida dos moradores da região antes da construção da Belém-Brasília; compreender como a construção da Belém-Brasília impactou a vida dos moradores locais na época; e investigar o contexto social do povoado Guará daquela época.

### **3.3 Narrativas ao longo da Belém-Brasília: reflexões e destaques**

As narrativas aqui apresentadas trazem consigo as memórias dos moradores de Guaraí: dona Constância, senhor Onildo, dona Izabel e dona Juceleide, com o enfoque de uma História Local com o objetivo de estabelecer conexões com a memória familiar, do trabalho, da migração e do cotidiano, relacionados com a época da construção da Belém-Brasília (1958-1960) e a formação do povoado Guará em seu eixo. Sendo assim, dividimos suas narrativas em quatro partes para melhor compreensão do leitor e organização do texto.

### 3.3.1. Dona Constância Noronha Aguiar

A dona Constância foi uma das principais recomendações dos meus colegas de trabalho, quando eles diziam: “ela sabe muita coisa” e “ela tem muitas histórias”. Após algum tempo, decidimos procurá-la e convidá-la para participar da pesquisa. Como ela era conhecida pela comunidade, fui até a igreja católica e pedi ajuda. As mulheres que estavam trabalhando naquele dia fizeram uma ponte de contato e apresentaram-me a Dona Constância, que, para minha surpresa, morava perto da Igreja Católica São Pedro e do CEMOT. Dessa forma, pude esclarecer os objetivos da pesquisa e combinamos um dia para a realização da entrevista.

Uma das principais características da Dona Constância foi sua simpatia, alegria e acolhimento ao me receber em sua casa. Ela demonstrou muito interesse em participar da entrevista, com o objetivo de compartilhar informações sobre sua vida antes da construção da "Belém-Brasília" e a formação do povoado Guará entre 1958 e 1960. Dona Constância mencionou que nasceu em São Félix de Balsas, no Maranhão, em 1937. Em 1943, ela e sua família mudaram-se para a região de Tupirama. Posteriormente, ela e seu esposo mudaram-se para o povoado Guará em 1962, tal como descreve a seguir:

Eu vim lá do Maranhão, quando saímos de lá, meu pai [Moisés Martins dos Reis] quis vir para cá, porque já tinha família nossa aqui, já tinha o pai dele, e moravam em Tupirama. Ele queria vir, e nós viemos, eu e meus quatro irmãos. Foi em 1943 que viemos para cá. Viemos de burro, de cavalo, e aquela carga de jacá, eu vim no meio de uma carga. A carga de jacá era um pacote feito de taboca, cheio de 'trem', mobília, roupa, de tudo... e 'botava' no animal com a cangalha, e aí forrava a cangalha, bem "forradinha" para os filhos virem "muntando" (SIC) no meio daquilo ali. A gente dormia na estrada, em fazendas a gente parava e dormia, a mãe fazia comida, a gente comia, dormia e no outro dia tornava a viajar. Eu não sei o tanto de dias, mas foram muitos dias para chegar aqui, em Tupirama. A gente ficou morando em Tupirama, e naquela época eu tinha seis anos, só (entrevista com Constância Noronha Aguiar, em 20/12/2024).

Nesse sentido, observa-se um movimento migratório na primeira metade do século XX motivado pela busca por melhores condições de trabalho e de vida. Constância relembra como foi a viagem com sua família ao deixar sua terra natal para um novo lugar. Ao descrever o transporte, ela menciona a "carga de jacá". De acordo com o dicionário informal, jacá é um cesto feito de bambu, de tamanho grande, trançado habilidosamente sem o uso de arames ou metais. Ele é amplamente utilizado na zona rural para transportar milho, feijão, forragens, entre

outros e seu uso pode ser manual, ou seja, transportado pelo trabalhador, ou no lombo de animais. Em seguida, dona Constância relembra que quando criança, com apenas seis anos de idade, ficou bastante animada em se mudar com a família, mas segundo ela, “mamãe que não era muito feliz porque ela estava deixando os pais dela lá.”

Ao chegarem em Tupirama, ela relembra que seu pai, Moisés, era oleiro e fabricava tijolos para a construção de casas, junto com seus irmãos. Nesse contexto, seu pai ensinou a arte da fabricação de tijolos aos seus filhos e filhas.

Na época da abertura da Rodovia Belém-Brasília (1958-1960), a movimentação política era intensa na região de Tupirama, e houve o surgimento de vários garimpos na região. De acordo com Souza (2004, p. 367), durante o desmatamento da floresta, os trabalhadores constataram a presença de “ouro, níquel, cobalto, chumbo, quartzo, linhita e bauxita, que seriam explorados posteriormente”. Sobre esse período, Constância relembra o que era comentado sobre a construção da Belém-Brasília e como sua mãe foi para o garimpo.

Era muito comentado! Sobre o jornal, a gente não tinha. Eu mesma não tinha interesse em saber de jornal. Mas o povo comentava muito, principalmente os políticos na cidade, pois todo mundo queria que abrisse a rodovia. Foi o tempo que abriram essa rodovia, começaram os garimpos por perto. Aí, minha mãe ficou viúva, e ela foi para o garimpo, nos deixou em casa. Mamãe trabalhava com pensão e fornecia comida para as pessoas. Ficou conosco um moço lá, inclusive ele foi o segundo prefeito aqui em Guaraí, Osvaldo Dantas. (entrevista com Constância Noronha Aguiar, em 20/12/2024).

Durante a entrevista, percebemos uma diferença sobre quem foi o primeiro prefeito de Guaraí: Pacífico Silva ou Osvaldo Dantas. Para elucidar essa questão, reafirmamos que o povoado Guará fazia parte da cidade Tupirama entre 1959 e 1968, sendo Pacífico Silva o prefeito de Tupirama no período de 1962 a 1965. Entretanto, Osvaldo Dantas de Sá foi o primeiro prefeito de Guaraí em 1970, após a emancipação do município. Portanto, a memória não segue as normas da historiografia. Ela é esse mosaico de lembranças tecidas pelos afetos, que afetam as possibilidades sobre o que lembrar e como lembrar.

Alguns anos depois, Dona Constância se casou em 1956, aos 19 anos, e posteriormente mudou-se para a fazenda chamada Tucum, onde morou durante seis anos. Em seguida, transferiu-se para o povoado Guará em 1962, como menciona no relato seguinte:

Eu saí de Tupirama porque foi o ano em que me casei. Saí de Tupirama para uma fazenda chamada Tucum, e fiquei lá por seis anos. Meu marido [Djalma da Silva Aguiar] era professor na fazenda Chapadinha, e eu lecionava na fazenda Tucum. As duas fazendas eram pertinho uma da outra; ele ficava dando aulas durante a semana na fazenda Chapadinha, e no final de semana vinha ficar comigo. Nesse tempo, tínhamos só uma filha. Assim, ficamos seis anos lá. Com relação ao povoado Guará, aqui já estava bem iniciado. Eu já tinha uma irmã morando aqui, mamãe [Joana Noronha Aguiar] veio morar aqui e colocou um hotel, na época em que o povo trabalhava nas estradas. Depois, tive o segundo e o terceiro filho, e então mudamos para cá. (entrevista com Constância Noronha Aguiar, em 20/12/2024).

Ainda sobre o período da construção da Belém-Brasília, de acordo com Souza (2004, p. 363), no final do ano de 1959, a ligação entre as duas frentes de trabalho da Belém-Brasília se encontrou, mas a estrada "não passava de um caminho" aberto no meio da floresta. Desse modo, com relação ao povoado Guará, Constância relembra da presença de médicos nos acampamentos da Rodobrás, na parte sul da cidade, e da SPVEA na parte norte. Nessa época, ela constata que houve "morte de gente, por meio do inseto, barbeiro", de malária e pneumonia. Desse modo, ela recorda, até com tristeza, a morte de sua filha.

Na época em que morava na fazenda Tucum, tinha um acampamento do Rodobrás, que ficava perto do riacho Guarazinho. Aí tinha os médicos, só nos acampamentos que tinha os médicos. Eu trouxe uma criança de dois anos, chamada Zenilda, doente, e a criança faleceu de pneumonia. Foi a SPVEA que a levou de avião para a cidade de Miracema, junto com meu marido e minha irmã, mas a criança faleceu. Depois da morte da minha filha, nós nos mudamos para cá, pois fiquei com medo de ficar lá. (entrevista com Constância Noronha Aguiar, em 20/12/2024).

Dona Constância explicou o motivo de não ter ido junto com sua filha para a cidade de Miracema: "Eu não fui porque estava grávida e depressiva." Com medo de permanecer na fazenda Tucum e alguém ficar doente, ela e seu esposo decidiram se mudar para o povoado Guará em 1962. O povoado ainda estava começando, com muitas famílias e casas, porém muito distantes uma das outras. Ao responder sobre como era o seu cotidiano e os desafios de morar no povoado, Constância menciona:

Meu marido me ensinou a fazer lamparina, naquela época não tinha eletricidade, e aí eu saía na rua. Tinha dias em que eu tinha 10 lamparinas nas mãos para vender e voltava sem nada. Não tínhamos água, então a gente tinha uma cisterna. Para construir minha casa, carregávamos água nas costas, na minha cabeça. Pegávamos água na cisterna do Pacífico, pois não tínhamos, já que chegamos há pouco tempo. Naquela época,

havia os rios Guarazinho e o rio Tranqueira, mas ficavam muito longe. (entrevista com Constância Noronha Aguiar, em 20/12/2024).

Nesse contexto, foi construído a escola de pré-moldado chamada Mauro Borges, com o objetivo de atender a demanda das crianças da região e dos trabalhadores da estrada Belém - Brasília. Diante disso, Dona Constância destaca a atuação de seu marido na escola, colocando um motorzinho de luz e sua irmã, Maria Noronha de Carvalho, como a primeira professora de Guaraí. Por conseguinte, ela se sente muito animada em querer falar sobre a igreja, “quando eu cheguei em 1962 no povoado Guará, ainda não tinha igreja, quer saber onde era as missas? Era nas casas. Depois, passavam aqueles padres aqui na cidade, pois não tinha padre aqui.”

Portanto, O relato de Dona Constância, revela uma narrativa rica e significativa sobre sua vida e experiências. Ela descreve sua migração com a família, a mudança para a fazenda Tucum, e sua participação na comunidade. A entrevista aborda ainda a abertura da Rodovia Belém-Brasília, os garimpos, a diferença afetiva sobre o primeiro prefeito de Guaraí, e os desafios enfrentados, como a falta de eletricidade e água no povoado Guará. A história revela aspectos marcantes da vida na região, antes, durante e depois da construção da Belém-Brasília.

### 3.3.2. Senhor Onildo Pereira de Sousa

O encontro com o Senhor Onildo foi um exemplo de construção de confiança ao longo do processo. No início, ele se mostrou um pouco desconfiado, pois, por sua postura, estava mais reservado e contido durante a primeira entrevista realizada em 27 de junho de 2022. Já no segundo encontro, em 19 de abril de 2023, com a presença dos estudantes, Onildo e sua esposa sentiram-se mais à vontade diante da entrevista. Quando questionado sobre sua vida antes da construção da Belém-Brasília (1958-1960), ele respondeu que nasceu em Tupirama em 1950 no antigo norte goiano, em uma família composta por 21 irmãos, ocupando a nona posição na ordem de nascimento. Cresceu e viveu na fazenda chamada Barreirinho até os 19 anos de idade, em 1969, segundo suas palavras a seguir:

Meus pais se conheceram aqui na região de Pedro Afonso, se casaram e foram morar na fazenda [chamada] Barreirinho para construir a família deles. Naquela época, a terra era de comuta, era tudo do governo. Eles saíram de Tupirama, porque trabalhava de agregado em uma terra, veio para cá [fazenda] e lá se situou e ficou até morrer. A minha infância e

adolescência na fazenda, para mim foi muito boa e para os meus irmãos todos, pois naquele tempo a [vida] na cidade era muito difícil. Em nossa região tinha a cidade de Pedro Afonso e Tupirama, uma cidade bem pequeninha. A cidade maior que tinha era Araguacema e Conceição do Araguaia, e o resto, era tudo fazenda. Então, nós fomos criados na fazenda... com cinco anos de idade, cada menino tinha que ir para a roça com os pais, porque era menino demais e ficavam em casa dando trabalho a mãe, mas as meninas ficavam com a mãe, onde elas ajudavam a lavar roupa, fazer a comida, arrumar para quando fosse para meio dia, levar o alimento para nós que estávamos na roça. Quando ficávamos a um ou dois quilômetros de distância, elas faziam a comida e levava para nós, para não perdemos tempo do serviço para voltar para casa e para tarde voltar para roça, nós seguíamos de manhã e depois voltávamos a noite. Então, nós fomos criados dessa maneira. (entrevista com Onildo Pereira de Sousa, em 19/05/2023).

Em relação à família do Onildo, seu pai, Raimundo, era natural do Piauí, e sua mãe, Geralda, era do Rio Grande do Norte, e ambos se conheceram nesta região, na cidade de Pedro Afonso. Em seguida, a expressão “a terra era de comuna, era tudo do governo” no contexto de 1940 na região norte de Goiás pode ser interpretada como uma referência ao fato de que, na época, a maior parte das terras da região era propriedade do governo e não de particulares. Isso se deve, em grande parte, à política de colonização e ocupação territorial implementada pelo Estado brasileiro na região Norte durante o século XX.

Por conseguinte, a vida antes da construção da Belém Brasília (1958-1960) foi na fazenda, cercada de trabalho árduo e desafios, mas também de união familiar e aprendizados. Nesse contexto, Onildo faz um contraste entre a vida na cidade e na fazenda quando ressalta que a vida na cidade naquela época era muito difícil. Ao tecer as tramas da memória, este narrador traz à tona uma representação de passado positiva da família e de como viviam na fazenda, apesar dos desafios de se trabalhar na roça.

Na época da construção da estrada, Onildo era uma criança de 10 anos de idade. Ao perguntar sobre alguma lembrança de algum acontecimento relacionado à abertura da estrada em 1959, a princípio, Onildo afirmou que não se lembrava, mas à medida que íamos conversando, ele rememorava muitas coisas relacionadas ao ocorrido na época, conforme o seu relato a seguir:

Tenho não, nós morávamos na fazenda, e era muito difícil a gente ter contato. Quando nós morávamos na fazenda, com essa idade, não tinha, Guaraí aqui ainda, [pois] aqui era fazenda, só tinha Tupirama e Pedro Afonso. Eu vim descobrir, aqui Guaraí, já em 1967 e 1968, nessa época eu já estava com 17 anos. E foi o tempo que começou a abrir essa estrada. Eu sei que quando começou a vir a tropa, abrir a Belém-Brasília, o papai fez

contrato com o pessoal aqui para trazer alimentos para manter eles. Ele trazia o arroz, a farinha, o porco, a galinha, trazia tudo. Que eu recordo... a estrada já estava aberta, aí veio a tropa abrindo na frente, e depois veio o pessoal da terraplanagem, arrumando tudinho, fazendo bueiro, fazendo tudo. Inclusive, em 1969, eu vim trabalhar na Belém-Brasília, ali na Bacaba, da Bacaba até o Rio dos Bois, eu trabalhei dois anos. (entrevista com Onildo Pereira de Sousa, em 20/12/2023).

Para ampliar a compreensão desse contexto, Onildo nos contou sobre os acontecimentos que o levaram a trabalhar na Belém-Brasília por dois anos, de 1969 a 1971. De acordo com ele, após a morte de sua mãe em 1964, ele ajudava a cuidar de cinco irmãos menores com o seu pai na fazenda. Nesse tempo, como a despesa era grande, Onildo pediu ao seu pai para trabalhar. O seu pai mandou seu filho vir para Guaraí e pedir ajuda para Pacífico Silva, padrinho do seu irmão mais velho. Desse modo, Onildo começou a trabalhar em 1969 para uma das empresas [ele não recordou o nome no momento] responsáveis pela administração de estradas na região da cidade Rio dos Bois até Guaraí. Sobre suas principais atividades realizadas, ele nos contou

Cavando bueiros, naquele tempo os tratores não faziam esse trabalho. Tinha o córrego, e você cavava o bueiro, para você poder colocar as “banilhas”. Assim a gente fazia, o córrego era estreito... aqui eu não cavei, foi outra turma, eu fui para a “Bacaba” onde nós ficamos seis meses trabalhando. E de lá, fomos para Rios dos Bois, quando nós estávamos no Rio dos Bois, precisava de gente para fazer os barracões. Me tiraram de lá, e eu vim para cá [Guaraí], fui tirar palha de coco, na região do canto da vazante, pois lá tinha muito, para trazer para cá, para fazermos os barracões. Bem do lado da casa do Pacífico Silva, tinha um pasto, e nós fizemos os barracões lá para os peões que vinham. (entrevista com Onildo Pereira de Sousa, em 20/12/2023).

Sobre os lugares mencionados no depoimento acima, todos estão localizados no eixo rodoviário BR-153, conhecido popularmente como “Belém-Brasília”. Temos a cidade dos Rios dos Bois, que fica cerca de 58 km de Guaraí, enquanto “Bacaba” está atualmente na região da cidade de Fortaleza do Tabocão, a aproximadamente 26 km de distância. Já a região do “canto da vazante” é uma comunidade rural situada em Guaraí, na direção oeste da cidade. Diante disso, quando ele menciona: “Assim a gente fazia, o córrego era estreito... aqui eu não cavei, foi outra turma”, está se referindo ao córrego chamado Tranqueira, localizado em Guaraí, onde a estrada passa por ele.



Figura 13: Onildo Pereira de Sousa e colegas na construção de bueiros, 1970



Fonte: Guarái Notícias. Arquivo pessoal do correspondente Marcelo Gris (2023).

Na fotografia (figura 12) acima, Onildo aparece ao lado dos colegas de trabalho, ocupando a segunda posição da esquerda para a direita. Sobre os desafios e dificuldades do trabalho, ele relembra que, naquela época, a iluminação era feita através de motores, e a água utilizada provinha dos córregos, servindo tanto para consumo quanto para banho. A alimentação era preparada por cozinheiras, que posteriormente a levavam para os peões. Quanto aos veículos, Onildo recorda dos modelos Jipes, Rural e Toyota. Em relação às lembranças de possíveis acidentes, ele comenta que “se teve, só se foi para fora, pois aqui dentro de nossa região, não”, pois de acordo com ele, foi tudo tranquilo.

Além disso, questionamos o senhor Onildo sobre os seus colegas de trabalho serem, na grande maioria, nordestinos. Nosso intuito era descobrir se eles foram aceitos na comunidade, como eram seus costumes, e a chegada de suas famílias para a região do povoado Guarái.

Eles eram aceitos, mas o nordestino em si, eram problemáticos demais, eles brigavam demais, matavam uns aos outros... só que não eram no serviço, que quando vieram, criou muitos cabarês, e eles trabalhavam de dia e de noite ia para lá, e era aquela confusão. Era difícil passar uma semana para não morrer um. Eu como fui criado na roça, eu era muito medroso, e quando eu via aquela quantidade homens juntos, você não confia, eu saía do serviço e ia para casa. Guarái foi uma cidade que

começou com pouca gente, mas vinha muita gente, principalmente de Miracema, que é do Nordeste que vieram para Miracema, e depois vieram para cá. Quando abriu a BR, o pessoal começou a vir. Eles vinham para trabalhar na estrada, trabalhar nas roças (os fazendeiros queriam abrir a roça e não tinham trator e aquelas coisas). Rapaz, chegava aí, cinco, seis, oitos famílias de uma vez, vinham de caminhão, vinham de pé, de quanto jeito. E eu arrumei demais amigo nordestino, ainda hoje tem muitos que moram aqui, muitos deles voltaram e outros seguiram para São Paulo, mas tem muito deles aqui ainda (entrevista com Onildo Pereira de Sousa, em 20/12/2023).

A partir do seu depoimento, observamos uma representação negativa dos nordestinos que vinham trabalhar na região, retratada no trecho "eram problemáticos demais", mesmo que os seus pais fossem sertanejos. Essa representação foi construída com base no comportamento de envolvimento em festas, brigas e até mesmo assassinatos que o narrador observou naquela época. Ademais, foi constatado pelo morador, a chegada de várias famílias nordestinas na cidade de Guaraí, sendo que muitas delas já moravam na região. Além do trabalho na Belém-Brasília, também houve a necessidade de trabalho nas fazendas devido à falta de maquinário.

Portanto, a história de Onildo é importante porque ele é uma testemunha ocular dos acontecimentos relacionados à construção da Belém-Brasília da época de 1958 a 1970. O seu relato nos ajuda a compreender aquele contexto social, assim como, as condições de trabalho. Além disso, observamos que seus colegas de trabalho eram, em sua maioria, nordestinos, e ele falou sobre a chegada de várias famílias nordestinas na região do povoado Guará. Isso oferece uma oportunidade para discutir questões de migração, integração social e diversidade cultural.

### 3.3.3. Dona Izabel Dias Silva

Os encontros realizados com Izabel foram sempre agradáveis, pois ela demonstrava disposta em querer participar das entrevistas. Com relação a um dos nossos objetivos, em conhecer como era sua vida antes da construção da Belém-Brasília (1958-1960) ela nos contou sobre a migração do seu pai e o seu estabelecimento na região de Tupirama. De acordo com sua narrativa, Pacífico Silva deixou sua família em Jaicós, Piauí, em busca de melhores condições de vida. Ele chegou em Pedro Afonso em 1939, depois ele se mudou para Tupirama, onde foi acolhido pela família de Leôncio de Souza Miranda.

Nessa época, Pacífico começou a trabalhar no garimpo dos "Piaus", em direção a Cristalândia, e, na mesma época, casou-se com Julieta. Após alguns anos, Pacífico Silva foi ao Piauí em busca de sua família e os trouxe para morar em Tupirama. Depois de trabalhar em outros garimpos da região, como "Ponta da Serra", "Pequizeiro" e o "Chiqueirão", Pacífico conseguiu acumular algum dinheiro. Vendeu sua antiga fazenda (que ganhou do seu sogro) e usou parte do valor como entrada para adquirir uma porção de terras de Antônio Mendes Ribeiro, conhecida como fazenda Guará, em 1959.

Nesse contexto, Izabel nasceu em 1947 em Tupirama, e na época da construção da Belém-Brasília (1958-1960), Izabel tinha apenas 12 anos de idade, e recorda que o "desbravamento da Belém-Brasília" foi algo marcante em suas vidas. Como a extensão da rodovia passava pelas terras de seu pai, na fazenda Guará, ela recorda que ficava viajando constantemente para a fazenda, pois ainda morava e estudava em Tupirama, segundo o relato subsequente:

O marcante para nós foi o desbravamento da Belém-Brasília, o movimento de peão, de carro e tudo. Todo mundo ficou animado com a abertura da BR, e teve movimento dos acampamentos do gaúcho, acampamento da SPVEA, da RODOBRÁS, aquele povo fizeram aquele movimento de homens, aquele movimento todo de candango, aquele povo todo trabalhando aqui. O engenheiro Bernardo Sayão, ele passou por aqui uma ou duas vezes, ele não estava constantemente aqui, na frente do serviço não, eram os outros. Tinham os encarregados aqui da SPVEA e tinha do gaúcho (entrevista com Izabel Dias Silva, em 26/07/2022).

Conforme o seu depoimento, observamos como a presença dos acampamentos montados pela construtora de Engenharia e Construção do George Yunes que estavam relacionados com a SPVEA e RODOBRÁS. Além disso, o movimento de trabalhadores na região foi marcante nas memórias de Izabel. Segundo o seu relato, eram uma "furupa danada dos peões", e eles gostavam de participar das festinhas que aconteciam no povoado Guará ou iam dançar em Tupirama e Pedro Afonso nos finais de semana.

Nos anos seguintes, após a abertura da estrada e o crescimento do povoado Guará na década de 1960, muitas famílias decidiram mudar para morar no povoado. Nesse sentido, questionamos Izabel sobre o motivo de deixar Tupirama e mudar para Guaraí, com o intuito de descobrir como a Belém-Brasília impactou sua vida.

Nós ficamos lá ainda [Tupirama]. Albino era contra sair de lá e ele não queria vir. Mas, com a saída da sede, ficou assim... esmoreceu todo mundo. O comércio lá já era bem fraquinho... nós ficamos lá, e ele não queria vir para cá. Ele ainda ficou na cidade de Paraíso, alugamos uma casa, mas nós não ficamos por lá, assim, nós terminamos mudando para cá [Guaraí] no outro ano seguinte (entrevista com Izabel Dias Silva, em 07/06/2023).

Desse modo, Izabel respondeu que o principal motivo de sua mudança foi a transferência da sede da prefeitura. Cabe ressaltar que a transferência da sede foi resultado do crescimento e desenvolvimento da cidade de Guaraí devido à construção da rodovia Belém-Brasília. Ao mesmo tempo, houve um declínio de atividades comerciais na cidade de Tupirama. De acordo com Souza (2004), a Belém-Brasília influenciou no aspecto de urbanização, principalmente na região norte de Goiás, contribuindo para o surgimento de várias cidades e povoados, enquanto as cidades ribeirinhas, que antes detinham poder político-econômico na região, ficaram à margem desse surto de desenvolvimento. Isso ocorreu porque quase ficaram isoladas da região da rodovia Belém-Brasília, tendo como consequência o declínio do comércio fluvial.

Ao se mudarem para Guaraí depois de 1970, Izabel e sua família estabeleceram um comércio próximo à Belém-Brasília, conforme ilustrado na Figura 14, a "Casa Silva de Albino Silva", capturada na década de 70. O estabelecimento fica próximo à Belém-Brasília, assim como vários outros, como hotéis, postos de gasolinas e restaurantes.

Figura 14: Estabelecimento comercial em Guaraí "Casa Silva de Albino Silva"



Fonte: SILVA, Izabel Dias. Arquivo Pessoal. (2023).

Na imagem apresentada acima, temos as seguintes pessoas que foram identificadas pela própria Izabel no momento da entrevista, da esquerda para a direita: em pé, Izabel; em seguida, seu primo Pedro Barbosa segurando nos braços sua afilhada e filha de Izabel – Aldenize. O rapaz sem camisa é Albino Silva; ao seu lado, o homem de camisa preta é Francisco Aurélio, irmão de Pedro Barbosa. Logo após, Rui Lopes, amigo da família, e agachado está Luiz Silva, irmão de Albino. A menina chama-se Albene Dias e os dois meninos, Márcio Antônio e Maurílio, sendo todos filhos de Izabel e Albino. Desse modo, a partir do relato de Izabel, percebemos fortes laços sociais estabelecidos entre família e amigos, pois na época do povoado a maioria das pessoas se conhecia. No entanto, no momento da entrevista, Izabel afirma que hoje as coisas mudaram e "eu não conheço quase ninguém, o povo todo é estranho".

A entrevista com Izabel também forneceu um relato pessoal sobre a vinda de pessoas de outras cidades para se estabelecer em Guaraí e abrir comércios locais. Ela retrata um momento de grande expectativa e movimentação na região, em decorrência da abertura da Belém-Brasília, no qual houve uma mobilização significativa de pessoas, com acampamentos e trabalhadores envolvidos na construção da rodovia. Além disso, houve a chegada de novos moradores na região, como Chico Coelho e Osmar Botelho, e até mesmo os sobrinhos do seu Pacífico Silva, que abriram comércios e botecos na cidade.

Para ampliar a reflexão sobre o contexto, o *Jornal do Brasil* (RJ) publicou em 04 de dezembro de 1969, a manchete “De como nascem e crescem as cidades na Belém-Brasília”, em que afirmou que “as cidades na Belém-Brasília continuam surgindo obedecendo ao mesmo princípio pioneiro de 10 anos atrás”, sendo:

Primeiro, num trecho qualquer da estrada, surge um restaurante, com dormitório que a servir comida e a dar dormida de rede a motoristas de caminhões de carga. Como tem homem e comida, alguma qualquer velha prostituta, aposentada no ofício, faz erguer uma palhoça, nas proximidades, recruta as moças morenas da beira da estrada e um cabaré começa então a funcionar, dia e noite. Em menos de um mês, um borracheiro se estabelece ao lado do restaurante. Finalmente é construído, no local, um posto de gasolina, de linhas modernas e com gerador de luz elétrica. Em pouco tempo, como por milagre, está formada uma comunidade.

Diante dessa manchete, que traz relato atravessado pela leitura preconceituosa e limitada do jornal, é importante ressaltar que não devemos afirmar que a história do povoado Guará ocorreu exatamente da mesma maneira, mas sim

que houve um crescimento nas atividades comerciais, conforme destacado. A manchete descreve a recém-criada cidade de Guaraí (1968-1969) com aproximadamente 3 mil habitantes, onde mais da metade da população é composta por crianças. A cidade conta com hotéis, dormitórios, farmácias, escola primária e posto policial, mas enfrenta desafios de saúde, como a presença de doenças de Chagas, e não possui um posto de saúde. No ano anterior à notícia, Guaraí foi elevada à categoria de distrito e foi afirmado que tinha uma rivalidade acirrada com Tupirama, que possui apenas 500 habitantes e uma renda mensal inferior à de Guaraí.

#### 3.3.4. Dona Juceleide Barbosa da Silva

O encontro com a Juceleide, mais conhecida como Ju, ocorreu numa tarde de sexta-feira, de uma maneira agradável, ela compartilhou suas memórias. Todavia, apesar de nosso objetivo ser conhecer como era a vida dos moradores antes da Belém-Brasília (1958-1960), Ju nasceu em 1974 na cidade de Guaraí, ou seja, após a abertura da estrada, crescimento do povoado Guará, emancipação política de Guaraí e asfaltamento da rodovia em 1974. Mas, sua história foi incluída, a partir do interesse dos estudantes em conhecer sua história de vida e por representar o “diferente” de muitas famílias que escolheram continuar morando nas comunidades ribeirinhas, mesmo com o atrativo de morar em cidade e povoados que estavam surgindo com a Belém-Brasília.

Diante disso, Juceleide retratou a sua infância na comunidade chamada Beira Rio, próximo ao Rio Tocantins, onde ela aponta para um período de dificuldades relacionado com a ausência de um pai para cuidar da família. A rotina da Juceleide estava entre o trabalho e os estudos, ela relembra que em sua infância aprendeu a ‘socar’ o arroz em um pilão para quinze pessoas, que provavelmente eram conhecidos que se ajudavam a limpar a roça de arroz. Além disso, a falta de encanamento de água naquela comunidade, levava os moradores a caminhar cerca de três ou quatro quilômetros para buscar água no rio. Desse modo, ao ser questionada como era a comunidade em que ele viveu, Juceleide menciona o seguinte:

A comunidade "Beira Rio" sempre teve esse nome. Era simplesinha, tinha mais roças do que casas e ficava mais perto de Guaraí do que de Tupirama. Na comunidade, só tinha uma escola, poucas casas e uma escola, era a

única coisa que tinha. Para vir da comunidade para Guaraí, a estrada era de chão batido. No tempo da chuva, tinha bastante buraco, era um sacrifício para a gente vir. São 60 km, mas a gente gastava cerca de 6 a 7 horas desde a beira do rio até aqui em Guaraí. (entrevista com Juceleide Barbosa da Silva, em 26/05/2023).

O fato da sua casa ficar próximo da escola, facilitou que ela administrasse o tempo intercalando as aulas e o trabalho doméstico. Juceleide menciona que estudava meio período de manhã, mas que algumas vezes avisava a professora que precisava ir em casa para fazer o almoço. Com treze anos, ela substituiu a professora Elza Campos que estava doente e precisava se recuperar, com isso, Juceleide deu aulas por quase um ano na escola ao lado de sua casa.

Como foi mencionando anteriormente, Juceleide não tem recordações da construção da Belém-Brasília e nem do início do povoado Guará, pois nasceu posteriormente aos eventos. No entanto, questionamos se ela se lembrava de algo que sua mãe dizia sobre a Belém-Brasília. Se a sua mãe morava na região nessa época, se já contou alguma vez como foi a construção, e se mencionou algo sobre os trabalhadores.

Eu nasci depois da construção da Belém-Brasília e depois da criação da cidade de Guaraí. Minha mãe já morava na região quando aconteceu a construção da Belém-Brasília. Ela contava para nós que vinham homens de tudo quanto era lugar. E os serviços, tudo era braçal, não tinha máquina para roçar essas coisas, era tudo na foice. Inclusive, um amigo nosso da fazenda, os tios, aliás, o meu pai também, né? Ele veio junto e passou por Guaraí para fazer a construção e foi embora, nunca mais voltou aqui, só voltou para passeio. Era só o que ela falava para a gente, que eu lembro que ela dizia isso (entrevista com Juceleide Barbosa da Silva, em 12/01/2024).

Desse modo, Juceleide, nascida em 1974, compartilhou suas recordações sobre sua primeira visita a Guaraí. Ela foi questionada sobre a idade em que realizou sua primeira visita, bem como os motivos que a levaram a Guaraí nessa ocasião. Ao discorrer sobre suas lembranças da cidade na época, a discussão abordou a infraestrutura urbana, ponderando se a Belém-Brasília já estava completamente asfaltada. Além disso, foram explorados aspectos relacionados à disposição das casas, à presença de comércios, e à natureza das ruas da cidade naquele período, questionando se estas ainda eram de chão batido.

Eu vim para Guaraí pela primeira vez quando tinha 15 anos por causa de uma doença. Na época, a cidade já tinha a BR, que estava asfaltada. As

casas eram poucas, não tinha muitas. Os comércios eram poucos, e a maioria das ruas eram de chão batido. Essas são as lembranças que tenho da cidade (entrevista com Juceleide Barbosa da Silva, em 12/01/2024).

Diante disso, Juceleide explicou que sua doença era dermatite alérgica e que seu corpo estava todo ferido. Por isso, sua mãe resolveu trazê-la ao já falecido Dr. Pedro Zanina, para que ele examinasse e descobrisse qual era a doença. Na época, ele a chamou de "elergia", pois antigamente não havia um nome específico para a dermatite alérgica.

Nesse sentido, quando Juceleide morava na comunidade Beira Rio com sua família, muitas pessoas deixaram Pedro Afonso, Tupirama e fazendas para se mudar para Guaraí. Diante disso, questionamos se ela saberia nos explicar por que sua família optou por permanecer morando lá, mesmo enfrentando dificuldades, enquanto outros escolheram se mudar para Guaraí naquela época.

É porque a minha mãe, ela lutou tanto para comprar a fazenda [chamada Brejinho] e aí resolveu que não iria vender. Mesmo com a dificuldade, a gente permaneceu na fazenda. Bem, se a gente mudasse para a cidade, minha mãe não tinha marido, era só com 6 filhos pequenos. E ela não teria condições de criar os filhos na cidade. Então, lá era onde a gente tirava o nosso sustento. A gente plantava, colhia, minha mãe era tecedeira de rede, era onde ela tirava uma boa renda, fazendo rede para vender (entrevista com Juceleide Barbosa da Silva, em 12/01/2024).

De certo modo, o relato de Juceleide é importante no aspecto de retratar a comunidade "Beira-Rio", onde várias famílias permaneceram morando por muito tempo. Isso ocorreu mesmo durante um período em que ocorriam movimentos de pessoas em direção às cidades que estavam se formando ao longo do eixo da rodovia Belém-Brasília. Nesse contexto, ocorria o crescimento do comércio e o isolamento da comunidade ribeirinha. Portanto, sua história representa o "diferente" ou "contrário". Em vez de escolherem morar na cidade de Guaraí, decidiram "permanecer" na comunidade.

### **3.4 Da história local à sala de aula: paradidático para os estudantes**

O paradidático de ensino (Anexo A) foi produzido com a finalidade de ampliar o entendimento sobre o contexto histórico da construção da Belém-Brasília e os seus impactos, principalmente na região de Tupirama e Guaraí. Ele também foi concebido com o objetivo de apresentar os depoimentos dos moradores de Guaraí,



que viveram no período antes, durante da Belém-Brasília, e que ainda vivem em nossa cidade, sendo eles: Constância, Onildo, Izabel e Juceleide. Desse modo, queremos compartilhar o registro da pluralidade de memórias sociais, culturais e populares da nossa região.

O paradidático visa desenvolver atitudes relacionadas com a identificação de fontes históricas e com a seleção de informações como parte do processo da construção do conhecimento histórico. Por isso, ela tem atividades relacionadas com fotografias, jornais e depoimentos orais, para que o/a estudante possa analisar, questionar e pesquisar. Assim, diante das leituras dos textos e das fontes, o/a estudante sente que pode contribuir com a comunidade através de suas pesquisas históricas.

Com relação à descrição do paradidático, ele possui os seguintes tópicos:

1) A construção da Belém-Brasília e os seus impactos no âmbito nacional e regional, **(referente ao item 1.2. do capítulo 1)**; 2) A Belém-Brasília e o local: o povoado Guará **(item 1.3 do capítulo 1)**; 3) Um espaço de lutas e interesses: a emancipação política do povoado **(item 1.3.1. do capítulo 1)**; 4) Memórias dos moradores de Guaraí (TO) **(item 3.3. do capítulo 3)**; 5) História Oral na prática e 6) Referências.

Desse modo, fizemos um contrato com a empresa **Estúdio Z** registrada sob o CNPJ 34.111.884/0001-73 para realizar para elaboração do projeto gráfico do paradidático, em formato A4 e uma versão digital em PDF ambas coloridas. A ser totalmente diagramada pela diagramadora do Estúdio, Nivia Bellos, e edição de Natália Bellos. Especialmente para este projeto ficou de cortesia uma revisão estética dada pelo Artista pesquisador e Diretor de arte do Estúdio o Luiz Eduardo Fileto, com previsão de entrega para o dia 23 de janeiro. Desse modo, pelos serviços prestados, pagamos ao contatado o valor total de R\$ 950,00 dividida em 4 partes de 237,50 via PIX (chave: CNPJ 34.111.884/0001-73).

Após a defesa desta dissertação, com as devidas correções e sugestões, entraremos em contato novamente com a empresa para elaborar um novo projeto gráfico do paradidático com o objetivo de publicar o material em formato PDF e versão física. Nosso intuito é doar a versão física para as escolas municipais e estaduais. Ao todo, são oito escolas da rede municipal, sendo seis urbanas e duas rurais, e sete escolas da rede estadual.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como eu comecei essa dissertação, finalizo com um trecho da canção “As coisas tão mais lindas” de composição do Nando Reis, interpretada pelas cantoras Ana Caetano e Vitória Falcão: ‘Entre as coisas mais lindas que eu conheci/ Só reconheci suas cores belas quando eu te vi/ Entre as coisas bem-vindas que já recebi/ Eu reconheci minhas cores nela, então eu me vi”. De certa maneira, ao realizarmos essa pesquisa, em colaboração com os estudantes do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) e os moradores de Guaraí – TO, reconhecemos nossas cores de identidade, que se formam a partir da experiência vivida, sentida e memorizada, através do reviver ou recriar proporcionado pelas narrativas.

Diante disso, percebemos, no início desta pesquisa, que os estudantes participantes tiveram contato com a História Local relacionada a uma concepção de história fundamentada em marcos e fatos da política local, seguindo uma sequência cronológica casual. Além disso, os estudantes identificaram que a construção da Belém-Brasília, entre 1958-1960, foi uma das principais causas para a formação do povoado Guará. Contudo, não conseguiram explicar o processo de construção da Belém-Brasília, o contexto social e político, e como ocorreu a transformação social para a emancipação política da cidade de Guaraí em 1970.

Desse modo, percebemos que poderíamos abordar a construção da Belém-Brasília e seus impactos na transformação do povoado Guará de maneira mais aprofundada nos âmbitos da História Local e Regional com os estudantes. Assim, esperamos contribuir para ampliação do entendimento sobre o contexto histórico da cidade.

Por conseguinte, em relação à prática da História Oral, apesar de alguns percalços, como dificuldades diante das reações emocionais dos entrevistados, interrupções imprevistas e os “esquecimentos”, a experiência junto com os estudantes revelou a importância de construir um relacionamento social e de confiança com os interlocutores durante o processo da História Oral.

Nesse contexto, os estudantes destacaram a realização das entrevistas sendo o ponto alto das aulas (projeto de ensino/pesquisa). Sendo assim, os educandos tornaram-se participantes ativos do processo histórico, desenvolvendo habilidades relacionadas à identificação de fontes históricas e seleção de informações, contribuindo para a construção de sua própria identidade quando eles

reviveram ou recriaram memórias proporcionado pelas narrativas. E, apesar dos desafios no percurso metodológico, a conclusão foi positiva, havendo mais pontos positivos do que negativos na aplicação do projeto no Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT) com os estudantes da turma multisseriada M.112.12.

Ademais, as narrativas produzidas com os moradores de Guaraí – TO serviram para ampliar a reflexão sobre suas vidas antes da construção da Belém-Brasília (1958-1960), compreender os impactos da Belém-Brasília na comunidade local e investigar o contexto social, político e educacional daquela época. Dessa maneira, entendemos que na região de Tupirama e no povoado Guará, antes da construção da Belém-Brasília, já contava com a presença de várias fazendas, tais como as fazendas "Tucum", "Chapadinha" e "Barreirinho", aonde diversas famílias vieram de outros lugares do Brasil, especialmente do Nordeste, em busca de melhores condições de vida.

Com relação à construção da Belém-Brasília (1958-1960), os moradores de Guaraí, Constância, Onildo e Izabel, foram testemunhas oculares desse evento e relembram, com certa admiração, desse desbravamento. Recordam as condições de trabalho, os acampamentos da Rodobrás e da SPVEA instalados no povoado, bem como a chegada de muitos trabalhadores na região, sendo em sua maioria nordestinos. Da mesma forma, eles relataram os principais impactos da Belém-Brasília no povoado, como a presença de médicos, o aumento do número de moradores, o crescimento do comércio e a instalação da escola Reunida Mauro Borges, que anos depois se tornou o Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT). Somando a isso, compreendemos que a História Oral implica na escuta do outro e na "sensibilidade constante para reconhecer que o outro contém em si o saber". De certo modo, a experiência da História Oral nos revelou que não devemos apenas "colher" ou "retirar" o depoimento, como se tira "leite de vaca", mas sim que é a construção de um relacionamento social e de confiança.

Portanto, consideramos que esta pesquisa pode contribuir para a comunidade de Guaraí, bem como para o ensino de História na cidade. Os moradores que decidiram participar da História Oral podem sentir que suas histórias serão valorizadas, enquanto a minha experiência com os alunos pode influenciar outros professores a adotarem uma abordagem investigativa em relação ao local e o Ensino de História. Diante disso, a criação de um paradidático de ensino pode se tornar um material recorrente para uso em sala de aula em Guaraí e/ou Tupirama.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Orais:

AGUIAR, Constância Noronha. **Entrevista I**. [20/12/2023]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2023. Mp3, (30 mim).

LIMA, Lourenço Ferreira. **Entrevista I**. [06/08/2022]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2022. Mp3, (25 mim).

SILVA, Izabel Dias. **Entrevista I**. [26/07/2022]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2022. Mp3, (40 mim).

SILVA, Izabel Dias. **Entrevista II**. [07/06/2023]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2023. Mp3, (11 mim).

SILVA, Izabel Dias. **Entrevista III**. [19/12/2023]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2023. Mp3, (40 mim).

SILVA, Juceleide Barbosa da. **Entrevista I**. [26/05/2023]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2023. Mp3, (11 mim).

SILVA, Juceleide Barbosa da. **Entrevista II**. [12/01/2024]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2024. Mp3.

SOUZA, Onildo Pereira de. **Entrevista I**. [27/07/2022]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2022. Mp3, (24 mim).

SOUZA, Onildo Pereira de. **Entrevista II**. [19/05/2023]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2023. Mp3, (15 mim).

SOUZA, Onildo Pereira de. **Entrevista III**. [19/12/2023]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2023. Mp3, (27 mim).

### Fontes Documentais:

CEMOT, Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres. **Projeto Político Pedagógico**. Guaraí – TO, 2023.

CPDOC. **Jornal do Brasil (RJ)** – De como nascem e crescem as cidades na Belém-Brasília. Ano 1969/Edição 002206. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/145490](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/145490). Acesso em: 09/07/2022.

FERREIRA, Jurandyr Pires. IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro, 1958.

IMB / SEGPLAN. Instituto Mauro Borges / Secretaria de Estado de Gestão de Planejamento de Goiás. **Goiás em Dados –2016**. Goiânia: SEGPLAN, 2017.

**Bibliografia:**

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. FGV Editora, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, [S. l.], v. 10, n. 17, p. 55–67, 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/62>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ANDRADE, R. de P. A poeira do progresso pede passagem: imagens de natureza e desenvolvimento na floresta amazônica. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 26, p. e14, 2018. DOI: 10.1590/1982-02672018v26e14. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/151039>. Acesso em: 24 dez. 2023.

AQUINO, N. A. de. A construção da Belém-Brasília e suas implicações no processo de urbanização do Estado do Tocantins. In: GIRALDIN, Odair. (Org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Unitins. 2004.

ARRAIS, T. A.; CASTILHO, D.; AURÉLIO NETO, O. P. Integração nacional e fragmentação regional: o sentido territorial da BR-153 no centro-norte brasileiro. **GEOgraphia**, v. 18, n. 36, p. 62-85, 31 maio 2016.

BARROS. Claudina Neri de. **Os Barros nas mãos do Oleiro**. Ágil Gráfica, 2016.

BARROS, José D'Assunção. HISTÓRIA LOCAL E HISTÓRIA REGIONAL – A HISTORIOGRAFIA DO PEQUENO ESPAÇO. **Revista Tamoios**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2022. DOI: 10.12957/tamoios.2022.57694. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/57694>. Acesso em: 20 dez. 2023.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

CARDOSO, BRUNA DA SILVA. (Des)encontros no fazer história oral: Experiências de pesquisa em Araguaína-to. In.: HOLANDA, Maicon Douglas et al. (Orgs.). **História Oral na Amazônia: experiências e possibilidades**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

CARVALHO, MLM de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013.

CAVALCANTI, E. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 272–292, 2018. DOI: 10.20949/rhhj.v7i13.393. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393>. Acesso em: 19 dez. 2023.

CHAUÍ, Marilena. Brasil. **Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2000.

DA COSTA, C. B. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. **História Oral**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 31–46, 2014. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/403>. Acesso em: 13 jan. 2024.

DA SILVA, Tomaz Tadeu et al. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

FONSECA, S. GUIMARÃES. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **História Oral**, [S. l.], v. 9, n. 1, 2012. DOI: 10.51880/ho.v9i1.193. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/193>. Acesso em: 13 jan. 2024.

GIRALDIN, Odair. **Povos Indígenas e não-indígenas: uma introdução à história das relações interétnicas no Tocantins**. In: GIRALDIN, Odair. (Org.). A (trans)formação histórica do Tocantins. Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Unitins. 2002. p. 315-350.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da, (1998). **Pés-de-Anjo e Letreiros de Neon: Ginasianos em Aracaju dos Anos Dourados**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Sergipe.

HOFFMANN, Siumara Vicelli. **O processo da pesquisa histórica como proposta metodológica para o ensino de história no ensino médio**. SEEP, Curitiba-Paraná, 2008.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Início. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/pt/inicio.html>. Acesso em: 14 jul. 2023.

MACEDO; Alexsandro do Nascimento; SOUTO, Paulo Heimar. (Re)Pensando o ensino de História: a importância e os desafios do uso pedagógico da História local na contemporaneidade. IN.: SILVA, Adriana Maria Paulo; SILVA, Lucas Victor; SILVA, Wesley Garcia Ribeiro. (Orgs). **Qual Ensino de História para a Educação Básica?** Brasília: Rosivan Diagramação & Artes gráficas – 2022.

MARTINS, Marcos. História Regional. In.: PINSKY, Carla B. **Novos Temas nas Aulas de História**. SP. Contexto, 2013.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: Trajetória e perspectivas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 163-174, set. 92/ago.93.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo : Contexto, 2015.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Portos do Sertão: cidades ribeirinhas do Tocantins**. Ed. Da PUC Goiás, 2010.

PAIVA, Odaír da Cruz. Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária. **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 98–100, 2000. DOI: 10.5585/eccos.v2i1.207. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/207>. Acesso em: 13 jan. 2024.

PAULA, Luís Roberto de. Xerente. In.: **Povos indígenas do Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xerente>. Acesso em: 13/01/2024.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte de escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RAMOS JÚNIOR, D. V. Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral. **História Oral**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 359–372, 2019. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/871>. Acesso em: 5 jan. 2024.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Conceitos importantes para pesquisas em história oral. In.: CARVALHO, MLM de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013.

RICOEUR, P.; BATISTA, G. S. Arquitetura e narratividade. **Geograficidade**, v. 11, n. Especial, p. 151-160, 14 jul. 2021.

RODRIGUES DE SOUSA, F.; MORAIS GARCIA LIMA, L. História oral e educação popular: reflexões sobre metodologia e práticas de pesquisa pautadas no diálogo e na escuta sensível. **História Oral**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 135–152, 2022. DOI: 10.51880/ho.v25i2.1262. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1262>. Acesso em: 5 jan. 2024.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira Rovai. A ética da escuta: o desafio dos pesquisadores em história oral. **Testimonios**, (2015), (4), 109–120. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/testimonios/article/view/32375>. Acesso em: 05/01/2024.

SAYÃO, Léa. **Meu pai, Bernardo Sayão**. Centro Gráfico do Senado Federal. Brasília, 1976.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, André Brasil da. **Pesquisa e ensino de História local: Vivência de Ensino e aprendizagem na Escola unidade integrada Enoc Vieira em Barra do Corda -**

**MA.** 2020.142f. Dissertação – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Mestrado profissional em ensino de História, Araguaína, 2020.

SILVA, Aletícia Rocha. História Local e Regional. In.: (Orgs): MEDEIROS, Olivia Macedo Miranda de; CAIXETA, Vera Lúcia. **História e memória de Araguaína - Tocantins** [livro eletrônico]. Araguaína, TO: Universidade Federal do Norte do Tocantins - EDUFNT, 2023.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **A representação da imagem**. Informare: cadernos do programa de pós-graduação em ciência da informação, v. 2, n. 2, p. 28-36, 1996. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/acervo-local/producao-academica/000949176.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.

SOUZA, Sônia Maria de. **O Desenvolvimento vem da Estrada: a Belém-Brasília e a Fundação de Guaraí (1958 - 1975)**. 123 f. Dissertação (Mestrado em História Instituição de Ensino: Universidade Federal de Pernambuco, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.

SOUZA, Sônia Maria de. Belém-Brasília: abrindo fronteiras no Norte Goiano (atual Tocantins) – 1958-1975. In: GIRALDIN, Odair. (Org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Unitins. 2002. p. 351-394.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALVERDE, Orlando e DIAS, Catharina Vergolino. **A rodovia Belém-Brasília: estudo de Geografia Regional**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia, 1967.



**ANEXO A – PARADIDÁTICO: ESTRADAS E HISTÓRIAS: A RODOVIA  
BELÉM-BRASÍLIA E AS MEMÓRIAS DOS MORADORES DE GUARAIÁ (TO)**



# Estradas e Histórias:

A rodovia Belém-Brasília  
nas memórias dos  
moradores de Guaraí (TO)

*Dionathan Soares Fragoso*



Dionathan Soares Fragoso

**Estradas e Histórias:**  
A rodovia Belém-  
Brasília nas memórias  
dos moradores de  
Guardaí (TO)

Estúdio Z  
2024  
Rio de Janeiro



Esse projeto foi elaborado pelo **Estúdio Z**, para conhecer mais sobre o estúdio, acesse:

**Site:** [www.estudioz.art.br](http://www.estudioz.art.br)

**Instagram:** [@estudioz.art.br](https://www.instagram.com/estudioz.art.br)

**Projeto Gráfico:**

Nívia Bellos

**Capa:**

Nívia Bellos

**Edição :**

Natália Bellos

**Revisor estético:**

Luiz Eduardo Fileto Caldeira

**Espaço reservado para a ficha catalográfica**





<b>1. A construção da Belém-Brasília e os seus impactos no âmbito nacional e regional</b>	<b>6</b>
<b>2. A Belém-Brasília e o local: o povoado Guará</b>	<b>15</b>
<b>3. Um espaço de lutas e interesses: a emancipação política do povoado</b>	<b>24</b>
<b>4. Memórias dos moradores de Guarai (TO)</b>	<b>28</b>
<b>5. História Oral na prática</b>	<b>46</b>
<b>Referências</b>	<b>49</b>

Caro(a) estudante,

Este paradidático foi escrito especialmente para você!

Este material foi produzido com a finalidade de ampliar o entendimento sobre o contexto histórico da construção da Belém-Brasília e os seus impactos, principalmente na região de Tupirama e Guaraí. Ela também foi concebida com o objetivo de apresentar os depoimentos dos moradores de Guaraí, que vivenciaram o período de construção da Belém-Brasília e seus anos posteriores, e que ainda vivem em nossa cidade, sendo eles: Constância Noronha Aguiar, Onildo Pereira de Souza, Izabel Dias Silva e Juceleide Barbosa da Silva. Desse modo, queremos compartilhar o registro da pluralidade de memórias sociais, culturais e populares da nossa região.

O material visa desenvolver atitudes relacionadas com a identificação de fontes históricas e com a seleção de informações como parte do processo da construção do conhecimento histórico. Por isso, você encontrará atividades relacionadas com fotografias, jornais e depoimentos orais, para que possa analisar, questionar e pesquisar fontes diversas. Assim, diante das leituras dos textos e do trabalho com as fontes, você pode sentir apto a contribuir ainda mais com a sua comunidade.

Você, certamente, irá gostar muito de conhecer novas histórias, fazer novas descobertas e adquirir novos conhecimentos!

- O autor

# 1. A construção da Belém-Brasília e os seus impactos no âmbito nacional e regional

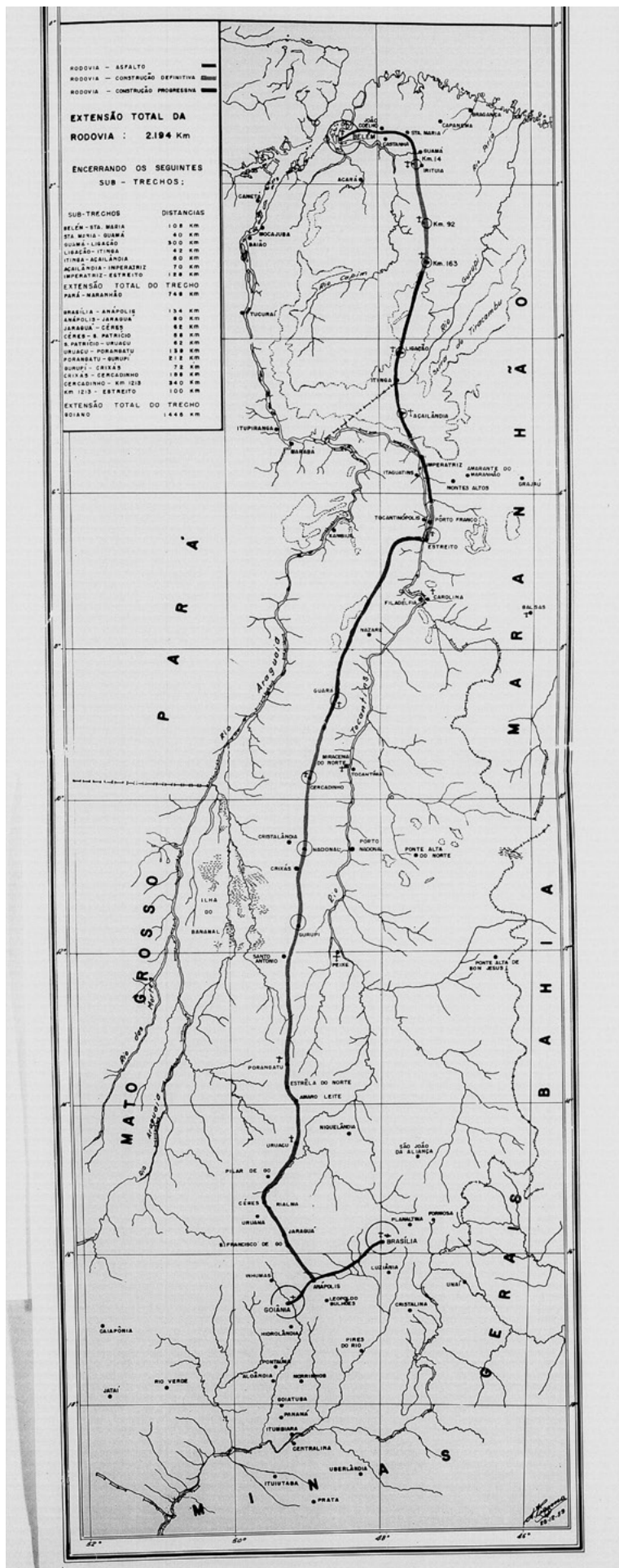
A história da “Belém-Brasília”, a antiga BR-14, construída entre 1958 e 1960 no território goiano, tocantinense, maranhense e paraense, teve como objetivo, no discurso oficial, conectar a capital federal à Belém do Pará. Sua construção buscou atender à demanda de integração do mercado nacional, sob a orientação ideológica do nacionalismo e do desenvolvimento econômico do país, foco do então presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961) e dos presidentes da ditadura civil-militar (1964-1985). O resultado desta iniciativa teve impactos sociais, econômicos, políticos e ambientais, em escala regional e nacional, que serão tratados no decorrer deste texto.

A “Belém-Brasília”, representada na Figura 1, foi elaborada pela Comissão Executiva da Rodovia Belém-Brasília, Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) e apresentada pelo jornal “O Observador Econômico e Financeiro (RJ)” em 1960. A representação mostra o trajeto da rodovia e sua extensão total em 2.194 km, sendo que o trecho goiano tem cerca de 1.446 km. Vale ressaltar que, na época de sua construção, a estrada de chão batido era tratada como “rodovia” e que ela foi asfaltada em 1974.





Figura 1: Mapa da rodovia Belém-Brasília



Estradas e histórias: a rodovia Belém-Brasília e as memórias dos moradores de Guaraí (TO)

**Título:** PR - SPVEA Comissão executiva rodovia Belém-Brasília (1960)

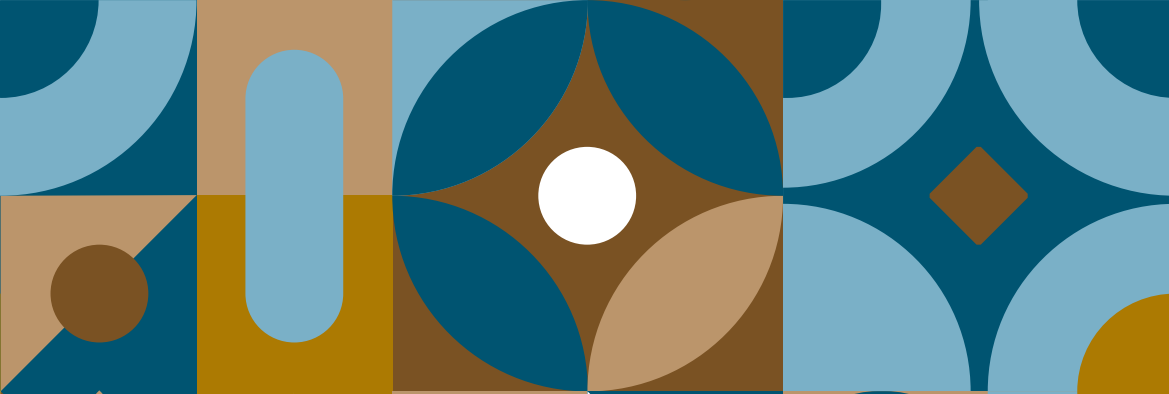
**Tipo de documento:** Jornal Eletrônico

**Data do documento:** Janeiro de 1960

**Origem:** O Observador Econômico e financeiro (RJ). Ano 1960/ Edição 00287. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/123021/38556> Acesso em: 10 jul. 2022.

**Créditos:** dapress@dabr.com.br





Em Goiás, a estrada tem início em Anápolis, percorrendo as cidades e povoados de Ceres, Uruaçu, Porangatu, Gurupi, Cristalândia, Cercadinho, Guará, e alcançando a divisa com o Maranhão, na cidade de Estreito. Sua construção (1958-1960) até o seu asfaltamento (1974), propiciou ao norte goiano, hoje o atual estado do Tocantins, o surgimento de diversas cidades e povoados e o escoamento da produção agrícola. Mas, para compreender essas transformações e os seus impactos, primeiro é necessário conhecermos a história e o contexto que levaram à construção da Belém-Brasília.

Grande parte dessa estrada seria construída em plena selva amazônica. Assim, apesar de a Belém-Brasília ter sido uma obra da gestão de Juscelino Kubitschek, houve outras iniciativas anteriores e posteriores ao seu governo.

Diante disso, a construção da estrada teve início com a política “Marcha para o Oeste” durante o governo de Getúlio Vargas (1937-1945). Essa política de colonização, incentivada pelo Estado, objetivava a movimentação da população para o interior e o aumento da produção agrícola, resultando na instalação das colônias agrícolas nacionais (1942). No estado de Goiás, surgiu a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (Cang). O engenheiro Bernardo Sayão de Carvalho Araújo, importante para a história da Belém-Brasília, foi indicado por Vargas para implantar e dirigir a Cang. Nesse contexto, os primeiros trechos da rodovia foram abertos e tornaram-se possibilidades concretas para a realização do ambicioso plano de conectar a região norte de Goiás ao porto de Belém, no Pará.

Com a criação da Cang em Goiás, conforme os autores Orlando Valverde e Catharina Vergolino Dias (1967, p. 325), “foi construído o primeiro trecho da rodovia Belém-Brasília, ligando Anápolis a Ceres, de 1941 a 1944”, pelo diretor da colônia, Bernardo Sayão. Esse trecho foi aberto para dar acesso à colônia agrícola, devido à sua estrutura fundiária e à qualidade de suas terras, que exigiam um sistema eficiente de transporte para escoar a sua produção. Em seguida, a estrada foi estendida até a cidade recém-fundada de Uruaçu.

**Sistema rodofluvial**

Sistema de transporte que é composto por uma rodovia e um rio, ou seja, que combina ambos.

Nessa época, foi elaborado o *Primeiro Plano Rodoviário Nacional* (1942), com o objetivo de integrar social e economicamente os centros produtores do Norte com o sudeste e o Sul do Brasil, mas o país ainda não tinha condições de implantá-lo. Em 1947, o deputado Jalles Machado apresentava ao Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 1.211, que previa a organização de um sistema de ligação rodofluvial de Anápolis a Belém em que as estradas iriam até o ponto em que os rios fossem navegáveis, e, a partir daí, a viagem se faria por água. O projeto teve pareceres favoráveis do Congresso, apesar das críticas feitas pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagens (DNER). Houve a possibilidade de sua efetivação, que não aconteceu. Nesse contexto, de acordo com os autores Valverde e Dias (1997), a Lei nº 2.975, de 27 de novembro de 1956, determinou a modificação do traçado da BR-14:

Por disposição da lei nº 2.975, de 27 de novembro de 1956, o traçado da BR-14 foi modificado, abandonando o vale médio do Tocantins e seguindo, tanto quanto possível, o divisor de águas Tocantins-Araguaia, até cruzar aquele curso d'água na fronteira Goiás-Maranhão. Pela primeira vez, resolvia-se oficialmente pôr de lado a ligação rodo-fluvial, confiando-se totalmente à rodovia a vinculação interior de Belém com o resto do Brasil (VALVERDE; DIAS; 1997, p. 328).

Como os autores reforçam, então, com o abandono do modelo rodofluvial e a escolha de se manter o trajeto totalmente por terra, a construção da Belém-Brasília foi possível. Essa iniciativa, assim como a construção de outras obras, "Brasília-Fortaleza" e "Brasília-Acre", integravam-se ao âmbito do "Plano de Metas", delineado pelo presidente.

Assim, o presidente JK, ao reconhecer o grande desafio que a construção da Belém-Brasília representava, determinou a criação de duas frentes de serviços. Uma delas partiu do estado de Goiás em direção a Belém do Pará, liderada pelo engenheiro Bernardo Sayão, enquanto a outra frente partiu de Belém do Pará em direção a Goiás sob o comando do médico-sanitarista Valdir Bouhid.

Bernardo Sayão foi convidado pelo presidente Juscelino Kubitschek para fazer parte da *Comissão Executiva da Rodovia Belém-Brasília*

O **Plano de Metas** foi um conjunto de políticas e diretrizes econômicas implementadas no Brasil durante o governo de Juscelino Kubitschek, entre 1956 e 1961. Lançado em 1956, o plano tinha como objetivo principal promover o desenvolvimento econômico e a industrialização do país. O Plano de Metas estabelecia uma série de objetivos ambiciosos, incluindo a construção de rodovias, hidrelétricas, indústrias de base, e a meta simbólica de "50 anos em 5", que buscava acelerar o progresso econômico em um curto período de tempo. A implementação do plano contribuiu para o crescimento econômico, mas também gerou desafios, como endividamento externo e inflação.

(RODOBRÁS), criada em 15 de maio de 1958, como supervisor da construção, e várias firmas empreitaram trechos da rodovia. Dentre as diversas construtoras, no território goiano-tocantinense temos: Empresa Nacional de Construções Gerais (trecho Crixás-Cercadinho); George-Yunes Engenharia e Construções (Cercadinho-Araguaína); Viatécnica S/A (Araguaína- Estreito) e Dr. Gilberto Rocha Salgueiro (ponte sobre o rio Tocantins).

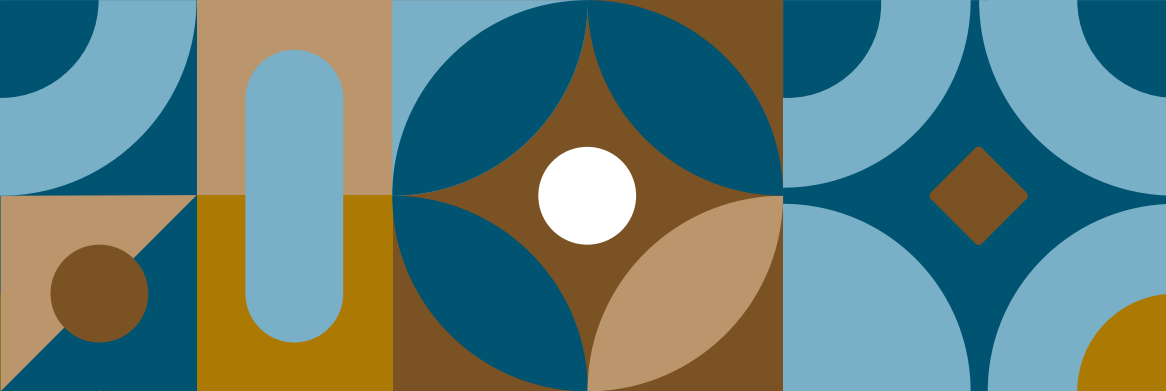
Com relação ao início das obras que ligariam Brasília a Belém do Pará, o presidente Juscelino Kubitschek mobilizou representantes de nações estrangeiras para que elas testemunhassem a presença do seu governo na Amazônia. Junto com Bernardo Sayão e o engenheiro George Yunes, conhecido como “Gaúcho”, organizaram uma festa no local chamado “Cercadinho”, atual cidade de Barrolândia, Tocantins. Segundo Aquino:

Resolveu então Yunes, acompanhado pelo vice-governador Sayão, ir ao Presidente JK (Brasília). Lá chegando, foram muito bem recebidos por Juscelino que, aproximando-se do mapa do Brasil, pediu que o Gaúcho lhe mostrasse o local denominado Cercadinho. Após a localização no mapa, pergunta ao Gaúcho se aquilo ali não seria a Amazônia. Confirmado que sim, Juscelino promete comparecer à festa. Recomendou então ao Gaúcho que montasse toda infraestrutura: construindo pista de pouso e ornamentando o local com elementos que caracterizassem claramente tratar-se de região amazônica (AQUINO, 2004, p. 324).

O que parece ser apenas uma festividade revela o interesse do governo em disponibilizar a Amazônia para o capital internacional, em busca de parcerias que viabilizem seu projeto de grandes obras. A estrada foi alvo de várias críticas por parte de parlamentares e da imprensa de oposição, como a “Tribuna da Imprensa”, dirigida pelo político da oposição e jornalista Carlos Lacerda. Isso se dava porque, entre outros fatores, a obra tinha custo muito elevado.

Diante desse cenário, os meios de comunicação alinhados ao governo Kubitschek foram mobilizados para a produção de matérias favoráveis ao empreendimento.

De acordo com Rômulo de Paula de Andrade (2018, p. 3), em meio à política desenvolvimentista de Juscelino, os meios de comunicação apoiadores do governo, destacando-se os jornais e as rádios pertencentes ao jornalista e empresário Assis Chateaubriand, o grupo Globo



de Roberto Marinho e a revista Manchete, do grupo Bloch, ajudaram a propagar a ideia de que “a natureza e a Floresta Amazônica seriam impedimentos a esse processo”; sendo representadas como “autênticas vilãs que deveriam ser superadas para dar lugar ao progresso e à modernidade”. Diante da dificuldade de construir uma estrada em meio à floresta, a iniciativa parecia assumir uma escala épica.

No decorrer da obra, acampado próximo a cidade do Estreito - MA, Bernardo Sayão encontrou-se com seus colegas Dr. Gilberto Salgueiro e o topógrafo Jorge Dias em uma barraca para discutir verbas para os trabalhadores. Um imenso galho de árvore caiu em direção à barraca, levando à morte de Sayão em janeiro de 1959, enquanto os seus colegas ficaram apenas feridos<sup>1</sup>. A notícia de sua morte gerou comoção em todo o país. Como uma homenagem, o presidente JK assinou o Decreto nº 47.763, em 5 de fevereiro de 1960, oficializando que a rodovia Belém-Brasília passaria a ser denominada “Bernardo Sayão”.

Ao término da construção da Belém-Brasília na região norte do Goiás, o presidente Juscelino Kubitschek organizou uma caravana. Chamada de Caravana da Integração Nacional, foi dividida em quatro colunas, cada uma partindo de um ponto cardeal do país, em uma espécie de carreata, em 1960. O presidente JK determinou que apenas veículos brasileiros compusessem a caravana, com o objetivo de destacar o cumprimento da meta estabelecida, a construção da nova capital. Desse modo, dois meses antes da inauguração de Brasília (21 de abril de 1960), a caravana partindo dos quatro cantos do país rumo a capital foi idealizada para fazer a ligação transbrasileira por meio de um cruzeiro de estradas.

# Os impactos socioambientais da Belém-Brasília (1958-1960)

No que se refere aos impactos e consequências da Belém-Brasília, a obra teve como principal impacto negativo a exploração do meio ambiente e a impossibilidade da população pobre de conservar suas terras (posses). Naquela época, ocorria o desmatamento sem que se discutissem medidas para amenizar os impactos ambientais. Ao mesmo tempo, a internacionalização da Amazônia contribuía para a exploração da madeira e de minerais encontrados durante a abertura da floresta.

Outro impacto da rodovia foi o aspecto da especulação das terras, devido à perspectiva de sua valorização. Nesse contexto, se tornaram frequentes as **grilagens** de terras em diversas localidades, nas áreas de influência da estrada, o que provocou conflitos violentos entre grileiros e posseiros. Devido a esse problema agravar-se na região, conforme Aquino, houve uma tentativa de elaborar um “Plano de Colonização da Estrada Belém-Brasília”, estimulado pelo Estado. Porém, Aquino afirma que esse plano não obteve sucesso:

## Grilagem

Práticas ilegais relacionadas à apropriação ou invasão de terras, geralmente envolvendo documentos falsificados.

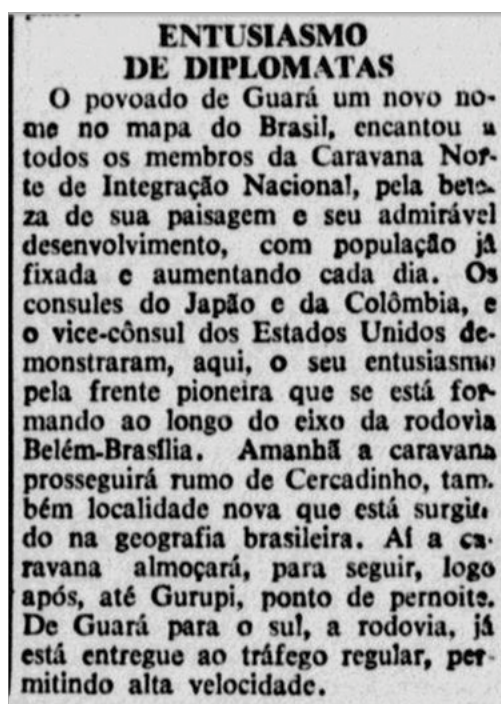
Também George Yunes, o Gaúcho (dono da empreiteira responsável pela construção do trecho goiano-tocantinense da rodovia), afirma em seu depoimento que ao longo da estrada eram reservados seis quilômetros de cada lado, para serem distribuídos entre colonos. Mas, segundo ele, essa tentativa andou longe de dar certo, porque imediatamente chegavam os latifundiários, que ofereciam algum dinheiro, compravam aquelas terras dos colonos e, assim, a margem da rodovia foi-se transformando em latifúndio (AQUINO, 2004, p. 328).

Outro problema que foi apontado, segundo o mesmo autor, seria a dificuldade de as pessoas permanecerem em seus lotes devido aos perigos a que estavam expostas por viverem à beira da estrada. Além disso, também houve pessoas que venderam suas pequenas propriedades porque desenvolveram o gosto de morar na cidade e se mudaram para lá. Tudo isso são fatores que contribuíram para que o “Plano de Colonização da Estrada Belém-Brasília” não ocorresse conforme o planejado.

Como vimos, a construção da Belém-Brasília teve impactos diversos (econômicos, políticos e ambientais) no âmbito regional e nacional, e até global. Por isso, é considerado um acontecimento de grande importância histórica. Seus impactos devem ser considerados para que possamos compreender os desdobramentos desta construção e fazer uma conexão entre o local/regional com o nacional e o global.



## Interpretando Fontes – Jornal



<b>Título:</b>	Entusiasmo de Diplomatas (1960)
<b>Tipo de documento:</b>	Jornal do Commercio (RJ)
<b>Data do documento:</b>	28 de Janeiro de 1960
<b>Origem:</b>	CARLOS RIZZINI (Org.). Coluna Leste parte hoje desta Capital: entusiasmo de diplomatas. Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, p. 12-12. 28 jan. 1960.

Um artigo do Jornal do Comércio (RJ) de 1960, intitulado “Entusiasmo de diplomatas”, relata a visita da Caravana Norte de Integração Nacional ao povoado Guará, que fica ao longo da rodovia Belém-Brasília. Segundo o correspondente do jornal, os membros da caravana ficaram encantados com a paisagem e o desenvolvimento do povoado.

1. Sobre a fonte, o Jornal do Comércio (RJ), pesquise e responda em seu caderno:
  - a. Quando ele foi criado?
  - b. Quais os principais eventos que o jornal cobriu na década de 1960?
2. Como o povoado Guará foi descrito na manchete do jornal?
3. Por qual motivo os diplomatas estavam entusiasmados?



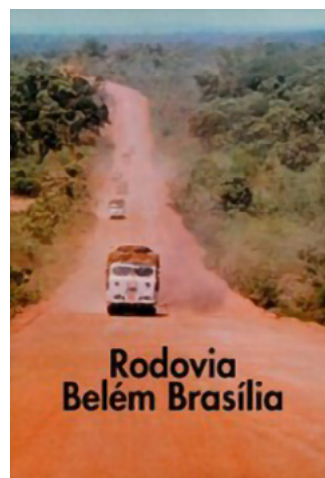


## Recomendação de Filme/documentário

O documentário “Rodovia Belém-Brasília” acompanha a construção da estrada que leva o progresso para as cidades do interior do Brasil, melhorando as condições de vida da população local.

O material está disponível gratuitamente na internet ([link aqui](#)).

RODOVIA Belém-Brasília. Direção de Zelito Viana. Ministério da Educação e Cultura (MEC), Instituto Nacional de Cinema (INC), Departamento do Filme Educativo (DEF), 1972.

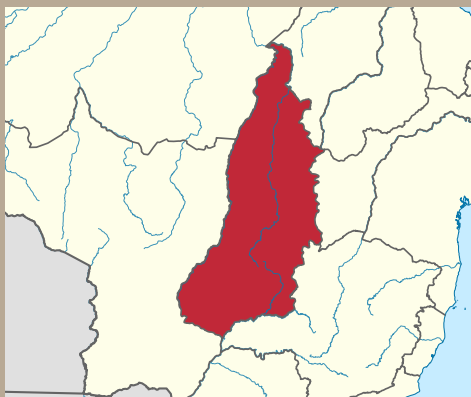


## 2. A Belém-Brasília e o local: o povoado Guará

A construção da Belém-Brasília não apenas conectou diferentes regiões do país, mas também estimulou a migração e o desenvolvimento de novos núcleos urbanos ao longo de seu percurso no território tocantinense, revelando importante impacto social. Desde a sua inauguração (1960) e pavimentação asfáltica (1974), houve um crescimento populacional no território do Tocantins, antigo norte goiano, conforme apontado por Aquino (2004). O autor utiliza dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1950 e de 1980, que mostram que a população na região passou de 204.041 para 738.688 habitantes. Com tal mudança, surgiram os centros urbanos de Araguaína, Colinas de Goiás, Guará, Miranorte, Paraíso do Norte, Gurupi, Alvorada, entre outros.







O Tocantins foi criado oficialmente em 5 de outubro de 1988, separando-se de Goiás.

### Anacronismo

Quando utilizamos os valores, conceitos e ideias de uma época para analisar ou julgar os fatos de outra época.

De acordo com Aletícia R. Silva (2023), na época da criação da rodovia Belém-Brasília, considerado um fato importante para a história das migrações e construções de cidades no Tocantins, esta região era a parte norte do estado de Goiás. Portanto, ao escrever uma História Local e Regional de qualquer cidade nascida após a criação da rodovia no Tocantins, devemos evitar correr o risco de **anacronismo**:

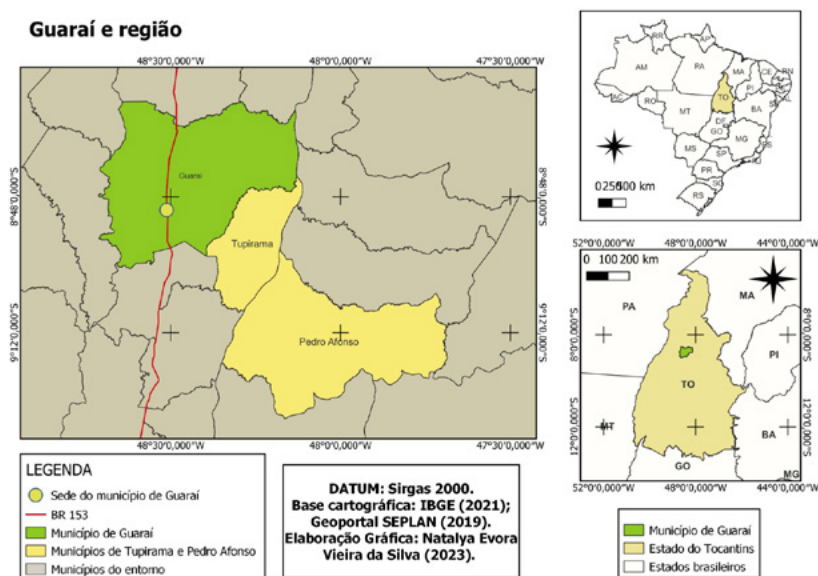
Nenhum morador desta terra se declararia tocantinense. Afinal, [não] existia o próprio estado do Tocantins. No entanto, alguns textos escritos logo após a criação do estado do Tocantins, elogiam o clamor popular pela emancipação, pela afirmação de uma identidade puramente tocantinense. Assim, chamamos atenção para que a História Local e Regional venha ser feita deixando bem claro que região é um termo referente ao território, visto como um espaço de luta e disputas políticas (SILVA, 2022, p. 251).

Dessa forma, compreendemos que a 'identidade', segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 96), é construída socialmente, e esses processos influenciam as relações de poder em determinado espaço. Por sua vez, Silva (2022) afirma que muitas pessoas que migraram para as cidades do antigo norte goiano, como Colinas, Araguaína e Guaraí, há mais de 30 anos, ainda se identificam como maranhenses, piauienses e goianos. De modo semelhante, Aquino (2004, p. 340) alega que 'a identidade do Tocantins é algo ainda em construção', portanto,

[...] como se sabe, normalmente a maturidade de um processo de cunho cultural é "inaugurada" com algum estudo-síntese a respeito. Além disso, é preciso atentar para o fato de que outras regiões que foram ocupadas em épocas bem anteriores à do Tocantins ainda buscam afirmar sua verdadeira identidade, o que contribui para reforçar mais esta ideia de que o antigo norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins, ainda se encontra em pleno processo de construção de sua identidade cultural (AQUINO, 2004, p. 340).

Levando em conta tais considerações, concentramo-nos na relação da Belém-Brasília com a formação da cidade de Guaraí. Sobre essa relação, a presença da estrada, que em 1960 impulsionou o crescimento populacional no povoado chamado Guará, no território de Tupirama (antigo Goiás), levou à criação da cidade de Guaraí em 1968 e, posteriormente, à sua emancipação política em relação a Tupirama em 1970. Na Figura 2, vemos a representação da configuração atual das cidades de Guaraí, Tupirama e Pedro Afonso, sendo que a primeira se localiza no eixo rodoviário da BR-153 (antiga Belém-Brasília/BR-14), e as duas restantes se encontram no eixo do rio Tocantins.

Figura 2: Mapa de Guaraí e região



DATUM: Sirgas 2000. Base cartográfica: IBGE (2021) Geoportal SEPLAN (2019). Elaboração Gráfica: Natalya Evora Vieira da Silva (2023).

### Historicizar

colocar em perspectiva histórica.

Sobre o vínculo entre o povoado Guará e Tupirama, é necessário **historicizar** a cidade para compreender melhor as transformações do povoado. As informações sobre o histórico de Tupirama, reproduzidas pelos órgãos municipais, foram produzidas em 1958 pelo IBGE, que editou a coleção Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, por Jurandyr Pires Ferreira. A coleção teve como objetivo sistematizar informações estatísticas e geocientíficas do território nacional, com foco nos municípios, abordando aspectos físicos, como relevo, clima, vegetação e hidrografia, além de apresentar informações sobre características demográficas, socioeconômicas e históricas. Em relação ao histórico de Tupirama, a enciclopédia consta o seguinte trecho:

**HISTÓRICO** - em 1937, Leôncio de Souza Miranda, residente em Pedro Afonso, resolvera, dado o grande número de competidores no setor comercial, transferir-se para a margem esquerda do rio Tocantins em frente à cidade de Pedro Afonso, construiu três casas residenciais para si e seu pessoal, donde adveio o nome de Trindade, primeiro nome do povoado. Por influência do fundador, o lugarejo desenvolveu-se rapidamente e, com o sensível aumento da população a que vieram juntar-se diversas famílias do interior do Município, tornou-se capaz de erigir-se em vila. Assim é que, em 1938, Trindade era elevada à categoria de vila, por Gentil Veras, então prefeito municipal de Araguacema. Na organização do quadro Territorial do Estado fora substituído o nome de Trindade pelo de Tocantinópolis, denominação que também não demorou a ser substituída pelo nome de Tupirama, que continua até nossos dias. Tupirama teve sua fase de progresso arrefecida, mas, não obstante, graças aos esforços de seus principais chefes, em 1953 foi elevado à categoria de cidade, tendo-se verificado sua instalação no dia 1º de janeiro de 1954 (FERREIRA, 1958, v. 36, p. 429).

A partir desse histórico, inicialmente, destacamos que no início do século XIX, após o período de atividades auríferas no território do Tocantins, antigo norte goiano, diversas comunidades ribeirinhas surgiram e se estabeleceram ao longo dos séculos XIX e XX. Porto Nacional e Pedro Afonso, conforme destacado por Maria de Fátima Oliveira (2010, p. 14), desempenharam papéis de relevância como “importantes centros dinamizadores na região por longa data”. Por sua vez, Souza (2004) relata que no início do século XIX, Pedro Afonso era um centro importante de negócios no médio Araguaia e Tocantins, que tinha ligações comerciais com Belém (PA) e São Luís (MA) e, mais tarde, Bahia.

Em relação aos movimentos de migrações, a região norte de Goiás, com destaque para localidades como Porto Nacional, Tocantinópolis e Pedro Afonso, juntamente com toda a margem esquerda do rio Tocantins, experimentou a chegada de imigrantes provenientes da Bahia, do Piauí, do Maranhão e do Pará durante o século XIX. Nesse período, também surgiram núcleos urbanos a partir de atividades auríferas e agropastoris, sob diversos aspectos tais como fazendas, colonização, bens materiais e paroquiais, loteamento rurais etc.

Por outro lado, no início do século XX, ocorreram os fluxos migratórios espontâneos, nos quais a iniciativa de migrar partiu dos próprios

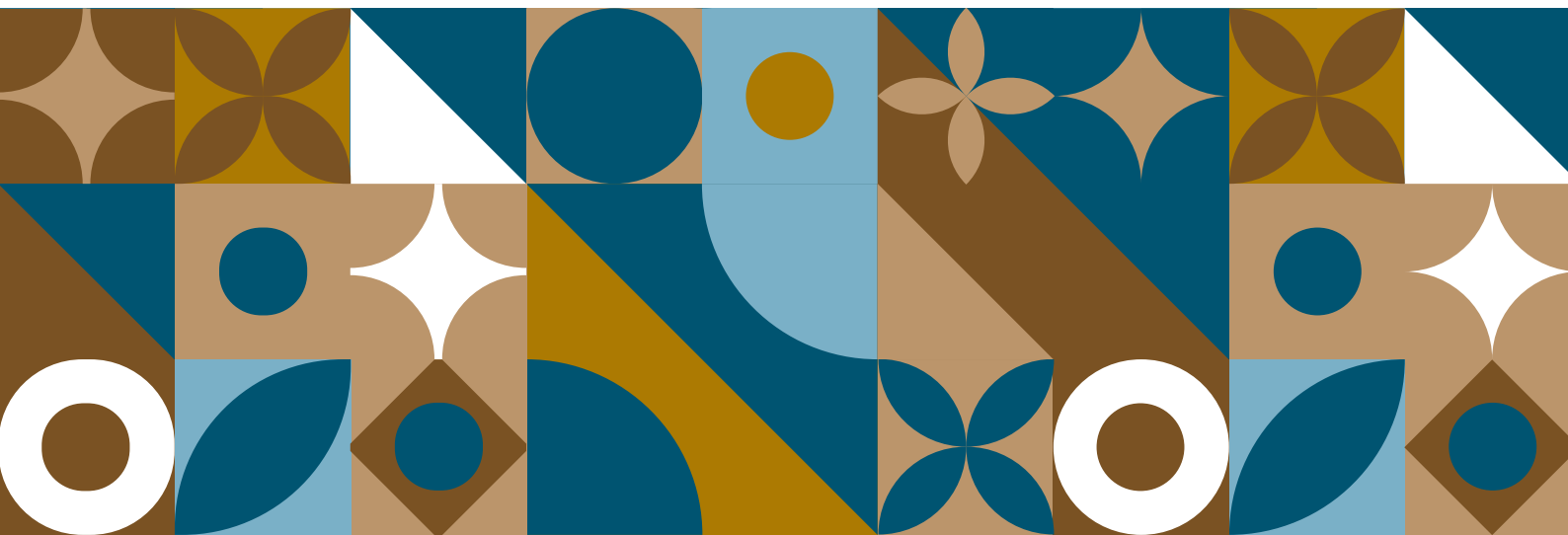
interessados, motivados por diversos fatores e sem a interferência do Estado. Como vimos, também houve um fluxo dirigido pelo governo a partir da criação de Colônias Agrícolas e da campanha política “Marcha para o Oeste” na década de 1940. Contudo, em virtude das dificuldades de comunicação entre as regiões norte e sul do Estado de Goiás e da limitada geração de riqueza resultante do comércio estabelecido entre as áreas rurais e os poucos núcleos urbanos, não se formavam centros urbanos de significativa expressão.

Após compreender a importância de Pedro Afonso como centro comercial, os movimentos migratórios, a formação de núcleos urbanos, a constituição de fazendas e suas atividades agropastoris, vamos ampliar a análise sobre como foi o processo de formação e de transformação do povoado Guará, vinculado a Tupirama no final das décadas de 1950 até sua emancipação política no início da década de 1970.

As antigas fazendas pertencentes a Pacífico Silva, localizada na parte norte e Antônio Mendes Ribeiro, na parte sul do atual município, se desenvolveram a partir da construção da Belém-Brasília em 1959. Para entender melhor a origem dessas fazendas e o começo do povoado, visitamos o morador de Guaraí, Lourenço Ferreira Lima, de 85 anos, em sua residência no dia 06 de agosto de 2022. Lou-

renço é de Pedreiras, Maranhão e exerceu o cargo de secretário da Câmara Municipal da cidade de Tupirama, por meio da Portaria nº 01/55, de 02 de fevereiro de 1955. A entrevista ocorreu no seu escritório, onde ele demonstrou bastante interesse em compartilhar suas memórias. Sobre as raízes da fazenda Guará, Lourenço descreve como foi o processo de ocupação e compra da fazenda:

Serafim Pereira, no ano de 1920, deixou sua terra no lugar denominado Estreito no estado do Maranhão e aqui chegando, apossou-se das terras que mais tarde denominaram-se de "Fazenda Guará", em virtude [de] haver na localidade muitos lobos-guará. Aqui residiu até o ano de 1939, quando vendeu a fazenda para o Sr. José Alves de Sousa, este vindo da cidade de Loreto, estado do Maranhão. De fazenda, somente o gado foi vendido e as terras lhe foram doadas pelo Sr. Serafim Pereira, cuja posse se efetivou somente em 1940 ou 1941. Com a morte do Sr. José Alves de Sousa, Félix Pestana recebeu a Fazenda Guará por herança de seu pai. Félix Pestana, mais tarde, vendeu a referida fazenda para o Sr. Joaquim Ferro e esse vendeu-a para o Sr. Antônio Mendes Ribeiro por 1.000\$000,00 (um conto de réis). Em data de 10 do mês de fevereiro de 1954, O Sr. Antônio Mendes Ribeiro vendeu para o Sr. Pacífico Silva a parte norte da fazenda epigrafada, pelo valor de CR\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros), cujo pagamento se efetivou em data de 01 de novembro de 1954.



Como se observa, a específica fazenda teve diferentes proprietários e moradores entre 1920 e 1954. A chegada de imigrantes, sobretudo do Maranhão, pode ser entendida a partir do contexto dos fluxos migratórios espontâneos, no início do século XX, atraídos por melhores condições de vida. Sobre as principais atividades econômicas desenvolvidas naquela época na região de Tupirama e fazenda Guarará, Souza (1997) menciona a agricultura, a pecuária e o extrativismo vegetal (babaçu). De acordo com o mesmo autor, apesar de a lavoura ser pouco desenvolvida, as produções de arroz e milho eram destinadas aos estados de Maranhão e Piauí, enquanto a pecuária era destinada à cidade de Pedro Afonso, onde se abatia o gado e preparava-se a carne para ser levada de avião para a cidade de Belém do Pará.

Devido à falta de uma rodovia para conectar os principais centros urbanos naquela época, a medida adotada foi a abertura de pista de pouso em muitos lugares, onde fosse possível realizar as trocas comerciais a partir de voos. Assim, para que a política econômica adotada pelo governo de JK fosse efetivada, visando à integração nacional e o desenvolvimento do país, deu-se início à construção do eixo rodoviário Belém-Brasília. Dessa maneira, a abertura da rodovia se transformou no polo de atração da população de Tupirama e diversas regiões.

De acordo com os dados censitários do IBGE, a população de Tupirama era de 5.211 pessoas no censo de 1950, com aumento significativo para 8.350 pessoas no censo de 1960. Nesse contexto, após comprar a parte norte da fazenda Guarará, o fazendeiro Pacífico Silva empenhou esforços para trazer seus familiares

do Piauí para morar na região. Mas, de acordo com Souza (1997, p. 99), “somente com a abertura da Rodovia Belém-Brasília, que passava por considerável extensão de sua fazenda, é que realmente começou o povoado Guarará, no início de 1959”.

Com a instalação da rodovia, a fazenda Guarará ficou entre os trechos de Cercadinho (atual Barrolândia) e Araguaína, sob a supervisão do engenheiro George Yunes, o “Gaúcho”. Ele decidiu instalar um acampamento para supervisão da obra da estrada nas terras de Antônio Mendes Ribeiro, que perdurou de 1959 a 1964. Nesse acampamento, contava-se com a presença de médicos e dentistas, escassos naquela região, o que atraiu diversas pessoas para receber atendimento no acampamento, principalmente de malária, uma doença comum na época.

Em seguida, o perfil da migração regional passou a ser, predominantemente, nordestino. Registros do censo demográfico de 1970 (IBGE, 1970) informam que os estados do Maranhão, Piauí e Ceará tiveram a maior participação de imigrantes nos municípios atravessados pela rodovia, conforme mencionam Arrais, Castilho e Aurélio Neto (2016). Para os autores, a relação da região com os três estados justifica-se pela proximidade, fazendo fronteira com o Maranhão e tendo acesso, por meio de ligações de estradas de rodagem, ao Piauí e ao Ceará. Essa conexão estabeleceu-se também devido às dificuldades encontradas nas zonas do semiárido nordestino, resultando em um intenso movimento migratório. Esse processo foi motivado pelo trabalho em pelo menos três segmentos, os quais estavam plenamente articulados.

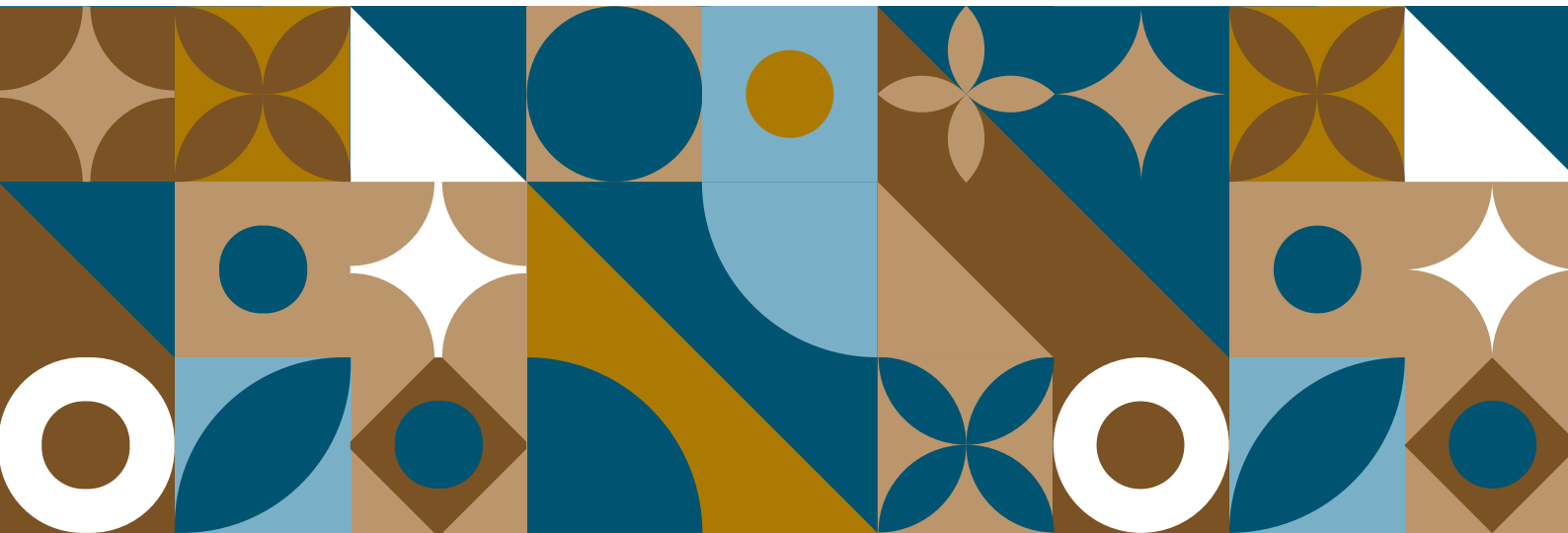
O primeiro, como bem anotou Machado (1979), para força de trabalho em função da abertura de fazendas, derrubada de matas e formação de pastos em região típica de fronteira. O segundo respondeu pelos trabalhos ligados às empresas contratadas para os serviços de construção da rodovia (abertura do leito principal, aterros, terraplanagem etc.). E o terceiro para atividades de suporte, a exemplo do comércio (pequenas vendas, hospedarias, restaurantes, bares etc.) e dos serviços (borracharias, postos de abastecimento etc.) que surgiam em vários pontos da rodovia (ARRAIS; CASTILHO; AURÉLIO NETO, 2016, p. 67-68).

Apesar da promessa de progresso e modernidade associadas à instalação da rodovia, a região não experimentou imediatamente tais benefícios. Em décadas posteriores, especificamente na década de 70, quando a rodovia foi asfaltada, os municípios do norte goiano-tocantinense ainda exibiam uma economia predominantemente centrada em atividades primárias e pouco mecanizada, aspectos similares aos registrados no início do século XX.

Além da procura de trabalho na região, houve outras motivações de migração. Por

exemplo, o casal Ananias Neri de Barros e Claudina Neri de Barros deixaram Brasília e compraram uma fazenda na região do povoado Guará com propósitos missionários. Anos depois, o casal ergueu na recém-criada cidade de Guaraí (antigo povoado) um hotel chamado Itamarati e uma loja de material de construção chamada "Construção Barros" em 1972 e que foi aberta ao público em 1973. De acordo com Claudina, o principal motivo da sua mudança e o estabelecimento do comércio local foi a evangelização.

Em Guaraí começamos outra igreja. Como Nani [sua filha] queria ir para Guaraí logo, vi a oportunidade de fincar a bandeira de Cristo ali. Guaraí foi o futuro para nós, comecei no hotel o trabalho de Deus, em uma sala que o meu esposo me deu (BARROS, 2016, p. 49).





Na Figura 3, retirada do próprio livro de memória da Claudina, vemos um bar, o Itamarati Hotel e a Construção Barros em frente da Belém-Brasília antes de ser asfaltada. Atualmente, esse trecho da rodovia se localiza na esquina da Avenida Brasil, em Guaraí, onde se encontram outros estabelecimentos comerciais.

**Figura 3: Estabelecimento bar e Itamarati Hotel, Guaraí, 1972**



**Título:** Estabelecimento bar e Itamarati Hotel, Guaraí, 1972

**Tipo de documento:** fotografia, 1973


**Local:** Rodovia Belém-Brasília, Centro. Guaraí (TO)

**Sobre:** Crescimento urbano, comércios e migração

**Técnica:** Panorâmica

**Origem:** Guaraí Notícias. Arquivo pessoal do correspondente Marcelo Gris (2023)

Portanto, a criação do povoado não pode ser considerada um fenômeno automático resultante da Belém-Brasília. Houve vários fatores que influenciaram a sua formação, como a existência de várias fazendas e famílias na região, como as terras do Pacífico Silva e de Antônio Mendes Ribeiro, bem como a presença de médicos e dentistas nos acampamentos instalados pela Rodobrás. Também foi demonstrado que antes da construção da rodovia, houve movimentos de migrações, sejam de interesses particulares ou fomentadas pelo Estado, para a região no início do século XX. Logo, devemos considerar esses fatores nas suas diferenças e conexões entre si no estudo do local.



Poesia elaborada pela **aluna Fernanda Barbosa da Silva**, foi declamada no Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres, no dia 12 de abril de 2023.

“Guaraí, cidade festiva  
bastante atrativa  
que tem como base  
um povo disposto

Sua beleza se revela  
nessas praças tão belas,  
nos manguezais perto da rodovia,  
e no amanhecer do dia

Cidade de muita simplicidade,  
mas também muito valor  
pois traz toda história  
de um povo lutador

Amor e muita bondade  
essa é minha cidade  
aqui é o meu lugar  
onde quero sempre estar”

Fonte: texto escrito por Fernanda Barbosa da Silva, 2023.



### 3. Um espaço de lutas e interesses: a emancipação política do povoado

No tocante à criação da cidade de Guaraí em 1968 e sua emancipação política em 1970, tornou-se um espaço de lutas e de interesses políticos, conforme constata Souza (1997). Os vereadores tentaram várias vezes transferir a sede administrativa do município de Tupirama para Guaraí, devido à presença do eixo rodoviário Belém-Brasília, mas sem sucesso em administrações anteriores. Desde o mandato de Leônicio de Souza Miranda (1960-1961) até a gestão de Pacífico Silva (1962-1965), houve defensores do movimento político pela transferência.

Para ampliar a reflexão sobre o contexto, precisamos compreender o cenário político nacional e regional da época de 1960 até 1970. Em relação à história do Brasil, na sucessão de Juscelino, tivemos Jânio Quadros no poder por um ano em 1961, pois devido a suas medidas impopulares e à falta de apoio político e da imprensa, decidiu renunciar à presidência em 25 de agosto daquele mesmo ano. Em seguida, o vice João Goulart assumiu o poder da República, mesmo que um grupo considerável de ministros, militares, políticos da oposição e grandes empresários fossem contra a sua posse, e permaneceu até 1964.



O Brasil viveu um período democrático entre 1946 e 1964. Neste ano, militares e setores conservadores da sociedade, uniram-se para depor o presidente João Goulart e instalar um governo ditatorial liderado pelos militares. O período ditatorial estendeu-se por mais de duas décadas, acabando com a liberdade de imprensa e de expressão, estabelecendo a censura e a perseguição do governo aos seus inimigos políticos.

**Durante** o período ditatorial, o Brasil foi governado por meio de Atos Institucionais, decretos que tinham a validade de leis constitucionais e que estavam acima de quaisquer outros poderes. Os AIs, como são conhecidos, não passavam por qualquer votação política para serem aprovados e implementados, garantindo com isso o caráter ditatorial do regime. Ao todo, o Brasil teve 17 Atos Institucionais.

Durante o governo de João Goulart (1961-1964), Mauro Borges Teixeira, eleito governador do Estado de Goiás em 1960 pelo Partido Social Democrático (PSD), assumiu o cargo para um mandato de cinco anos em 31 de janeiro de 1961. No entanto, seu mandato foi cassado em 26 de novembro de 1964, em decorrência do Golpe de Estado civil-militar daquele mesmo ano. Para substituí-lo, foi nomeado o interventor federal Carlos de Meira Mattos.

Em seguida, após a instalação da ditadura militar em 1964, durante o governo de Castelo Branco (1964-1967), Otávio Lage foi eleito governador pela União Democrática Nacional (UDN) em 1965, substituindo o interventor federal Emílio Rodrigues Ribas Junior. Ele conclui o mandato em 15 de março de 1971. Ainda em 1965, porém, foi decretado o Ato Institucional nº 2, conferindo mais poderes ao presidente e extinguindo todos os partidos políticos existentes, criando apenas dois: a Aliança Renovadora Nacional (Arena), como apoiadora do governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), destinado a fazer uma oposição moderada.

Em relação à política em âmbito local e regional, o major Juvenal Pereira de Souza e o presidente da Câmara, Lourenço Ferreira Lima, lideraram um movimento para agilizar a transferência da sede de Guaraí. Após uma audiência com o Deputado José Carneiro Vaz em Goiânia, obtiveram o compromisso de submeter o projeto à Assembleia Legislativa. Em uma reunião extraordinária, o projeto foi aprovado e sancionado pelo governador Otávio Lage, tornando-se a Lei nº 7.117, de 05 de novembro de 1968, que autorizou a transferência da sede do município a partir de janeiro de 1969.

Todavia, a transferência não aconteceu de imediato pois, de acordo com Souza (1997, p. 112), o prefeito José Reis Cavalcanti era contra a transferência da sede, e não assinou a lei, alegando que não havia condições da sede funcionar no povoado, por não existir prédio para a prefeitura e demais dependências". Dessa

maneira, a postura do prefeito causou uma divergência política dentro do MDB.

Porém, o presidente do diretório do MDB, Pacífico Silva, mostrou-se favorável à mudança da sede, uma vez que as terras onde se desenvolvia o povoado eram de sua propriedade. Por esse motivo, ele passou a apoiar o candidato Osvaldo Dantas de Sá, da Arena, que se comprometeu a efetuar a transferência da sede. Assim, Osvaldo Dantas de Sá foi eleito pela Arena e contou com o apoio de boa parte do MDB, assumindo o cargo em 1º de fevereiro de 1970. A mudança da sede foi concretizada em 11 de abril de 1970.



## De olho na imagem



**Título:** Transferência da sede administrativa de Tupirama para Guarai

**Tipo de documento:** fotografia, 11 de abril de 1970

**Local:** Av. Araguaia, Centro. Guarai (TO)

**Sobre:** Emancipação política de Guarai (TO)

**Técnica:** Panorâmica

Guarai Notícias. Veja 10 curiosidades de Guarai, município do interior do Tocantins, que completa 52 anos em 2022. Disponível em: <https://guarainoticias.com.br/noticia/veja-10-curiosidades-de-guarai-municipio-do-interior-do-tocantins-que-completa-52-anos-em-2022>. Acesso em: 22/03/2023

Portanto, diversos e diferentes fatores contribuíram com a formação do povoado Guará (1960) e sua emancipação política (1970).

## Interpretando Fontes – Jornal

**TUPYRAMA NÃO É GUARÁ**

Em conversa com o Prefeito José Reis Cavalcante, de Tupirama, ficamos sabendo que a denominação de Tupirama não será mudada para Guará, como pretendem alguns afoitos do município.

Podem mudar a sede, mas não mudem o nome, gente. Tupirama é brasileiríssimo. é nosso e já é parte do fabuloso rio Tocantins.



**Título:** Tupirama não é Guará (1970) – Correio Braziliense (DF)

**Tipo de documento:** Jornal

**Data do documento:** 4 de janeiro de 1970

**Origem:** ASSIS CHATEAUBRIAND (org.). Resenha dos municípios: Tupirama não é Guará. Correio Braziliense. Brasília, 4 jan. 1970. p. 7-7. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274\\_02&pagfis=82](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274_02&pagfis=82). Acesso em: 09 jul. 2022.

1. Sobre o jornal Correio Brasiliense, pesquise e responda:
  - a. Quando ele foi criado?
  - b. Quais foram os principais eventos cobertos pelo jornal na década de 1960?
2. Descreva o que a manchete está comunicando.
3. Explique quais foram os possíveis conflitos ocorridos no contexto da emancipação política de Guará.



Tupyrama [sic] não é Guará. Em conversa com o Prefeito José Reis Cavalcante, de Tupirama, ficamos sabendo que a denominação de Tupirama não será mudada para Guará, como pretende alguns afoitos do município. Podem mudar a sede, mas não mudem o nome, gente, Tupirama [SIC] é brasileiríssimo é nosso e já é parte do fabuloso rio Tocantins.

## 4. Memórias dos moradores de Guaraí (TO)

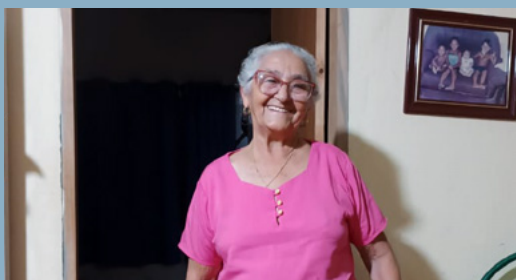
A História Oral é uma análise organizada da memória humana e uma estratégia utilizada para registrá-la e examiná-la. Essa metodologia relevante para preservar e compreender a memória usa materiais orais para descrever e explicar o passado, conforme vivenciado, lembrado e narrado pelas pessoas. As fontes orais são essenciais para compreender a perspectiva das pessoas que vivenciaram eventos históricos. Elas podem revelar silêncios e omissões presentes na documentação escrita ou oficial, expandir a compreensão do contexto e capturar a memória viva.

A História Local e Oral ([acessar a página 51](#)) são fundamentais para mostrar a diversidade de fontes históricas e dar voz a grupos sociais que possuem sua própria identidade e cultura, mas muitas vezes não são reconhecidos ou ouvidos. Elas também permitem a preservação da memória e o compartilhamento de histórias de moradores locais. Ambas são essenciais para garantir a compreensão das transformações que moldaram a sociedade ao longo do tempo e para preservar a memória e identidade de uma comunidade. Negar a importância dessas histórias pessoais e coletivas é ignorar a existência e a importância da identidade de um lugar e de seu povo.





As narrativas aqui apresentadas trazem consigo as memórias dos seguintes moradores de Guará:



- Constância Noronha Aguiar, mulher parda de 87 anos, nascida em São Félix de Balsas, Maranhão;



- Onildo Pereira de Souza, um homem negro de 72 anos; nascido em Tupirama;



- Izabel Dias Silva, uma mulher negra, viúva, com 77 anos de idade, nascida em Tupirama;



- Juceleide Barbosa da Silva Bezerra, mulher negra, nascida em 1974 na cidade de Guará.

O objetivo do trabalho é o de estabelecer conexões com a memória familiar, do trabalho, da migração e do cotidiano, relacionadas com a época da construção da Belém-Brasília (1958-1960) e a formação do povoado Guará em seu eixo. A seguir, dividimos suas narrativas em quatro partes para melhor compreensão do leitor e organização do texto.

**Com relação** à identificação dos interlocutores, não foi utilizado o termo “fundadores” ou “pioneiros” para descrevê-los, para não reforçar elementos imaginários que constroem os discursos de origem de localidades e para respeitar os povos originais (indígenas) que já viveram um dia e que sofrem com algum tipo de violência de grupos não originários. Por isso, foi adotado o termo “moradores” para nos referimos aos interlocutores que moravam na região na época da construção da Belém-Brasília (1958-1960) e vivenciaram as transformações sociais do povoado Guará.

# As entrevistas

## Dona Constância Noronha Aguiar

Dona Constância foi uma das principais recomendações dos meus colegas de trabalho para a realização das entrevistas, pois eles diziam: “ela sabe muita coisa” e “ela tem muitas histórias”. No entanto, como eu não a conhecia, tive relutância no começo. Após algum tempo, decidimos procurá-la e convidá-la para participar da pesquisa. Como ela era conhecida pela comunidade, fui até a igreja católica e pedi ajuda. As mulheres que estavam trabalhando naquele dia fizeram uma ponte de contato e apresentaram-me a Dona Constância, que, para minha surpresa, morava perto da Igreja Católica São Pedro e do Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT). Dessa forma, pude esclarecer os objetivos da pesquisa e combinamos um dia para a realização da entrevista.

Uma das principais características da Dona Constância foi sua simpatia, alegria e acolhimento ao me receber em sua casa. Ela demonstrou muito interesse em participar da entrevista, com o objetivo de compartilhar informações sobre sua vida antes da construção da “Belém-Brasília” e a formação do povoado Guará entre 1958 e 1960. Dona Constância mencionou que nasceu em São Félix de Balsas, no Maranhão, em 1937. Em 1943, ela e sua família mudaram-se para a região de Tupirama. Posteriormente, ela e seu esposo mudaram-se para o povoado Guará em 1962.

Eu vim lá do Maranhão, quando saímos de lá, meu pai [Moisés Martins dos Reis] quis vir para cá, porque já tinha família nossa aqui, já tinha o pai dele, e moravam em Tupirama. Ele queria vir, e nós viemos, eu e meus quatro irmãos. Foi em 1943 que viemos para cá. Viemos de burro, de cavalo, e aquela carga de jacá, eu vim no meio de uma carga. A carga de jacá era um pacote feito de taboca, cheio de ‘trem’, mobília, roupa, de tudo... e ‘botava’ no animal com a cangalha, e aí forrava a cangalha, bem “forradinha” para os filhos virem “muntando” (sic) no meio daquilo ali. A gente dormia na estrada, em fazendas a gente parava e dormia, a mãe fazia comida, a gente comia, dormia e no outro dia tornava a viajar. Eu não sei o tanto de dias, mas foram muitos dias para chegar aqui, em Tupirama. A gente ficou morando em Tupirama, e naquela época eu tinha seis anos, só.<sup>3</sup>

Como já citamos, observa-se um movimento migratório na primeira metade do século XX motivado pela busca por melhores condições de trabalho e de vida. Constância relembra como foi a viagem com sua família ao deixar sua terra natal para um novo lugar. Ao descrever o transporte, ela menciona a “carga de jacá”. De acordo com o dicionário informal, jacá é um cesto feito de bambu, de tamanho grande, trançado habilidosamente sem o uso de arames ou metais. Ele é amplamente utilizado na zona rural para transportar milho, feijão, forragens, entre outros e seu uso pode ser manual, ou seja, transportado pelo trabalhador, ou no lombo de animais. Em seguida, dona Constância relembra que quando criança, com apenas seis anos de idade, ficou bastante animada em se mudar com a família, mas segundo ela, “mamãe que não era muito feliz porque ela estava deixando os pais dela lá.”

Ao chegarem em Tupirama, ela relembra que seu pai, Moisés, era oleiro e fabricava tijolos para a construção de casas, junto com seus irmãos. Nesse contexto, seu pai ensinou a arte da fabricação de tijolos aos seus filhos e filhas.

**Era muito comentado! Sobre o jornal, a gente não tinha. Eu mesma não tinha interesse em saber de jornal. Mas o povo comentava muito, principalmente os políticos na cidade, pois todo mundo queria que abrisse a rodovia. Foi o tempo que abriram essa rodovia, começaram os garimpos por perto. Aí, minha mãe ficou viúva, e ela foi para o garimpo, nos deixou em casa. Mamãe trabalhava com pensão e fornecia comida para as pessoas. Ficou conosco um moço lá, inclusive ele foi o segundo prefeito aqui em Guaraí, Osvaldo Dantas.<sup>2</sup>**

Na época da abertura da Rodovia Belém-Brasília (1958-1960), a movimentação política era intensa na região de Tupirama, e houve o surgimento de vários garimpos na região. De acordo com Souza (2004, p. 367), durante o desmatamento da floresta, os trabalhadores constataram a presença de “ouro, níquel, cobalto, chumbo, quartzo, linhita e bauxita, que seriam explorados posteriormente”. Sobre esse período, Constância relembra o que era comentado sobre a construção da Belém-Brasília e como sua mãe foi para o garimpo.

Durante a entrevista, percebemos uma diferença sobre quem foi o primeiro prefeito de Guaraí: Pacífico Silva ou Osvaldo Dantas. Para elucidar essa questão, reafirmamos que o povoado Guará fazia parte da cidade Tupirama entre 1959 e 1968, sendo Pacífico Silva o prefeito de Tupirama no período de 1962 a 1965. Entretanto, Osvaldo Dantas de Sá foi o primeiro prefeito de Guaraí em 1970, após a emancipação política do município. Portanto, a memória não segue as normas da historiografia. Ela é esse mosaico de lembranças tecidas pelos afetos, que afetam as possibilidades sobre o que lembrar e como lembrar.



Alguns anos depois, Dona Constância se casou em 1956, aos 19 anos, e posteriormente mudou-se para a fazenda chamada Tucum, onde morou durante seis anos. Em seguida, transferiu-se para o povoado Guará em 1962, como menciona no relato seguinte:

Eu saí de Tupirama porque foi o ano em que me casei. Saí de Tupirama para uma fazenda chamada Tucum, e fiquei lá por seis anos. Meu marido [Djalma da Silva Aguiar] era professor na fazenda Chapadinha, e eu lecionava na fazenda Tucum. As duas fazendas eram pertinho uma da outra; ele ficava dando aulas durante a semana na fazenda Chapadinha, e no final de semana vinha ficar comigo. Nesse tempo, tínhamos só uma filha. Assim, ficamos seis anos lá. Com relação ao povoado Guará, aqui já estava bem iniciado. Eu já tinha uma irmã morando aqui, mamãe [Joana Noronha Aguiar] veio morar aqui e colocou um hotel, na época em que o povo trabalhava nas estradas. Depois, tive o segundo e o terceiro filho, e então mudamos para cá.<sup>3</sup>

Ainda sobre o período, de acordo com Souza (2004, p. 363), no final do ano de 1959, a ligação entre as duas frentes de trabalho da Belém-Brasília se encontrou, mas a estrada “não passava de um caminho” aberto no meio da floresta. Com relação ao povoado Guará, Constância relembra da presença de médicos nos acampamentos da Rodobrás, na parte sul da cidade, e da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) na parte norte. Nessa época, ela constata que houve “morte de gente, por meio do inseto, barbeiro”, de malária e pneumonia. Desse modo, ela recorda, até com tristeza, a morte de sua filha:

Na época em que morava na fazenda Tucum, tinha um acampamento do Rodobrás, que ficava perto do riacho Guarazinho. Aí tinha os médicos, só nos acampamentos que tinha os médicos. Eu trouxe uma criança de dois anos, chamada Zenilda, doente, e a criança faleceu de pneumonia. Foi a SPVEA que a levou de avião para a cidade de Miracema, junto com meu marido e minha irmã, mas a criança faleceu. Depois da morte da minha filha, nós nos mudamos para cá, pois fiquei com medo de ficar lá.<sup>4</sup>

Dona Constância explicou o motivo de não ter ido junto com sua filha para a cidade de Miracema: “Eu não fui porque estava grávida e depressiva.” Com medo de permanecer na fazenda Tucum e alguém ficar doente, ela e seu esposo decidiram se mudar para o povoado em 1962. O povoado ainda estava começando, com muitas famílias e casas, porém muito distantes uma das outras. Ao responder sobre como era o seu cotidiano e os desafios de morar no povoado, Constância menciona:

Meu marido me ensinou a fazer lamparina, naquela época não tinha eletricidade, e aí eu saía na rua. Tinha dias em que eu tinha 10 lamparinas nas mãos para vender e voltava sem nada. Não tínhamos água, então a gente tinha uma cisterna. Para construir minha casa, carregávamos água nas costas, na minha cabeça. Pegávamos água na cisterna do Pacífico Silva, pois não tínhamos, já que chegamos há pouco tempo. Naquela época, havia os rios Guarazinho e o rio Tranqueira, mas ficavam muito longe.<sup>5</sup>

Nesse contexto, foi construída a escola de pré-moldado Mauro Borges, com o objetivo de atender a demanda das crianças da região e dos trabalhadores da estrada Belém-Brasília. Diante disso, Dona Constância destaca a atuação de seu marido na escola, colocando um motorzinho de luz, e de sua irmã, Maria Noronha de Carvalho, como a primeira professora de Guaraí. A seguir, ela se sente muito animada em querer falar sobre a igreja, “quando eu cheguei em 1962 no povoado Guará, ainda não tinha igreja, quer saber onde era as missas? Era nas casas. Depois, passavam aqueles padres aqui na cidade, pois não tinha padre aqui”.

O relato de Dona Constância descreve sua migração com a família, a mudança para a fazenda Tucum, e sua participação na comunidade. A entrevista aborda ainda a abertura da Rodovia Belém-Brasília, os garimpos, a confusão sobre o primeiro prefeito de Guaraí, e os desafios enfrentados na época, como a falta de eletricidade e água no povoado Guará. A narrativa revela aspectos marcantes da vida na região, antes, durante e depois da construção da Belém-Brasília.

## Senhor Onildo Pereira de Souza

O encontro com o Senhor Onildo foi um exemplo de construção de confiança ao longo do processo. No início, ele se mostrou um pouco desconfiado, pois, por sua postura, estava mais reservado e contido durante a primeira entrevista, realizada em 27 de junho de 2022. Já no segundo encontro, em 19 de abril de 2023, com a presença dos estudantes, Onildo e sua esposa sentiram-se mais à vontade. Quando questionado sobre sua vida antes da construção da Belém-Brasília, ele respondeu que nasceu em Tupirama, em 1950, no antigo norte goiano, em uma família composta por 21 irmãos, ocupando a nona posição na ordem de nascimento. Cresceu e viveu na fazenda chamada Barreirinho até os 19 anos de idade, em 1969.

Meus pais se conheceram aqui na região de Pedro Afonso, se casaram e foram morar na fazenda [chamada] Barreirinho para construir a família deles. Naquela época, a terra era de comuta, era tudo do governo. Eles saíram de Tupirama, porque trabalhava[m] de agregado em uma terra, veio (sic) para cá [fazenda] e lá se situou e ficou (sic) até morrer. A minha infância e adolescência na fazenda para mim foi muito boa e para os meus irmãos todos, pois naquele tempo a [vida] na cidade era muito difícil. Em nossa região tinha a cidade de Pedro Afonso e Tupirama, uma cidade bem pequeninha. A cidade maior que tinha era Araguacema e Conceição do Araguaia, e o resto, era tudo fazenda. Então, nós fomos criados na fazenda... com cinco anos de idade, cada menino tinha que ir para a roça com os pais, porque era menino demais e ficavam em casa dando trabalho a mãe, mas as meninas ficavam com a mãe, onde elas ajudavam a lavar roupa, fazer a comida, arrumar para quando fosse para meio dia, levar o alimento para nós que estávamos na roça. Quando ficávamos a um ou dois quilômetros de distância, elas faziam a comida e levava[m] para nós, para não perdemos tempo do serviço para voltar para casa e para tarde voltar para roça, nós seguíamos de manhã e depois voltávamos a noite. Então, nós fomos criados dessa maneira.<sup>6</sup>

Em relação à família de Onildo, seu pai, Raimundo, era natural do Piauí, e sua mãe, Geralda, era do Rio Grande do Norte, e ambos se conheceram nesta região, na cidade de Pedro Afonso. Em seguida, a expressão “a terra era de comuna, era tudo do governo” na fala do entrevistado pode ser entendida (no contexto de 1940 na região norte de Goiás) como uma referência ao fato de que, na época, a maior parte das terras da região era propriedade do governo e não de particulares. Isso se deve, em grande parte, à política de colonização e ocupação territorial implementada pelo Estado brasileiro na região Norte durante o século XX.

Por conseguinte, a vida antes da construção da Belém-Brasília foi descrita vivida na fazenda, cercada de trabalho árduo e desafios, mas também de união familiar e aprendizados. Nesse contexto, Onildo faz um contraste entre a vida na cidade e na fazenda quando ressalta que a vida na cidade naquela época era muito difícil. Ao tecer as tramas da memória, este narrador traz à tona uma representação de passado positiva da família e de como viviam na fazenda, apesar dos desafios de se trabalhar na roça.

Na época da construção da estrada, Onildo era uma criança de 10 anos de idade. Ao ser perguntado sobre alguma lembrança de algum acontecimento relacionado à abertura da estrada em 1959, a princípio, Onildo afirmou que não se lembrava, mas à medida que ele ia conversando, ele rememorava muitas coisas relacionadas ao ocorrido na época:

Tenho não, nós morávamos na fazenda, e era muito difícil a gente ter contato. Quando nós morávamos na fazenda, com essa idade, não tinha, Guaraí aqui ainda, [pois] aqui era fazenda, só tinha Tupirama e Pedro Afonso. Eu vim descobrir aqui, Guaraí, já em 1967 e 1968, nessa época eu já estava com 17 anos. E foi o tempo que começou a abrir essa estrada. Eu sei que quando começou a vir a tropa, abrir a Belém-Brasília, o papai fez contrato com o pessoal aqui para trazer alimentos para manter eles. Ele trazia o arroz, a farinha, o porco, a galinha, trazia tudo. Que eu recordo... a estrada já estava aberta, aí veio a tropa abrindo na frente, e depois veio o pessoal da terraplanagem, arrumando tudinho, fazendo bueiro, fazendo tudo. Inclusive, em 1969, eu vim trabalhar na Belém-Brasília, ali na Bacaba, da Bacaba até o Rio dos Bois, eu trabalhei dois anos.<sup>7</sup>

Para ampliar a compreensão desse contexto, Onildo nos contou sobre os acontecimentos que o levaram a trabalhar na Belém-Brasília por dois anos, de 1969 a 1971. De acordo com ele, após a morte de sua mãe em 1964, ele ajudava a cuidar de cinco irmãos menores com o seu pai na fazenda. Nesse tempo, como a despesa era grande, Onildo pediu ao seu pai para trabalhar. O seu pai mandou seu filho vir para Guaraí e pedir ajuda para Pacífico Silva, padrinho do seu irmão mais velho. Desse modo, Onildo começou a trabalhar em 1969 para uma das empresas [ele não recordou o nome no momento] responsáveis pela administração de estradas na região da cidade de Rio dos Bois até Guaraí. Sobre suas principais atividades realizadas, ele nos contou:

Cavando bueiros, naquele tempo os tratores não faziam esse trabalho. Tinha o córrego, e você cavava o bueiro, para você poder colocar as “banilhas”. Assim a gente fazia, o córrego era estreito... aqui eu não cavei, foi outra turma, eu fui para a “Bacaba” onde nós ficamos seis meses trabalhando. E de lá, fomos para Rios dos Bois, quando nós estávamos no Rio dos Bois, precisava de gente para fazer os barracões. Me tiraram de lá, e eu vim para cá [Guaraí], fui tirar palha de coco, na região do canto da vazante, pois lá tinha muito, para trazer para cá, para fazermos os barracões. Bem do lado da casa do Pacífico Silva, tinha um pasto, e nós fizemos os barracões lá para os peões que vinham.<sup>8</sup>

Sobre os lugares mencionados no depoimento acima, todos estão localizados no eixo rodoviário BR-153, conhecido popularmente como “Belém-Brasília”. Temos a cidade dos Rios dos Bois, que fica cerca de 58 km de Guaraí, enquanto “Bacaba” está atualmente na região da cidade de Fortaleza do Tabocão, a aproximadamente 26 km de distância. Já a região do “canto da vazante” é uma comunidade rural situada em Guaraí, na direção oeste da cidade. Diante disso, quando ele menciona: “Assim a gente fazia, o córrego era estreito... aqui eu não cavei, foi outra turma”, está se referindo ao córrego chamado Tranqueira, localizado em Guaraí, onde a estrada passa por ele.

Figura 4: Onildo e seus colegas de trabalho na construção de bueiros, 1969



<b>Legenda:</b>	Na fotografia acima, Onildo aparece ao lado dos colegas de trabalho, ocupando a segunda posição da esquerda para a direita.
<b>Título:</b>	Construção de bueiros
<b>Tipo de documento:</b>	fotografia, 1969
<b>Local:</b>	Taboão (TO)
<b>Sobre:</b>	Construções da Rodovia Belém-Brasília
<b>Técnica:</b>	Vertical, de cima para baixo
<b>Origem:</b>	Onildo Pereira de Souza

Sobre os desafios e dificuldades do trabalho, ele relembra que, naquela época, a iluminação era feita por meio de motores; a água utilizada provinha dos córregos, servindo tanto para consumo quanto para banho. A alimentação era preparada por cozinheiras, que posteriormente a levavam para os peões. Quanto aos veículos, Onildo recorda dos modelos Jipes, Rural e Toyota. Em relação às lembranças de possíveis acidentes, ele comenta que “se teve, só se foi para fora, pois aqui dentro de nossa região, não”, pois de acordo com ele, foi tudo tranquilo.

Além disso, questionamos o senhor Onildo sobre os seus colegas de trabalho serem, na grande maioria, nordestinos. Nosso intuito era descobrir se eles foram aceitos na comunidade, como era seus costumes, e a chegadas de suas famílias para a região do povoado Guará. Ele diz:

Eles eram aceitos, mas o nordestino em si, eram problemáticos demais, eles brigavam demais, matavam uns aos outros... só que não eram no serviço, que quando vieram, criou muitos cabarés, e eles trabalhavam de dia e de noite ia para lá, e era aquela confusão. Era difícil passar uma semana para não morrer um. Eu como fui criado na roça, eu era muito medroso, e quando eu via aquela quantidade de homens juntos, você não confia, eu saía do serviço e ia para casa. Guarai foi uma cidade que começou com pouca gente, mas vinha muita gente, principalmente de Miracema, que é do Nordeste que vieram para Miracema, e depois vieram para cá. Quando abriu a BR, o pessoal começou a vir. Eles vinham para trabalhar na estrada, trabalhar nas roças (os fazendeiros queriam abrir a roça e não tinham trator e aquelas coisas). Rapaz, chegava aí, cinco, seis, oitos famílias de uma vez, vinham de caminhão, vinham de pé, de quanto jeito. E eu arrumei demais amigo nordestino, ainda hoje tem muitos que moram aqui, muitos deles voltaram e outros seguiram para São Paulo, mas tem muito deles aqui ainda.<sup>9</sup>

A partir do seu depoimento, observamos uma representação negativa dos nordestinos que vinham trabalhar na região, retratada no trecho “*eram problemáticos demais*”, mesmo que os seus pais fossem sertanejos. Essa representação foi construída com base no comportamento de envolvimento em festas, brigas e até mesmo assassinatos que o narrador observou naquela época. Ademais, foi constatado pelo morador a chegada de várias famílias nordestinas na cidade de Guaraí, sendo que muitas delas já moravam na região. Além do trabalho na Belém-Brasília, também houve a necessidade de trabalho nas fazendas devido à falta de maquinário.

Portanto, a história de Onildo é importante porque ele é uma testemunha ocular dos acontecimentos relacionados à construção da Belém-Brasília (fim da década de 1950 a 1970). O seu relato nos ajudar a compreender aquele contexto social, assim como as condições de trabalho. Além disso, observamos que seus colegas de trabalho eram, em sua maioria, nordestinos, e ele falou sobre a chegada de várias famílias nordestinas na região do povoado Guará. Isso oferece uma oportunidade para discutir questões de migração, integração social e diversidade cultural.

### *Depoimento dos estudantes sobre as entrevistas:*

A entrevista foi muito boa e confortável. Conversar com o Onildo e descobrir um pouco sobre a sua história de vida como morador da cidade foi muito interessante.

**Fernanda Barbosa Bezerra**

Gostei muito da entrevista feita com o Onildo, adorei principalmente as histórias dele com a sua esposa. A entrevista é algo importante e interessante para nós alunos, podendo aprendermos a nos comunicar melhor, ainda mais com idoso como ele.

**Antenildo da Silva Reis**

A entrevista foi interessante pois a história de vida do senhor Onildo envolve a história local e nos ajudou a conhecer melhor o lugar em que vivemos e como era anos atrás.

**Ingrid Lorrane Rodrigues Dias**

## Dona Izabel Dias Silva

Os encontros com Izabel foram agradáveis, pois ela demonstrava disposição em querer participar das entrevistas. Com relação a um dos nossos objetivos, conhecer como era a vida da entrevistada antes da construção da Belém-Brasília, ela nos contou sobre a migração do seu pai e o seu estabelecimento na região de Tupirama. De acordo com sua narrativa, Pacífico Silva deixou sua família em Jaiçós, Piauí, em busca de melhores condições de vida. Ele chegou em Pedro Afonso em 1939, depois se mudou para Tupirama, onde foi acolhido pela família de Leôncio de Souza Miranda.

Nessa época, Pacífico começou a trabalhar no garimpo dos “Piaus”, em direção a Cristalândia, e, na mesma época, casou-se com Julieta e ganhou uma fazendinha do seu sogro. Após alguns anos, Pacífico Silva foi ao Piauí em busca de sua família e os trouxe para morar em Tupirama. Depois de trabalhar em outros ga-

rimpos da região, como “Ponta da Serra”, “Pequizeiro” e o “Chiqueirão”, Pacífico conseguiu acumular algum dinheiro. Vendeu sua antiga fazenda e usou parte do valor como entrada para adquirir uma porção de terras de Antônio Mendes Ribeiro, conhecida como fazenda Guará, em 1959. Nessa época, doava alguns lotes para parentes e amigos com a intenção de povoar aquela região.

Nesse contexto, Izabel nasceu em 1947, em Tupirama, e na época da construção da Belém-Brasília (1958-1960), tinha 12 anos de idade. Ela recorda que o “desbravamento da Belém-Brasília” foi algo marcante em suas vidas. Como a extensão da rodovia passava pelas terras de seu pai, na fazenda Guará, ela recorda que ficava viajando constantemente para a fazenda, pois ainda morava e estudava em Tupirama.

O marcante para nós foi o desbravamento da Belém-Brasília, o movimento de peão, de carro e tudo. Todo mundo ficou animado com a abertura da BR, e teve movimento dos acampamentos do gaúcho [engenheiro George Yunes], acampamento da SPVEA, da RODOBRÁS, aquele povo (sic) fizeram aquele movimento de homens, aquele movimento todo de candango, aquele povo todo trabalhando aqui. O engenheiro Bernardo Sayão, ele passou por aqui uma ou duas vezes, ele não estava constantemente aqui, na frente do serviço não, eram os outros. Tinham os encarregados aqui da SPVEA e tinha do gaúcho.<sup>10</sup>

Conforme o seu depoimento, observamos como a presença dos acampamentos montados pela construtora de Engenharia e Construção do George Yunes, que estavam relacionados com a SPVEA e RODOBRÁS. Além disso, o movimento de trabalhadores na região foi marcante nas memórias de Izabel. Segundo o seu relato, eram uma “furupa danada dos peões”, e eles gostavam de participar das festinhas que aconteciam no povoado Guará ou

iam dançar em Tupirama e Pedro Afonso nos finais de semana.

Nos anos seguintes, após a abertura da estrada e o crescimento do povoado Guará na década de 1960, muitas famílias decidiram mudar para morar no povoado. Nesse sentido, questionamos Izabel sobre o motivo de deixar Tupirama e mudar para Guaraí, com o intuito de descobrir como a Belém-Brasília impactou sua vida:



Nós ficamos lá ainda [Tupirama]. Albino era contra sair de lá e ele não queria vir. Mas, com a saída da sede, ficou assim... esmoreceu todo mundo. O comércio lá já era bem fraquinho... nós ficamos lá, e ele não queria vir para cá. Ele ainda ficou na cidade de Paraíso, alugamos uma casa, mas nós não ficamos por lá, assim, nós terminamos mudando para cá [Guaraí] no outro ano seguinte [1972]."

Desse modo, Izabel respondeu que o principal motivo de sua mudança foi a transferência da sede da prefeitura, este resultado do crescimento e desenvolvimento da cidade de Guaraí devido à construção da rodovia Belém-Brasília. Ao mesmo tempo, houve um declínio de atividades comerciais na cidade de Tupirama. De acordo com Souza (2004), a Belém-Brasília influenciou no aspecto de urbanização, principalmente na região norte de Goiás, contribuindo para o surgimento de várias cidades e povoados, enquanto as cidades ribeirinhas, que antes detinham poder político-econômico na região, ficaram à margem desse surto de desenvolvimento. Isso ocorreu porque quase ficaram isoladas da região da rodovia Belém-Brasília, tendo como consequência o declínio do comércio fluvial.

Ao se mudarem para Guaraí depois de 1970, Izabel e sua família estabeleceram um comércio próximo à Belém-Brasília, conforme ilustrado na Figura 5, a "Casa Silva de Albino

Silva", capturada na década de 70. O estabelecimento ficava próximo à Belém-Brasília, assim como vários outros, como hotéis, posto e restaurantes.

Na imagem apresentada abaixo, temos as seguintes pessoas que foram identificadas pela própria Izabel no momento da entrevista, da esquerda para a direita: em pé, Izabel; em seguida, seu primo Pedro Barbosa segurando nos braços sua afilhada e filha de Izabel – Aldenize. O rapaz sem camisa é Albino Silva; ao seu lado, o homem de camisa preta é Francisco Aurélio, irmão de Pedro Barbosa. Logo após, Rui Lopes, amigo da família, e agachado está Luiz Silva, irmão de Albino. A menina chama-se Albene Dias e os dois meninos, Márcio Antônio e Maurílio, sendo todos filhos de Izabel e Albino. Desse modo, a partir do relato de Izabel, percebemos fortes laços sociais estabelecidos entre família e amigos, em que na época do povoado a maioria das pessoas se conhecia. No entanto, no momento da entrevista, Izabel afirma

**Figura 5: Estabelecimento comercial em Guaraí "Casa Silva de Albino Silva"**



<b>Título:</b>	Estabelecimento "Casa Silva de Albino Silva"
<b>Tipo de documento:</b>	fotografia, 1976
<b>Local:</b>	Rua 07, Centro de Guaraí (TO)
<b>Sobre:</b>	Crescimento urbano, comércios e migração
<b>Técnica:</b>	Panorâmica
<b>Origem:</b>	Izabel Dias Silva



que hoje as coisas mudaram e “eu não conheço quase ninguém, o povo todo é estranho”.

A entrevista com Izabel também forneceu um relato pessoal sobre a vinda de pessoas de outras cidades para se estabelecer em Guaraí e abrir comércios locais. Ela retrata um momento de grande expectativa e movimentação na região, em decorrência da abertura da BR-153, no qual houve uma mobilização significativa de pessoas, com acampamentos e trabalhadores envolvidos na construção da rodovia. Além dis-

so, houve a chegada de novos moradores na região, como Carlos Coelho e Osmar Botelho, e até mesmo os sobrinhos do seu Pacífico Silva, que abriram comércios e botecos na cidade.

Para ampliar a reflexão sobre o contexto, o Jornal do Brasil (RJ) publicou em 04 de dezembro de 1969, a manchete “De como nascem e crescem as cidades na Belém-Brasília” onde afirmou que “as cidades na Belém-Brasília continuam surgindo obedecendo ao mesmo princípio pioneiro de 10 anos atrás” sendo

Primeiro, num trecho qualquer da estrada, surge um restaurante, com dormitório que a servir comida e a dar dormida de rede a motoristas de caminhões de carga. Como tem homem e comida, alguma qualquer velha prostituta, aposentada no ofício, faz erguer uma palhoça, nas proximidades, recruta as moças morenas da beira da estrada e um cabaré começa então a funcionar, dia e noite. Em menos de um mês, um borracheiro se estabelece ao lado do restaurante. Finalmente é construído, no local, um posto de gasolina, de linhas modernas e com gerador de luz elétrica. Em pouco tempo, como por milagre, está formada uma comunidade (MASSON, 1969).

Diante dessa manchete, que traz relato atravessado pela leitura preconceituosa e limitada do jornal, é importante ressaltar que não devemos afirmar que a história do povoado Guará ocorreu exatamente da mesma maneira, mas que houve um crescimento nas atividades comerciais, conforme destacado. A manchete descreve a recém-criada cidade de Guaraí (1968-1969) com aproximadamente 3 mil habitantes, onde mais da metade da população é composta por crianças. A cidade conta com hotéis, dormitórios, farmácias, escola primária e posto policial, mas enfrenta desafios de saúde, como a presença de Doença de Chagas e a ausência de um posto de saúde. No ano anterior à notícia, Guaraí foi elevada à categoria de distrito e foi afirmado ter rivalidade acirrada com Tupirama, que possui apenas 500 habitantes e uma renda mensal inferior à de Guaraí.

## Depoimento dos estudantes sobre as entrevistas:

A entrevista foi leve, produtiva e bastante divertida, com perguntas que não foram muito invasivas. Dona Izabel pareceu bem confortável durante a entrevista, e até mostrou o álbum de fotos de sua família.

**Jordana Soares Oliveira**

Vimos o álbum da família, fomos bem recebidas, e ela nos contou histórias muito interessantes.

**Maria Clara Aguiar**

A entrevista foi bastante interessante, perguntas simples e produtivas e complexas, a história da família dela foi bastante incentivadora

**Cezyane Ribeiro Soares**

A entrevista foi muito boa, a dona Izabel entreteve muito a gente e assim a entrevista não ficou chata.

**Maria Clara Aguiar dos Reis**

## Dona Juceleide Barbosa da Silva

O encontro com a Juceleide, mais conhecida como Ju, ocorreu numa tarde de sexta-feira, de uma maneira agradável, ela compartilhou memórias. Todavia, apesar de nosso objetivo de conhecer como era a vida dos moradores antes da Belém-Brasília, Ju nasceu em 1974 na cidade de Guaraí, ou seja, após a abertura da estrada, do crescimento do povoado Guará, da emancipação política de Guaraí e do asfaltamento da rodovia em 1974. Mas, sua história foi incluída a partir do interesse dos estudantes em conhecer sua história de vida e por representar uma decisão diferente de outras famílias que escolheram continuar morando nas comunidades ribeirinhas, mesmo com o atrativo de morar em cidade e povoados que estavam surgindo com a Belém-Brasília.

Diante disso, Ju retratou a sua infância na Comunidade Beira-Rio, próximo ao Rio Tocantins, em que ela aponta um período de dificuldades relacionado com a ausência de um pai para cuidar da família. A rotina da Juceleide estava entre o trabalho e os estudos, e ela relembra que em sua infância aprendeu a 'socar' o arroz em um pilão para 15 pessoas, que provavelmente eram conhecidos que se ajudavam a limpar a roça de arroz. Além disso, a falta de encanamento de água naquela comunidade levava os moradores a caminhar cerca de três ou quatro quilômetros para buscar água no rio. Desse modo, ao ser questionada como era a comunidade em que ele viveu, Ju menciona que:

A comunidade “Beira-Rio” sempre teve esse nome. Era simplesinha, tinha mais roças do que casas e ficava mais perto de Guaraí do que de Tupirama. Na comunidade, só tinha uma escola, poucas casas e uma escola, era a única coisa que tinha. Para vir da comunidade para Guaraí, a estrada era de chão batido. No tempo da chuva, tinha bastante buraco, era um sacrifício para a gente vir. São 60 km, mas a gente gastava cerca de seis a sete horas desde a beira do rio até aqui em Guaraí.<sup>12</sup>

A proximidade da casa de Ju à escola permitiu que ela alternasse entre o tempo nas aulas e o trabalho doméstico. Juceleide menciona que estudava meio período de manhã, mas que algumas vezes avisava a professora que precisava ir em casa para fazer o almoço. Com 13 anos, ela substituiu a professora Elza Campos que estava doente e precisava se recuperar, com isso, Juceleide deu aulas por quase um ano na escola ao lado de sua casa.

Como foi mencionando, Ju não tem recordações da construção da Belém-Brasília e nem do início do povoado Guará, pois nasceu posteriormente aos eventos. No entanto, questionamos se ela se lembrava de algo que sua mãe dizia sobre a Belém-Brasília. Se sua mãe morava na região nessa época e já contou alguma vez como foi a construção e se mencionou algo sobre os trabalhadores. Ela nos conta, então:

Eu nasci depois da construção da Belém-Brasília e depois da criação da cidade de Guaraí. Minha mãe já morava na região quando aconteceu a construção da Belém-Brasília. Ela contava para nós que vinham homens de tudo quanto era lugar. E os serviços, tudo era braçal, não tinha máquina para roçar essas coisas, era tudo na foice. Inclusive, um amigo nosso da fazenda, os tios, aliás, o meu pai também, né? Ele veio junto e passou por Guaraí para fazer a construção e foi embora, nunca mais voltou aqui, só voltou para passeio. Era só o que ela falava pra gente, que eu lembro que ela dizia isso.<sup>13</sup>

Desse modo, Ju, nascida em 1974, compartilhou suas recordações sobre sua primeira visita a Guaraí. Ela foi questionada sobre a idade em que realizou sua primeira visita, bem como os motivos que a levaram a Guaraí nessa ocasião. Ao discorrer sobre suas lembranças da cidade na época, a discussão abordou a infraestrutura urbana, ponderando sobre se a Belém-Brasília já estava completamente asfaltada. Além disso, foram explorados aspectos relacionados à disposição das casas, à presença de comércios, e à natureza das ruas da cidade naquele período, questionando se estas ainda eram de chão batido:

Eu vim para Guaraí pela primeira vez quando tinha 15 anos por causa de uma doença. Na época, a cidade já tinha a BR, que estava asfaltada. As casas eram poucas, não tinha muitas. Os comércios eram poucos, e a maioria das ruas eram de chão batido. Essas são as lembranças que tenho da cidade.<sup>14</sup>

Diante disso, Ju explicou que sua doença era dermatite alérgica e que seu corpo estava todo ferido. Por isso, sua mãe resolveu trazê-la ao já falecido Dr. Pedro Zanina, para que ele examinasse e descobrisse qual era a doença. Na época, ele a chamou de “*elergia*”, pois antigamente não havia um nome específico para a dermatite alérgica.

Nesse sentido, quando Juceleide morava na comunidade Beira-Rio com sua família, muitas pessoas deixaram Pedro Afonso, Tupirama e fazendas para se mudar para Guaraí. Diante disso, questionamos se ela saberia nos explicar por que sua família optou por permanecer morando lá, mesmo enfrentando dificuldades, enquanto outros escolheram se mudar para Guaraí naquela época.

É porque a minha mãe, ela lutou tanto para comprar a fazenda [chamada Brejinho] e aí resolveu que não iria vender. Mesmo com a dificuldade, a gente permaneceu na fazenda. Bem, se a gente mudasse para a cidade, minha mãe não tinha marido, era só com 6 filhos pequenos. E ela não teria condições de criar os filhos na cidade. Então, lá era onde a gente tirava o nosso sustento. A gente plantava, colhia, minha mãe era tecedeira de rede, era onde ela tirava uma boa renda, fazendo rede para vender.<sup>15</sup>

O relato de Juceleide é importante ao retratar a comunidade “Beira-Rio”, onde várias famílias permaneceram morando por muito tempo. Isso ocorreu mesmo durante um período em que ocorriam movimentos de pessoas em direção às cidades que estavam se formando ao longo do eixo da rodovia Belém-Brasília. Nesse contexto, ocorria o crescimento do comércio e o isolamento da comunidade ribeirinha. Portanto, sua história representa o “diferente” ou o “oposto” do que era normalmente feito. Em vez de escolherem morar na cidade de Guaraí, decidiram permanecer na comunidade.

### *Depoimento dos estudantes sobre as entrevistas:*

Achamos extremamente interessante a história da dona Juceleide, desde o começo da sua jornada como professora na adolescência, quanto também a sua história de amor sobre como conheceu o Sr. Domingos, atual pai de suas filhas e também seu primo de 1º grau. Em sua história, ela compartilhou conosco que foi vítima de uma enchente, onde perdeu muita coisa, tanto móveis domésticos como roupas e etc. Uma de suas filhas, a mais velha, é atualmente formada em biologia graças à luta e ao suor da mãe, que é um tanto quanto orgulhosa das filhas que tem (inclusive nos contou que em sua infância nunca brincava com Barbie, e sim com bonecos feitos de sabugo de milho, e que atualmente faz tudo que pode para que suas filhas tenham acesso ao que ela não teve). A dona Juceleide é extremamente comunicativa, animada e extrovertida o que facilitou bastante na nossa entrevista e na socialização com ela. Tiramos fotografias, tivemos uma recepção maravilhosa e conhecemos até mesmo os “doguinhos” da família; sua história de vida é marcante e muito dura, mas podemos perceber que a dona Juceleide faz o possível e impossível pela família e principalmente pelas filhas

**Licyane Oliveira Moreira**



## Sugestão de atividade

Vamos tentar conectar o que aprendemos com as histórias que ouvimos dos moradores para entender melhor a cidade.

Para isso:

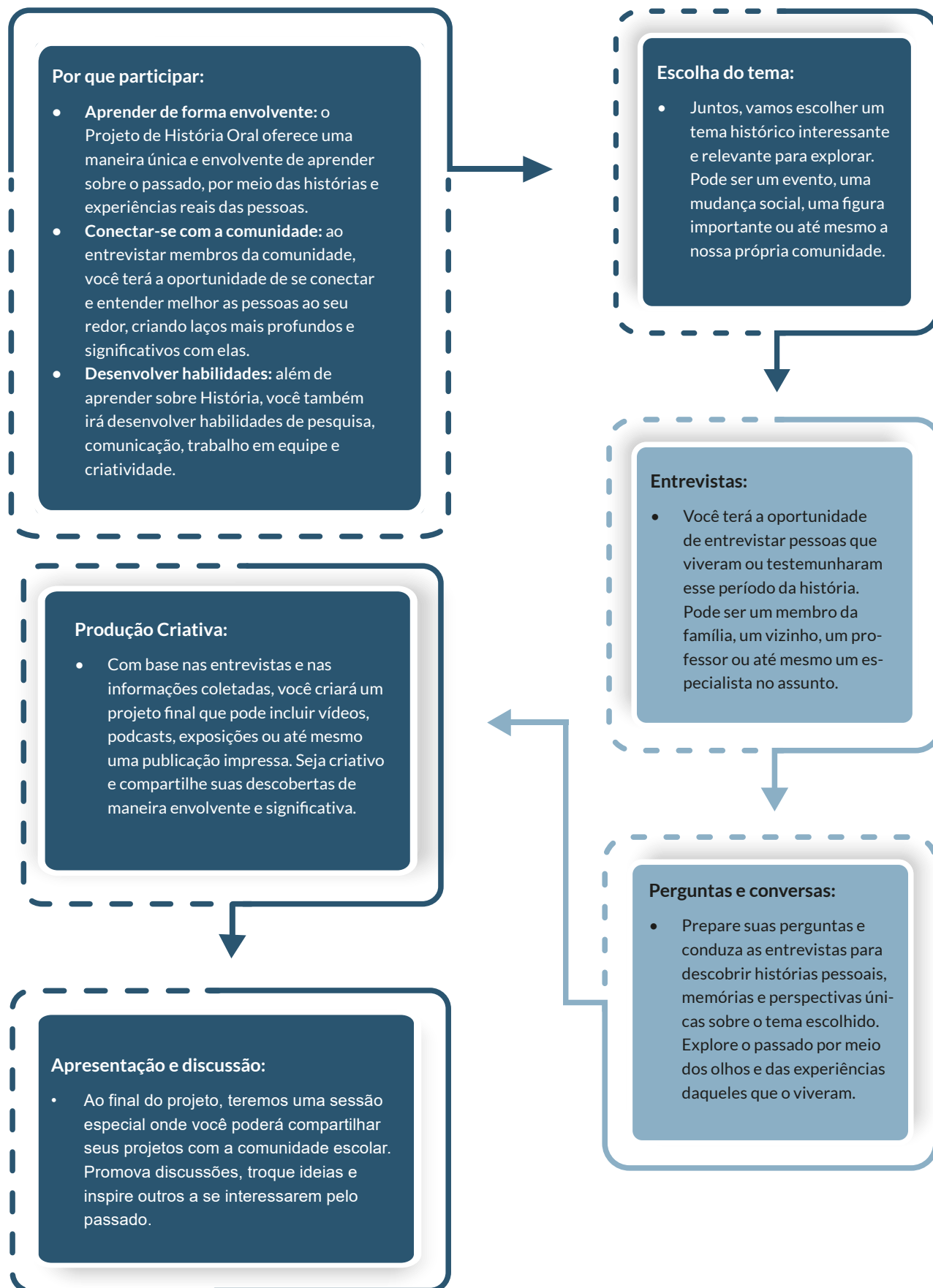
- a. Após analisarem as entrevistas, vamos ter um bate-papo em grupo para compartilhar o que vocês perceberam.
- b. Na sequência, cada um de vocês vai escrever sobre a importância dessas histórias para conhecermos mais sobre a nossa cidade.
- c. Finalmente, individualmente ou em grupo, vocês podem produzir um produto final que resuma as impressões, descobertas e conclusões a que chegaram: elaborar um texto, criar um poema ou até mesmo elaborar uma peça de teatro curtinha baseada nessas histórias.
- d. Apresentem o resultado para os colegas.

## 5. História Oral na prática

O projeto de História Oral é uma oportunidade para aprender História de uma maneira mais dinâmica e pessoal. Se você tem interesse de explorar a memória coletiva e individual, busque o apoio do seu professor e siga os passos e as orientações a seguir.



# Passos para a implementação do projeto:





## Notas

- 1 Léa Sayão, filha do engenheiro, rememora que seu pai sofreu bastante com o acidente, e devido à ausência de médico no acampamento tiveram que esperar por assistência. Horas mais tarde, conseguiram transferir Bernardo para a cidade mais próxima, Açailândia - MA, com o auxílio de um helicóptero. Contudo, no dia seguinte, receberam pelo rádio a confirmação de seu falecimento
- 2 Entrevista concedida pela senhora Constância, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em dezembro de 2023.
- 3 Entrevista concedida pela senhora Constância, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em dezembro de 2023.
- 4 Entrevista concedida pela senhora Constância, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em dezembro de 2023.
- 5 Entrevista concedida pela senhora Constância, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em dezembro de 2023.
- 6 Entrevista concedida pelo senhor Onildo, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em dezembro de 2023.
- 7 Entrevista concedida pelo senhor Onildo, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em dezembro de 2023.
- 8 Entrevista concedida pelo senhor Onildo, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em dezembro de 2023.
- 9 Entrevista concedida pelo senhor Onildo, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em dezembro de 2023.
- 10 Entrevista concedida pela senhora Izabel, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em junho de 2023.
- 11 Entrevista concedida pela senhora Izabel, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em junho de 2023.
- 12 **Entrevista concedida pela senhora Juceleide, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em janeiro de 2024.**
- 13 **Entrevista concedida pela senhora Juceleide, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em janeiro de 2024.**
- 14 **Entrevista concedida pela senhora Juceleide, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em janeiro de 2024.**
- 15 **Entrevista concedida pela senhora Juceleide, em sua residência, em Guaraí, Tocantins, em janeiro de 2024.**

## Referências

- ANDRADE, R. de P. A poeira do progresso pede passagem: imagens de natureza e desenvolvimento na floresta amazônica. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 26, p. e14, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/151039>. Acesso em: 24 dez. 2023.
- AQUINO, N. A. de. A construção da Belém-Brasília e suas implicações no processo de urbanização do Estado do Tocantins. In: GIRALDIN, Odair. (Org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Unitins. 2004. p. 315-350.
- ARRAIS, T. A.; CASTILHO, D.; AURÉLIO NETO, O. P. Integração nacional e fragmentação regional: o sentido territorial da BR-153 no centro-norte brasileiro. **GEOgraphia**, v. 18, n. 36, p. 62-85, 31 maio 2016.
- BARROS, Claudina Neri de. **Os barros nas mãos do oleiro**. Ágil Gráfica, 2016.
- CHATEAUBRIAND, Assis (Org.). Resenha dos municípios: Tupyrama não é Guaraí. **Correio Braziliense**. Brasília, 4 jan. 1970. p. 7-7. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274\\_02&pagfis=82](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274_02&pagfis=82). Acesso em: 09 jul. 2022.
- FERREIRA, Jurandy Pires. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. IBGE: Rio de Janeiro, 1958.
- INSTITUTO Mauro Borges (IMB); SECRETARIA de Estado de Gestão de Planejamento de Goiás (SEGPLAN). **Goiás em Dados –2016**. Goiânia: SEGPLAN, 2017.
- MASSON, Nonnato. De como nascem e crescem as cidades na Belém-Brasília. In: *Jornal do Brasil*. Ano 1969. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/145490](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/145490). Acesso em: 09 jul. 2022.
- RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Conceitos importantes para pesquisas em história oral. In.: CARVALHO, M. L. M.; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013.
- RIZZINI, Carlos (Org.). Coluna Leste parte hoje desta Capital: entusiasmo de diplomatas. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, p. 12-12. 28 jan. 1960. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568\\_15&pagfis=488](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568_15&pagfis=488). Acesso em: 09 jul. 2022.
- SAYÃO, Léa. **Meu pai, Bernardo Sayão**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1976.
- SILVA, Aletícia Rocha. História Local e Regional. In: MEDEIROS, Olivia Macedo Miranda de; CAIXETA, Vera Lúcia (Orgs.). **História e memória de Araguaína: Tocantins** [livro eletrônico]. Araguaína, TO: Universidade Federal do Norte do Tocantins (EDUFNT), 2023.
- SOUZA, Sônia Maria de. **O desenvolvimento vem da estrada: a Belém-Brasília e a Fundação de Guaraí (1958-1975)**. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal De Pernambuco, Recife. 1997.

SOUZA, Sônia Maria de. Belém-Brasília: abrindo fronteiras no Norte Goiano (atual Tocantins) – 1958-1975. In: GIRALDIN, Odair. (Org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Unitins. 2002. p. 351-394.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALVERDE, Orlando; DIAS, Catharina Vergolino. **A rodovia Belém-Brasília: estudo de Geografia Regional**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia, 1967.



## Sobre o autor

Dionathan Soares Fragoso, mestre de Ensino de História (ProfHistória - Mestrado Profissional em Ensino de História – UFNT), pesquisa a relação entre História Local, Identidade e Memória com os alunos do Centro de Ensino Médio Oquerlinas Torres. É também especialista em Sociologia (Estácio), graduado em História (Estácio) e Teologia (UNASP-EC). O docente atua como professor da Educação Básica da rede pública do Estado do Tocantins e na rede privada de ensino. Também participou do projeto “Portal do Bicentenário” ([link aqui](#)).